

Ana Luzia Dias Pereira

*Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da
Morfologia Distribuída*

Tese de Doutorado

Área de Concentração: Teoria e Análise Lingüística

Linha de Pesquisa: Interfaces da Gramática

Sob orientação da Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva

Núcleo de Estudos Gramaticais - NEG
Programa de Pós-Graduação em Lingüística - PPGL
Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Florianópolis, fevereiro de 2006

Agradecimentos

Muita água rolou, muita gente ajudou e teve sistema que funcionou. O sistema é a CAPES, portanto agradeço ao financiamento concedido para a realização desta pesquisa. Gente, teve de monte...

O conhecimento em lingüística da Maria Cristina é admirável; o seu profissionalismo, a sua honestidade e a sua parceria fizeram este trabalho andar, por isso, eu agradeço de verdade.

Ao Professor Paulino Vandresen - porque me abriu as portas do Projeto VARSUL (e da Lingüística) e pela pessoa que é, agradeço.

Ao Sérgio Menuzzi, Emílio Pagotto e Carlos Miotto, os avaliadores do projeto desta tese, agradeço pelas navalhadas fundamentais para a delimitação da pesquisa.

À Professora Miriam Lemle, pela leitura cuidadosa deste trabalho.

Agradeço às Professoras Edair Görsky, Izete Coelho, Ruth Lopes, Roberta Pires de Oliveira, Viviane Heberle, Zélia Viviane, Claudia Lima, Simone Schimidt, Cláudia Fáveri e Izabel Seara; e aos Professores Dário Pagel, Pedro de Souza, Gilvan Muller e Pedro Garcez, com os quais aprendi um bocado de coisa nesses anos de UFSC.

Aos meus colegas do NEG, Cláudio Gonçalves, Fabiana Santolin, Lilian Pires, Sandra Quarezemin e ao João, agradeço pelo companheirismo.

Aos meus amigos - Ana Ojala Gabriel, Simone Bobsin & Áureo & Dudu & Artur & Pedro & Vi, Angelita, Conceição, Mô & Amâncio, Roberto & Loiva, Aldo & Lulu, Martinha, Nilva, Carol & Markito, Agnes, Ângela, Graciela & Clécio, Cris Assis, Lê, Hélio, Daltro & a maravilhosa família Garcia - que tiveram muita paciência comigo neste meu período encrocado de vida e que me deram todo tipo de ajuda imaginável, nem sei como agradecer.... *dois pastel e um chops pra gente fazê uma festa na praia, tá legal?*

Ao Tata, Mãezinha, Paulinho, Luciano e Rita, com os quais aprendi que amor de berço é o que nos mantêm em pé, agradeço.

Ao Ric, por todo o mix carinho-amor-amizade e pela baita força com os nossos filhotes... *thank you for holding me.*

Dedicatória

Para os meus filhos, Caio e Cecília...

*In your eyes
The light the heat
In your eyes
I am complete
In your eyes
I see the doorway to a thousand churches
In your eyes
The resolution of all the fruitless searches
In your eyes
I see the light and the heat
In your eyes
Oh, I want to be that complete
I want to touch the light
The heat I see in your eyes*

(Peter Gabriel)

Agradecimentos	i
Dedicatória	iii
Lista de Figuras	vii
Lista de Quadros	viii
Resumo	ix
Abstract	x
Apresentação	01
CAPÍTULO 1 Descrição dos pronomes clíticos no PB contemporâneo	12
1.1 Introdução	12
1.2 Sobre os critérios adotados para a descrição dos clíticos no PB	15
1.3 Tipos de clíticos do PB contemporâneo	20
1.3.1 Clíticos que recebem papel temático dos verbos que os hospedam	22
1.3.1.1 Clíticos que recebem papel temático verbal e que não alteram a grade temática do verbo: acusativos, dativos, reflexivos e recíprocos	22
1.3.1.2 Clíticos que recebem papel temático verbal e que alteram a grade temática do verbo: <i>se</i> -nominativo e <i>se</i> -ergativo	25
1.3.2 Clíticos que não recebem papel temático dos verbos que os hospedam: inerentes, dativo ético e dativo de posse	31
1.4 Distribuição dos clíticos em relação à pessoa gramatical	37
1.4.1 Clíticos que ocorrem na primeira pessoa gramatical: <i>me</i> e <i>se</i>	39
1.4.2 Clíticos que ocorrem na segunda pessoa gramatical: <i>te</i> , <i>se</i> e <i>lhe</i>	44
1.4.3 Clíticos que ocorrem na terceira pessoa gramatical: <i>se</i> ergativo, nominativo, reflexivo, recíproco e inerente	48
1.5 Quadro de realização dos clíticos no PB contemporâneo	50
1.6 Apontamentos sobre o posicionamento dos clíticos no PB	52
1.6.1 Sobre os casos de ênclise remanescentes no PB	52
1.6.2 Sobre as construções V cl-V e cl-V V	56
1.7 Síntese do primeiro capítulo	59

CAPÍTULO 2 Fundamentação teórica	61
2.1 Introdução	61
2.2 A Morfologia Distribuída (MD)	62
2.2.1 As propriedades constitutivas da Morfologia Distribuída	66
2.2.2 As Listas	69
2.2.2.1 A Lista 1 – morfemas abstratos e raízes	72
2.2.2.2 A Lista 2 – o Vocabulário	74
2.2.2.3 A Lista 3 – a Enciclopédia	77
2.2.3 Regras Morfológicas	80
2.3 Bonet (1991)	82
2.3.1 A Gramática de Bonet (1991)	87
2.3.2 Mapeamento dos clíticos do catalão padrão	94
2.3.3 Mapeamento dos clíticos reflexivos em russo, papago, walbiri, catalão padrão, piemontês e no valenciano	101
2.4 Síntese do segundo capítulo	107
CAPÍTULO 3 A morfologia dos pronomes clíticos do PB	110
3.1 Considerações iniciais	110
3.2 O mapeamento dos traços gramaticais e as estruturas morfológicas dos pronomes clíticos do PB contemporâneo	115
3.3 Considerações sobre os paradigmas verbais do PB contemporâneo	124
3.4 Operações morfológicas que derivam os paradigmas de pronomes clíticos do PB contemporâneo	138
3.4.1 A derivação dos clíticos de 1ª pessoa	140
3.4.1.1 O mapeamento do <i>me</i> acusativo, dativo, dativo ético e dativo de posse(CL1)	140
3.4.1.2 O mapeamento dos clíticos <i>me</i> reflexivo e inerente na 1ª pessoa do singular (CL3+[+1])	142
3.4.1.3 A entrada do <i>se</i> reflexivo e inerente na 1ª pessoa do singular	148
3.4.1.4 O mapeamento do dativo ético <i>me</i>	153
3.4.1.5 A realização do clítico <i>nos</i> no PB1	157

3.4.2 A derivação dos clíticos de 2ª pessoa	163
3.4.3 A derivação dos clíticos de 3ª pessoa	170
3.5 Os clíticos reflexivos do PB em relação a outras línguas	174
3.6 Síntese do capítulo	176
CAPÍTULO 4 Considerações finais	179
Referências Bibliográficas	191

Lista de Figuras

Figura 1. Arquitetura da Gramática (simplificada)	64
Figura 2. Arquitetura da Gramática (segundo a MD)	72
Figura 3. Estruturação hierárquica dos constituintes formados por terminais sintáticos	73
Figura 4. Sintaxe de <i>John kicked the bucket</i>	77
Figura 5. Arquitetura da Gramática, conforme Bonet (1991)	89
Figura 6. Protótipo estrutural dos clíticos nas línguas românicas	90
Figura 7. Estrutura do Componente Morfológico	92
Figura 8. As estruturas morfológicas dos clíticos no catalão padrão	94
Figura 9 Traços gramaticais dos pronomes clíticos do Catalão em relação ao PB	115

Lista de Quadros

Quadro 1. Tipos de clíticos do PB contemporâneo	21
Quadro 2: Distribuição dos clíticos no PE em relação à pessoa gramatical	37
Quadro 3. Estado atual da realização de pronomes clíticos no PB contemporâneo	51
Quadro 4 Formas reflexivas em russo, papago, walbiri, catalão padrão, piemontês e valenciano	102
Quadro 5. Estruturas morfológicas dos pronomes clíticos do PB	120
Quadro 6. Paradigma verbais do PB contemporâneo, em relação aos paradigmas de pronomes clíticos	131
Quadro 7. Etapas do mapeamento de <i>me</i> acusativo, dativo, dativo ético e dativo de posse para a 1ª pessoa do singular (CL1)	141
Quadro 8. Etapas do mapeamento do <i>me</i> reflexivo e inerente (CL3 + [+1]) no contexto [Cl+V+I 1ª ps.]	143
Quadro 9. Derivação do dativo ético no PB	156
Quadro 10. Etapas da derivação do clítico <i>nos</i> no PB contemporâneo	158
Quadro 11. Etapas da derivação morfológica de <i>te</i> e <i>the</i> acusativo e dativo	164
Quadro 12. Etapas do mapeamento do <i>te</i> reflexivo e inerente (CL3 + [-1]) no contexto [Cl+V+I 2ª ps.]	166
Quadro 13. Derivação morfológica dos pronomes clíticos de 3ª pessoa	171

O principal objetivo desta pesquisa é investigar a estrutura morfológica dos pronomes clíticos do PB contemporâneo, no quadro teórico da Morfologia Distribuída, mais especificamente, nas versões da MD propostas em Embick (2004), Embick & Halle (2004), Embick & Noyer (2004) e Bonet (1991). Descrevemos, inicialmente, o estado atual do sistema de clíticos do PB, que conta com apenas quatro formas instanciadas pela gramática nuclear - *me*, *te*, *se* e *lhe* - e uma forma - *nos* - que pode ser realizada em um registro social mais formal (ou espelhada por este registro quando realizada por crianças em fase de aquisição de pronomes clíticos, por exemplo). Com o aparato teórico da MD propomos que a derivação morfológica destes clíticos resulta em três estruturas distintas: CL1 (correspondente aos acusativos, dativos, dativos de posse e o dativo ético da 1ª pessoa do singular e que recebe /me/ como especificação fonológica); CL2 (que corresponde à estrutura morfológica dos acusativos, dativos e dativos de posse da 2ª pessoa do singular e que só pode receber /te/ como expoente fonológico); e CL3 (correspondente aos reflexivos, recíprocos, inerentes, ao ergativo e ao nominativo, exclusivamente especificada por /se/). As operações morfológicas de mapeamento do PB disponibilizam uma regra adicional para os clíticos anafóricos (reflexivos e inerentes) de 1ª pessoa. Esta regra é sensível ao contexto [Cl+V+I_{1ª pessoa}] e tem como resultado a especificação fonológica destes clíticos pelo expoente /me/ quando envolve um ambiente específico deste contexto: [DP_i V_{flex} ... [Cl_i [V+I_i]]]. Quando o ambiente é [DP_i [V_{aux} +I_{1ps} [Cl_i + V_{gerúndio, infinitivo}]]], /se/ pode figurar como a realização fonológica dos clíticos anafóricos em questão. A segunda pessoa também dispõe desta regra de mapeamento adicional que é acionada quando a flexão do verbo que aloja o clítico anafórico porta o traço [-1] (correspondente à especificação de 2ª pessoa do traço [PESSOA]) ou, alternativamente, quando toda a cadeia morfológica é o contexto desencadeador da regra.

*The main objective of this research is to investigate the morphological structure of the clitic pronouns of contemporary BP, within the theoretical frame of the Distributed Morphology, mainly in the versions of MD proposed by Embick (2004), Embick & Halle (2004), Embick & Noyer (2004) and Bonet (1991). We describe initially the actual state of the system of the clitics of BP that counts only with four forms derived by the nuclear grammar – **me**, **te**, **se** and **lhe** – and one form – **nos** – that can be realized in a more formal social register (or mirrored by this register when realized by children in early acquisition phase of clitics). With the theoretical support of MD we propose that the morphological derivation of these clitics results in three distinct structures: CL1 (correspondent to the accusative, dative, possessive dative and the ethical dative of the 1st person of singular ones and that receives /me/ as phonological specification), CL2 (that corresponds to the morphological structure of the accusative, dative and possessive dative of the 2nd person singular ones that can only receive /te/ as phonological exponent) and CL3 (correspondent to the reflexive, reciprocal, inherent, ergative and nominative; exclusively specified by /se/). The morphological mapping operations of BP bring an additional rule to the 1st person clitics (reflexive and inherent). This rule is sensitive to the context [C1+V+I_{1st person}] and as a result, it brings the phonological specification of these clitics by the exponent /me/ when it evolves in a specific environment of this context: [DP_i V_{inflex} ... [Cl_i [V+I_i]]]. When the environment is [DP_i [V_{aux}+I_{1^{ps}} [Cl_i+V_{gerundive, infinitive}]]], /se/ can appear as a phonological realization of the clitic in question. The second person also has this rule of additional mapping that is started when the flexion of the verb that contains the reflexive clitic has the trace [-I] (correspondent to the specification of the second person of the trace [PESSOA]) or, alternatively, when the whole morphological chain is the context that activates the rule.*

Apresentação

Pronomes clíticos são objetos estruturalmente simples - quase sempre monossilábicos - que existem nas línguas naturais. Estes pequenos objetos deleitam e infernizam os lingüistas que se aventuram a encará-los. No universo das línguas românicas, tanto o deleite quanto o inferno decorrem de três propriedades fundamentais por eles apresentadas, que arrolamos em (01).

(01) Propriedades fundamentais dos pronomes clíticos nas línguas românicas

(i) Pronomes clíticos são fonologicamente deficientes e, por isso, são obrigatoriamente adjungidos a um hospedeiro.

- (ii) O hospedeiro do clítico pronominal tem que ser necessariamente verbal.
- (iii) Os pronomes clíticos em geral não apresentam ordem fixa em relação aos seus hospedeiros.

Estas são algumas das propriedades levantadas em Kayne (1975), berço da análise sintática dos pronomes clíticos nas línguas românicas. De lá para cá, dentro do quadro teórico gerativista, a propriedade (iii) vem sendo amplamente investigada nas línguas naturais, inclusive no Português do Brasil (PB). Nesta língua, grande parte dos estudos gerativistas que temos sobre cliticização pronominal aborda a sintaxe dos clíticos em uma perspectiva diacrônica¹.

Ocorre, entretanto, que uma abordagem exclusivamente sintática da cliticização pronominal não consegue dar conta do ‘quebra-cabeça’ formado pelas três propriedades arroladas em (01). Em mais de trinta anos de investigação na perspectiva gerativista, muitos autores nos mostram que a cliticização pronominal é um tema que deve ser analisado com o auxílio de um modelo teórico capaz de dar conta dos aspectos fonológicos,

¹Ver Galves (1993, 2000, 2001), Pagotto (1992, 1993), Nunes (1990), Torres Morais (1993), Cyrino (1993, 1997), entre outros estudos que tratam direta (ou indiretamente) da sintaxe diacrônica dos clíticos pronominais do PB.

morfológicos e sintáticos (e também os semânticos, na medida do possível) dos pronomes clíticos. Perlmutter (1971) e Zwicky (1977, 1983, 1994) foram os primeiros lingüistas que se deram conta disso.

Montar este ‘quebra-cabeça’ não parece ser difícil. Como ele tem instruções impressas na caixa, desde crianças fazemos isso sem dificuldades aparentes, principalmente porque conhecemos as instruções sintáticas, morfológicas e fonológicas das nossas línguas e nunca nos aventuramos a montá-lo levando em consideração apenas uma ou outra dessas instruções.

Explicar seus encaixes é o que transforma a brincadeira em dor de cabeça... Imagine explicar, por exemplo, os encaixes [Cl+V+I] em um sistema de pronomes clíticos como o do catalão padrão, conforme Bonet (1991), que conta com nove estruturas morfológicas distintas para os clíticos que podem ser especificadas por, no mínimo, dezenove expoentes fonológicos distintos. Além disso, e para dificultar ainda mais a brincadeira, os clíticos do catalão podem formar agrupamentos compostos por até seis expoentes fonológicos que, amalgamados, se adjungem a apenas um único verbo (Bonet, 1991; Harris, 1997).

Felizmente, o ‘quebra-cabeça’ formado pelo sistema de pronomes clíticos do PB não é tão complexo quanto o do catalão. Nossos clíticos derivam de apenas três estruturas morfológicas – C11, C12 e C13 – que podem ser especificadas por cinco expoentes fonológicos distintos: /me/, /te/, /se/, /lhe/ e /nos/. Somente os clíticos *me*, *te*, *se* e *lhe* são instanciados pela gramática nuclear do PB. O clítico *nos* não faz parte da nossa gramática nuclear².

Apesar de estruturalmente simples, o sistema de clíticos pronominais do PB contemporâneo apresenta questões ainda em aberto. Por exemplo, alguém já ouviu alguma criança brasileira (ou um adulto não escolarizado) dizendo (2a) ou (2b)?

(2a) *(Eu_i) *se*_k trouxe_i um presente.

(2b) *O João_i *se*_k convidou_i pra festinha dele.

Creio que não. Em contextos como estes, o PB dispõe de duas alternativas para expressar a leitura dativa que

² Vários autores já atestaram que o sistema de clíticos pronominais do PB conta apenas com estas formas na atualidade, como Galves (1993, 2001), Paggotto (1993), Pereira (1981), Monteiro (1991), Silveira (1997), dentre outros.

representamos em (03), ou acusativa, representada em (04).
Observe.

(3a) (Eu_i) *te*_k trouxe_i um presente.

(3b) (Eu) trouxe um presente **pra ti / pra você**.

(4a) O João_i *me*_k convidou_i pra festinha dele.

(4b) #O João convidou **eu** pra festinha dele.

No entanto, (05) é uma sentença perfeita na gramática de uma criança em fase de aquisição de pronomes clíticos³, mas será agramatical em contextos como este representado em (05) porque, depois de passada esta fase, a criança adquire um paradigma de clíticos que contém /me/ como um Item do Vocabulário específico da 1ª pessoa do singular.

(05) #Eu *se* molhei toda.

Ademais, ao que parece, os pronomes clíticos, quando dativos ou acusativos, nunca podem ser fonologicamente

³ Todas as observações que fizemos sobre o processo de aquisição de clíticos ao longo dessa tese são meramente especulativas. A proposta desta pesquisa não inclui a aquisição pronominal, muito embora seja esta uma análise fundamental para que possamos compreender melhor, por exemplo, a temática da variação clítica, assim como, o processo de desaparecimento dos pronomes clíticos do PB.

especificados por /se/ no PB. Já os reflexivos e os inerentes, por sua vez, podem ter quatro expoentes fonológicos distintos: /me/, /te/, /se/ e /nos/, a depender, fundamentalmente, da compatibilidade entre os valores dos traços [PESSOA] que estes clíticos anafóricos, os seus antecedentes e os verbos que os hospedam podem ter em uma cadeia do tipo [_{DP} Suj_i [_{DP} Cl_i [_{VP} V+I_i]]]. As crianças (provavelmente em função do acesso precoce à escola, por influência da televisão e de outras formas de mídia), inclusive, podem produzir (05) e (06) em um mesmo estágio de aquisição, mas, de modo algum, (07).

(06) Eu e a Vi_i *nos*_i pintamo_i com as tua maquiage, tá?

(07) *Ele_i *se*_i molhei_i.

Os valores dos traços de [PESSOA] em uma formação morfológica complexa (ou seja, na cadeia [_{DP} Suj_i [_{DP} Cl_i [_{VP} Vi]]]) podem não ser os mesmos, mas nunca podem ser contraditórios como em (07). Nos dialetos do sul do Brasil, por exemplo, em que *te* é uma marca registrada, a entrada de *se* na 2^a pessoa (que é a forma utilizada em outros dialetos com clíticos do sudeste, centro-oeste, norte, nordeste) parece ser uma

tendência geral em certos contextos como estes exemplificados em (08).

(08) a. Hoje vê se (tu) *te/se* veste direitinho, tá?

b. Bem feito que (tu) *te/se* apaixonou por ela.

Entretanto, há dialetos no sul que parecem não admitir a entrada do *se* na 2ª pessoa. Observe o contraste abaixo.

(09) a. *Hoje vê se tu *se* vestes direitinho, tá?

b. Hoje vê se tu *te* vestes direitinho, tá?

(10) a. *Bem feito que tu *se* apaixonaste por ela.

b. Bem feito que tu *te* apaixonaste por ela.

Já entre os florianopolitanos, tanto *te* quanto *se* são possíveis em sentenças como estas representadas em (09) e (10). Só não podem acontecer incompatibilidades como estas:

(11) a. Tu/você *se* apaixonou.

b. Tu/*você *se* apaixonasse⁴.

c. Tu/*você *te* apaixonou.

d. Tu/*você *te* apaixonasse.

A explicação para os encaixes do ‘quebra-cabeça’ clítico do PB, ao que parece, tem que levar em consideração a função gramatical, ou melhor, o tipo de clítico (se acusativo, dativo, dativo de posse, dativo ético, reflexivo, recíproco, inerente, ergativo ou nominativo) e o tipo de relação que ele mantém com pessoa gramatical (tanto no que concerne à presença (ou não) da desinência de pessoa do verbo que o hospeda, quanto em relação ao seu antecedente em uma cadeia).

O principal objetivo desta tese é descrever e analisar a derivação morfológica dos pronomes clíticos do PB contemporâneo, procurando compreender as especificidades (como estas que representamos em (05-11), por exemplo) que estes objetos apresentam na nossa língua. Na medida em que propomos uma análise morfológica que leva em consideração os aspectos da interface sintaxe-morfologia no estudo da

⁴ ‘apaixonasse’ é a forma do dialeto florianopolitano para a 2ª pessoa do pretérito perfeito ‘apaixonaste’.

cliticização pronominal do PB, esperamos colaborar para o aprofundamento deste caminho já aberto por outros estudiosos.

A nossa proposta é fundamentada pelo modelo teórico da Morfologia Distribuída (MD), mais especificamente, pela versão de Embick & Halle (2004) e Embick & Noyer (2004) que, centrada nos pressupostos minimalistas (Chomsky 1993, 1995, 1998 e 2001), segue os fundamentos básicos das abordagens precursoras da MD (Bonet, 1991; Halle & Marantz, 1993, 1994; Harris, 1997; Marantz, 1997; Noyer, 1997, 1998 e Halle, 1997).

Centraremos nossa contribuição, portanto, na tentativa de explicitar os fatos que supomos engendrar a articulação de PF, mais especificamente o Componente Morfológico, com a Sintaxe da gramática nuclear do PB atual, na derivação morfológica dos nossos pronomes clíticos. Para tanto, a tese encontra-se organizada da seguinte forma:

No **primeiro capítulo** descrevemos algumas propriedades dos clíticos *me*, *te*, *se*, *lhe* e *nos* no PB contemporâneo. Veremos, fundamentalmente, os critérios adotados para uma classificação inicial dos nossos pronomes clíticos (seção 1.2), as funções

gramaticais expressas por estes clíticos (seção 1.3) e como eles se distribuem em relação à pessoa gramatical (1.4). Com as informações destas três primeiras seções, apresentamos o quadro geral da realização de clíticos no PB contemporâneo (seção 1.5); em seguida, apresentamos alguns apontamentos sobre a posição dos clíticos em relação aos seus hospedeiros verbais no PB (seção 1.6).

No **segundo capítulo** apresentaremos o quadro teórico que fundamenta a nossa proposta. Nele veremos as propriedades constitutivas da MD (seção 2.2.1), as listas não-computacionais (seção 2.2.2), alguns apontamentos sobre o processo de linearização (seção 2.2.3), regras morfológicas (2.2.4) e a análise de Bonet (1991) sobre o sistema de pronomes clíticos em algumas línguas românicas.

O **terceiro capítulo** apresenta a nossa proposta. Veremos, em (3.2), que do mapeamento inicial dos traços gramaticais que constituem os pronomes clíticos resultam três estruturas morfológicas distintas, CL1, CL2 e CL3. Em (3.3) apresentamos algumas considerações sobre os paradigmas verbais do PB contemporâneo. Em (3.4) detalharemos a derivação morfológica

dessas três estruturas inicialmente mapeadas pelo Componente Morfológico e veremos que as estruturas CL3+[±1] estão sujeitas à aplicação da regra de empobrecimento morfológico no PB. Em (3.5) faremos uma breve comparação entre os paradigmas de clíticos reflexivos do PB, do PE e também de algumas outras línguas, como o russo, papago, walbiri, catalão, piemontês e valenciano, a partir das informações disponíveis em Bonet (1991).

O **quarto capítulo** apresenta as considerações finais sobre o estágio atual desta pesquisa e aponta alguns possíveis desdobramentos desta tese.

CAPÍTULO 1

Descrição dos pronomes clíticos no PB contemporâneo

1.1 Introdução

É fato que em se tratando de cliticização pronominal o PB apresenta particularidades que o destacam de outras línguas românicas. Maior destaque ainda apresenta o PB quando comparado ao PE, já que ambos compartilhariam um universo comum: o da língua portuguesa¹.

Ao menos dois aspectos visíveis estão diretamente relacionados a estas particularidades: (1) o número reduzido de itens clíticos realizados no PB contemporâneo e (2) a generalização da próclise em qualquer ambiente de realização clítica. Nosso principal objetivo aqui é atualizar a descrição do sistema de pronomes clíticos do PB contemporâneo para estabelecer os fatos de que esta tese tratará.

¹ Entenda-se *língua portuguesa* aqui como um construto social, externo, um denominador comum entre Brasil, Portugal e quaisquer outras unidades geopolíticas que se reportam à língua portuguesa como língua oficial de uma nação.

A gramática nuclear² do PB contemporâneo conta com poucas formas clíticas, precisamente com quatro delas: os clíticos *me*, *te*, *se* e *lhe*. Iniciaremos este percurso descritivo apontando os critérios utilizados para a classificação destas formas e as relações gramaticais que elas desempenham (seções 1.2 e 1.3). Veremos, em seguida, como estes clíticos podem ser distribuídos em relação à pessoa gramatical (seção 1.4). Com estas informações, apresentaremos o quadro atual de realização clítica no PB contemporâneo (seção 1.5).

Seguiremos a exposição apresentando alguns apontamentos sobre posicionamento dos clíticos em relação aos verbos que os hospedam (seção 1.6). A generalização da próclise no PB é absolutamente categórica nas formações clíticas com um verbo (seção 1.6.1) e predomina nas construções com grupos verbais (seção 1.6.2). Nestas últimas, a estrutura **V CI-V** é a mais recorrente no PB. No entanto, dependendo do clítico e do verbo que estas construções apresentarem, a ordem **CI-V V** ainda pode aparecer no PB. Finalizaremos o capítulo com um resumo do que nos trouxe essa descrição (seção 1.7).

² Ver Chomsky (1986a). Do inglês *core grammar*, é uma noção intrinsecamente relacionada ao conceito chomskyniano de língua interna. A gramática nuclear corresponde ao estágio de língua-I de um adulto, ou seja, é um momento relativamente estável da faculdade da linguagem. Resulta do processo de parametrização da GU (Gramática Universal) em uma língua específica. A GU, por sua vez, corresponde ao estado inicial da faculdade da linguagem, S₀.

Algumas das ocorrências descritas neste capítulo foram recolhidas de bancos de dados amplamente divulgados na literatura específica sobre o PB³. São estes:

- a) NURC/SP⁴ (Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo), com entrevistas gravadas na década de 1970.
- b) NURC/RJ⁵ (Norma Lingüística Urbana Culta do Rio de Janeiro), entrevistas gravadas nas décadas de 1970 e 1990, disponibilizadas pela Internet.
- c) VARSUL⁶ (Variação Lingüística Urbana no Sul) que contém amostras de fala das cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja (RS); Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó (SC); Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco (PR), recolhidas desde 1982.
- d) PORCUFORT⁷ (Português Oral Culto de Fortaleza), *corpus* com 62 entrevistas gravadas na década de 1990 e disponível em meio eletrônico.

³ Também apresento ocorrências que fazem parte de um acervo particular que desenvolvo desde a minha pesquisa de mestrado. Este acervo contém 27 entrevistas realizadas entre os anos 1999-2005. Destas, 17 são entrevistas com indivíduos nascidos e residentes em Florianópolis, outras 6 com nativos de São Paulo (capital) e mais 4 com nativos do Rio de Janeiro (capital). Estas entrevistas, todas digitalizadas e gravadas em ambiente acusticamente isolado, seguem preceitos metodológicos da sociolingüística variacionista e podem ser disponibilizadas pelo seguinte endereço: anadias@cce.ufsc.br.

⁴ Quatro volumes publicados sob a organização de Dino Preti (FFLCH/USP).

⁵ Endereço eletrônico: <http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj>, sob a coordenação geral de Dinah Callou (Faculdade de Letras/UFRJ).

⁶ Implementado pelas seguintes instituições de ensino superior: UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UFPR (Universidade Federal do Paraná), UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

⁷ Organizado por José Lemos Monteiro UFC (Universidade Federal do Ceará). Endereço eletrônico: <http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036>

- e) Projeto VERTENTES⁸, implementado desde 2001, apresenta dados de fala de algumas comunidades rurais do Estado da Bahia.
- f) VALPB⁹ (Variação Lingüística no Estado da Paraíba), contém 60 entrevistas com amostras de fala recolhidas a partir de 1993 e disponibilizadas eletronicamente.

1.2 Sobre os critérios adotados para a descrição dos clíticos no PB

Desde os trabalhos pioneiros de Kayne (1975) e de Zwicky (1977), a literatura específica sobre cliticização pronominal nas línguas românicas já apresentou inúmeros critérios para a classificação dos clíticos. Os critérios que adotaremos para a descrição dos clíticos do PB constituem uma adaptação daqueles apresentados na *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus *et alii*, 2003:835-844) para a descrição dos tipos de clíticos especiais do PE. Conforme as autoras, estes critérios de classificação são fundamentados por cinco propriedades que os clíticos apresentam no PE, propriedades estas arroladas na Lista 1.

⁸ Organizado por Dante Lucchesi, UFBA (Universidade Federal da Bahia). Endereço eletrônico: <http://www.vertentes.ufba.br>.

⁹ Coordenado por Dermeval da Hora Oliveira, UFPB (Universidade Federal da Paraíba). Endereço eletrônico: <http://www.chla.ufpb.br/varline/VALPB>.

Lista 1. Propriedades específicas dos clíticos no PE

- (i) o seu potencial referencial ou predicativo;
- (ii) a possibilidade de receberem um papel temático;
- (iii) a sua referência específica ou arbitrária;
- (iv) a capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clítico¹⁰ e de extração simultânea de clítico¹¹;
- (v) e a faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado.

(Cf. Mateus *et alii*, 2003:835)

Em função destas propriedades, os clíticos do PE são classificados na *Gramática da Língua Portuguesa* em cinco tipos distintos. Esta tipologia é apresentada na Lista 2.

¹⁰ Os pronomes clíticos podem funcionar como complementos do verbo sem, no entanto, ocupar as posições canônicas destes complementos verbais. Nas construções de redobro de clítico estas posições (que em outras línguas, como no PB, não podem ser preenchidas por material lexical) podem ser preenchidas no PE. Observe os exemplos de Mateus *et alii* (2003:832):

- (24) (a) Encontrámo-**las** a elas na feira do livro.
(b) Os professores ofereceram-**hes** gelados a todos no dia das crianças.
(c) Nós conhecemo-**nos** a nós próprios/a nós mesmos melhor do que a ninguém.
(d) Os carros cruzaram-**se** um com o outro a alta velocidade.

¹¹ No PE, a extração simultânea de clíticos ocorre em frases coordenadas quando apenas um único clítico pode recuperar os argumentos aos quais está associado em cada um dos termos coordenados da sentença, como exemplificado abaixo, com a numeração de Mateus *et alii* (2003:834):

- (31) (a) Ele tinha-**o** visto [-] e reconhecido [-] imediatamente.
(b) A Ana estava-**lhe** sempre a telefonar [-] para casa e a pedir conselhos [-].
(32) (a) Ele também **o** vira [-] e reconhecera [-] imediatamente.
(b) Ele nunca **lhe** telefonava [-] para casa ou pedia conselhos [-].

Lista 2. Tipos de clíticos do PE

- A. Clíticos com conteúdo argumental: são os pronominais (não-reflexos), os anafóricos (reflexos e recíprocos) e o *se*-nominativo.
- B. Clítico argumental proposicional ou predicativo: o demonstrativo *o*.
- C. Clíticos quase-argumentais: o *se*-passivo, os dativos ético e de posse.
- D. Clítico com comportamento de afixo derivacional: os ergativos/anticausativos.
- E. Clítico sem conteúdo semântico ou morfo-sintático: são os clíticos inerentes.

Das cinco propriedades arroladas na Lista 1, ao menos uma certamente não se aplica no PB: a propriedade (iv), já que não há redobro¹² e, muito menos, extração simultânea de clítico nesta língua. Esta é uma diferença expressiva entre o PB e o PE, se levarmos em consideração que esta propriedade funciona como uma ‘linha de corte’ na classificação que Mateus *et alii* (2003) fazem dos clíticos no PE. O fato de o clítico poder ou não redobrar e poder ou não ser simultaneamente extraído é, na

¹² Alguns dativos do PB apresentam algo semelhante ao redobramento. Em Castro (2002:59), que analisou a sintaxe dos pronomes clíticos no dialeto gaúcho atual, encontramos um dado de aparente redobro:

(i) Falar nisso, *me* traz um cigarro *pra mim*. [VARSUL/POA, 23:353]

Para a autora este é um caso de ênfase, que foi eliminado de sua análise por não apresentar relevância estatística.

verdade, o principal teste que as autoras utilizaram para propor a tipologia apresentada pela Lista 2.

Uma outra diferença substancial entre o PE e PB diz respeito à propriedade (i), no que se refere ao fato de o clítico poder apresentar potencial predicativo. O PB já não mais instancia a forma invariável *o* como uma alternativa correlata do pronome demonstrativo *isso*. Este clítico, historicamente, foi um dos primeiros a desaparecer do nosso sistema, conforme observou Cyrino (1993). Salvo em contextos muito controlados, e específicos da modalidade escrita da língua¹³, dados como os que seguem inexistem no PB:

- “(44) (a) *Que era culpado, ele não o declarou abertamente.*
(b) *Não havia provas contundentes para incriminar os argüidos e a juíza sabia-o perfeitamente.*”

(Mateus *et alii*, 2003:838)

Ademais, vale observar que o clítico *o* não faz parte da gramática nuclear do PB, seja ele predicativo ou não. Lembremos que o clítico acusativo de terceira pessoa - que apresentava esta mesma forma fonológica e que podia ser desdobrado nas formas

¹³ Conferir Schei (2003a) sobre o emprego do clítico demonstrativo na escrita literária contemporânea.

o(s), *no(s)*, *lo(s)* e *a(s)*, *na(s)*, *la(s)* - desapareceu totalmente do sistema de clíticos do PB¹⁴.

Cientes destas diferenças existentes entre o PB e o PE, adaptamos as propriedades arroladas na Lista 1 com a intenção de propor uma nova alternativa de classificação dos clíticos do PB. Na nossa adaptação excluimos a propriedade (iv) e incluímos parte da propriedade (i) na propriedade (iii), tendo em vista que os clíticos do PB não apresentam potencial predicativo. Fizemos, também, uma alteração de nomenclatura, já que interpretamos estas propriedades como critérios de classificação. O resultado desta adaptação está expresso na Lista 3, que arrola, portanto, os critérios de classificação dos clíticos no PB.

Lista 3. Critérios de classificação dos clíticos no PB

- (i) possibilidade de receber papel temático.
- (ii) possibilidade de modificar a grade argumental do verbo.
- (iii) possibilidade de veicular referência específica ou arbitrária.

¹⁴ Sobre o desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa, consultar Pereira (1981), Cyrino (1993), Galves (2001) e Kanthack (2002), entre outras referências.

Dos três critérios especificados na Lista 3, o primeiro nos permite dividir os clíticos *me*, *te*, *se* e *lhe* em dois grupos: (1) o grupo dos clíticos que recebem papel temático dos verbos que os hospedam, e (2) o grupo daqueles que não recebem papel temático dos verbos que os hospedam. Na próxima seção veremos que esta divisão inicial exerce um papel fundamental para postularmos que as formas *me*, *te*, *se* e *lhe* são a realização fonológica de três tipos diferentes de clíticos instanciados pela gramática nuclear do PB contemporâneo. Veremos também de que maneira os critérios (ii) e (iii) colaboram para a classificação destes clíticos.

1.3 Tipos de clíticos do PB contemporâneo

A possibilidade que os clíticos têm de receber (ou não) papel temático dos verbos que os hospedam funciona como um critério de divisão dos clíticos *me*, *te*, *se* e *lhe* em dois grupos distintos. Esta divisão inicial, no entanto, leva em consideração apenas o primeiro dos critérios arrolados na Lista 3. Os outros dois critérios que apresentamos contribuem para uma classificação mais refinada destes clíticos, tendo em vista que a alteração promovida (ou não) pelo clítico na grade argumental dos verbos e o fato de alguns deles apresentarem referência específica (e outros não) são outras duas características significativas dos

clíticos no PB. Partindo destes critérios, encontramos no PB três tipos diferentes de clíticos. O Quadro 1 apresenta esta tipologia.

Quadro 1. Tipos de clíticos do PB contemporâneo

Clítico	Características			Função gramatical	Forma Fonológica
	Critério (i): recepção de papel temático	Critério (ii): alteração da grade argumental	Critério (iii): tipo de referência		
Tipo 1	Recebem Θ	Não alteram	específica	acusativo	/me,te,lhe/
				dativo	/me,te,lhe/
				reflexivo	/me,te,se/
				recíproco	/se/
Tipo 2	Recebem Θ	Alteram	arbitrária	nominativo	/se/
ergativo				/se/	
Tipo 3	Não recebem Θ	Não alteram	específica	inerente	/me,te,se/
				dativo ético	/me/
				dativo de posse	/me,te/

Sobre o critério (i) entendemos que o clítico recebe Θ do verbo que o hospeda porque ele é realizado em uma cadeia que tem uma posição Θ -marcada, conforme Duarte (2001:135). Sobre o critério (ii) entendemos que alterar a grade argumental do verbo significa absorver a ‘referência’ de um dos argumentos. O nominativo, por exemplo, é adjungido a verbos que podem ter o argumento externo preenchido por um DP com diferentes possibilidades de interpretação. Ocorre, porém, que o clítico nominativo exige que o argumento verbal seja interpretado necessariamente arbitrário. De forma parecida, o clítico ergativo é associado ao argumento externo do verbo hospedeiro que,

tematicamente, pode ser um causador ou um agente. A presença do ergativo, no entanto, inibe a presença deste argumento, fazendo com que um verbo transitivo seja transformado em um intransitivo (Mateus *et alii*, 2003:842). O critério (iii) está relacionado à referência definida ou indefinida que o clítico tem.

1.3.1 Clíticos que recebem papel temático dos verbos que os hospedam

Os clíticos que recebem papel temático dos verbos que os hospedam são os acusativos, os dativos, os reflexivos, os recíprocos, o *se*-nominativo e o *se*-ergativo. Nas subseções que seguem descrevemos as particularidades que estes clíticos apresentam no PB.

1.3.1.1 Clíticos que recebem papel temático verbal e que não alteram a grade temática do verbo: **acusativos, dativos, reflexivos e recíprocos**

Este é o caso dos clíticos que ocorrem com verbos transitivos e bitransitivos e que estão relacionados às posições de objeto direto e objeto indireto. Podemos afirmar que estes são clíticos

pronominais propriamente ditos. Eles podem ser designados como **acusativos** (que são aqueles relacionados ao objeto direto) e **dativos** (relacionados ao objeto indireto). As ocorrências (01) e (02) configuram exemplos de formas clíticas que apresentam função acusativa:

(01) Esse que foi meu diretor *me* convidou pra...

[FLPM76:25:57]

(02) a. Eu não *te* eduquei assim. [VARISUL/POA, 20:367]

b. Eu *lhe* amo.

As próximas ocorrências são exemplos de situações em que os clíticos apresentam função dativa:

(03) As gurias *me* davam presentes no dia dos professores.

[VARISUL/POA, 20:664]

(04) Eu vou *te* dizer uma coisa muito interessante.

[NURC/RJ:233]

(05) Eu via muita coisa, num posso *lhe* dizê o que é não!

[VERTENTES, CINZENTO: AI]

Além dos pronominais dativos e acusativos, o PB conta com outros tipos de clíticos que recebem papel temático verbal e que

não alteram a grade temática do verbo que os acomoda: os clíticos anafóricos. Estes clíticos podem ser **reflexivos** (06-08) e **recíprocos** (09-10), como nos seguintes exemplos.

- (06) *Me* vesti rapidinho. [FLPPRI41:18:46]
(07) É difícil tu *te* divertir. [FLPSUP38:26:36]
(08) ...o modo dela *se* vestir. [NURC/RJ:96]
(09) Ah! a gente *se* encontra sempre todos os meses nesse jantar com os amigos.¹⁵ [DID/POA-51/77].
(10) Eles não *se* mataram por pouco.

Classificar os clíticos anafóricos, na verdade, não é tarefa das mais simples¹⁶, muito em função do fato de que nem sempre é possível determinar qual é a interpretação precisa dos mesmos. A ocorrência representada em (11), por exemplo, é um exemplo da leitura ambígua que estes clíticos podem veicular no PB e também em várias línguas românicas, já que o *se*, neste caso, pode veicular tanto a leitura reflexiva quanto a recíproca.

- (11) ...porque é uma profissão assim, digamos, que eles *se* consideram artistas, né? [NURC/RJ:96]

¹⁵ Dado extraído de Rocha (1996:357).

¹⁶ Vide classificação proposta por Nunes (1995).

Os reflexivos e recíprocos estão associados à posição de argumento interno dos verbos que os hospedam¹⁷, já que eles podem realizar o papel temático deste argumento (Williams, 1981 *apud* Mateus *et alii* 2003). As sentenças que seguem podem exemplificar tal associação:

- (12) O João_i *se*_i vestiu rapidinho.
- (13) O João_i vestiu-*se*_i rapidinho.
- (14) O João_i vestiu Ø_{k/*i} rapidinho.
- (15) O João_i vestiu o menino_k rapidinho.

A substituição do argumento interno de *vestir* por uma categoria vazia ou por um DP pleno, como em (14) e (15), nos mostra que apenas com a presença do clítico *se* é possível ter a leitura reflexiva nestas construções.

1.3.1.2 Clíticos que recebem papel temático verbal e que alteram a grade temática do verbo: *se-nominativo* e *se-ergativo*

¹⁷ Na descrição que Mateus *et alii* (2003:835) fazem dos clíticos no PE, os reflexivos são classificados como *argumentais com referência definida*, por estarem relacionados à posição de argumento interno dos verbos que os hospedam. Entretanto, alguns autores não analisam estes clíticos desta maneira. Para Cinque (1988), como citado pelas próprias autoras (Cf. nota 74:835), estes clíticos são capazes de absorver a relação temática do argumento externo do verbo, e não do interno. Mateus *et alii* associam estes clíticos ao argumento interno dos verbos muito em função do fato de eles poderem ser realizados em construções de redobro, já que “a expressão redobrada ocupa aparentemente a posição de argumento interno”.

O *se-nominativo* aparece no PB nas situações em que representa o sujeito frasal e é o único clítico que tem a capacidade de veicular referência arbitrária. Esta capacidade, de fato, recupera uma característica obrigatória do sujeito expresso pelo clítico: que ele denote entidades arbitrárias. Em função disso, alguns autores preferem nomeá-lo *impessoal*, *indeterminado* ou *indeterminador do sujeito*. As ocorrências que seguem são exemplos deste tipo de clítico:

(16) *Se* fala muito em... [FLPSUP38:17:46]

(17) ...hoje *se* faz¹⁸. [D2 Re]

(18) Lá sim é que *se* vai encontrar um monte de cinema!
[SPSUP25:38:44]

Mateus *et alii* (2003:837) recorrem a um teste para demonstrar a interpretação indefinida (ou referência arbitrária, na nossa terminologia) do *se-nominativo* no PE. O teste consiste em substituir o clítico por expressões nominais do tipo *alguém* ou *uma pessoa*, como segue exemplificado.

(19) *Alguém* fala muito em...

(20) Hoje *alguém/uma pessoa* faz...

¹⁸ Dado extraído de Galves & Abaurre (1996:290).

(21) Lá sim é que *alguém* vai encontrar um monte de cinema!

A única ocorrência, dentre os casos acima arrolados, que poderia levantar dúvida sobre a interpretação deste tipo de clítico é a de número (18). O clítico *se* é fonologicamente similar à forma reduzida do pronome pleno *você*, o que poderia (mas não necessariamente) resultar em uma interpretação definida para a ocorrência em questão, como mostra (22).

(22) Lá sim é que *çê* vai encontrar um monte de cinema!

A forma reduzida deste pronome configura um clítico fonológico. No entanto, de modo algum ela pode ser confundida com o *se*-nominativo. Uma clara evidência disso, do ponto de vista fonológico, é o fato de não ocorrer elevação da vogal média [e]¹⁹ na forma reduzida do pronome *você*, um processo que ocorre em larga escala no PB quando se trata de um ambiente fonológico específico: codas silábicas.

¹⁹ A escrita formal do PB não apresenta forma gráfica para o clítico fonológico *çê*, o que configuraria um outro tipo de evidência para a diferenciação entre este pronome reduzido e o clítico *se*-nominativo. Entretanto, não é de todo incomum encontrarmos na escrita informal do PB a representação gráfica desta redução. Neste caso, mais do que qualquer outra alternativa gráfica, o acento circunflexo sobre a vogal média /e/ representa, diacriticamente, a impossibilidade de elevação desta vogal.

(23) Lá sim é que *vo[si]/vo[se] vai encontrar um monte de cinema!

Do ponto de vista sintático, acrescenta-se, não é possível confundir *se/cê*. O *se*-nominativo é um clítico sintático. Lembremos que (i) ele pode mudar de posição em relação ao verbo que o hospeda e que (ii) ele só se adjunge a verbo, duas características que fazem deste tipo de clítico, um clítico especial (Cf. Kayne, 1975; Zwicky 1977). Ainda em se tratando de (18) vale notar que, em sentenças formadas por mais de um verbo, o *se*-nominativo pode se posicionar diante do verbo auxiliar. Este posicionamento, que não é o mais usual no PB contemporâneo, como veremos mais adiante (seção 1.6), pode ocorrer apenas com esse tipo de clítico²⁰.

O *se*-ergativo, que também pode ser denominado anticausativo, altera a grade temática do verbo a ele associado detematizando a posição ocupada pelo sujeito de alguns verbos transitivos (Burzio, 1986 *apud* Mateus *et alii*, 2003). Esta posição argumental expressaria, normalmente, as funções temáticas de agente ou causador. A presença do clítico, neste caso, tem uma

²⁰ É curioso notar a total impossibilidade de realização do *se* reflexivo ou do *se* inerente neste tipo de construções, observe.

- (i) a. *ela *se* vai ver no espelho
- b. ela vai *se* ver no espelho
- (ii) a. *ela *se* vai pintar
- b. ela vai *se* pintar

Ao que parece, é apenas com o *se*-nominativo que pode haver alternância posicional neste tipo de construções do PB.

função específica: reportar o resultado de uma ação, sem que esta, no entanto, apresente um agente/causador²¹, como representam (24) e (25).

(24) a. A porta *se* fechou sozinha.

b. A porta fechou sozinha.

(25) A Maria *se* aborreceu com o Pedro.

Mateus *et alii* (2003:841-842) observam que, no PE, o *se*-ergativo se comporta como um sufixo derivacional de transitivador quando é realizado junto a verbos que não seriam intransitivos sem a presença do clítico, como nos exemplos por elas apresentados:

- “(59) (a) *O barco virou-se.*
(b) *A tempestade virou o barco.*
(c) **A tempestade virou-se o barco.*
(d) *?? O barco virou.*
(60) (a) *Eu enervei-me/nós enervámo-nos.*
(b) *Aquela situação enervou-me/nos.*
(c) **Eu enervei/Nós enervamos.*”

Mateus *et alii* (2003:842)

Embora alguns dialetos do PB façam uso do *se*-ergativo, a presença do clítico, como nos contextos do PE arrolados pelas

²¹ Talvez seja este o motivo pelo qual encontramos em algumas gramáticas descritivas do PB o *se*-ergativo descrito como uma partícula de de transitivização verbal.

autoras em (59), de modo algum é obrigatória. Por razões diversas, (59d) e (24b) são, na verdade, as realizações recorrentes do PB. No entanto, tal como ocorre no PE, com verbos do tipo *enervar* a presença do clítico parece ser obrigatória, ao menos nos dialetos do sul.

Outra observação que estas autoras fazem sobre o *se*-ergativo no PE diz respeito ao fato de ele não poder ser confundido com o *se*-apassivante²². O ergativo, ao contrário do passivo, pode co-ocorrer com um adjunto que explicita a causa externa do evento que o verbo denota, tal como segue exemplificado em (61) das autoras:

“(61) (a) *O barco virou-se por causa de/com a tempestade.*
(b) *Nós enervámo-nos por causa de/com aquela situação.*”

(Op. Cit. p.842)

Em certas variedades do dialeto florianopolitano, principalmente nas comunidades pesqueiras mais tradicionais (como é o caso do Ribeirão da Ilha e da Barra da Lagoa), o *se*-ergativo é realizado tal como no PE. As ocorrências deste clítico em (26) e (27) são exemplos disso.

²² No PB não há *se*-passivo justamente porque o que o distingue do *se*-ergativo é a concordância (Nunes, 1990).

(26)...e a porta fechô-*se* [...] por causa do vendaval. Fechô-*se* com os meu dedo junto! [FLPBL63:34:03]

(27) O Aldo enganou-*se* com conversa fiada daquele bandidinho. [FLPPRI41:27:36]

1.3.2 Clíticos que não recebem papel temático dos verbos que os hospedam: **inerentes**, **dativo ético** e **dativo de posse**

Os **clíticos inerentes** do PB são aqueles que apresentam as seguintes características:

- (a) não estão associados a nenhuma posição argumental do verbo que os hospeda;
- (b) não estão associados a nenhuma posição de adjunto do verbo que os hospeda;
- (c) não podem ser interpretados como partícula de transitivadora;

No PB estes clíticos assumem três formas fonológicas, /me, te, se/, e são realizados junto a verbos ditos *pronominais*, como *arrepender-se*, *esquecer-se*, *lembrar-se*, *zangar-se*, *irritar-se*, *encasquetar-se*, *apoquentar-se*, *basear-se*, *queixar-se*, *suicidar-*

se, *ir-se*, *morder-se*, *matar-se*, *morrer-se*, dentre outros, como exemplificamos abaixo.

(28) A Maria *se* apaixonou pelo homem errado.

(29) ...mas aí [nisto] em que tu *te* baseias... [EFPOA-278:225]

(30) O João *se* foi/vai pra Cuba.

(31) Eu *me* mordo/mato/morro de ciúme do Pedro.

Incapazes de afetar a estrutura argumental do predicador verbal, alguns desses clíticos devem ser obrigatoriamente realizados e outros não. Um exemplo de realização obrigatória é a ocorrência (29), que resulta completamente agramatical sem a presença do clítico, como exemplificado em (32).

(32) *...mas aí [nisto] em que tu baseias...

Em alguns dialetos do PB, mais especificamente no sul do Brasil, verbos do tipo *apaixonar* exigem a presença do clítico. Esta obrigatoriedade, no entanto, parece não se aplicar em certos dialetos do Brasil Central e do sudeste, como no dialeto mineiro, por exemplo. A literatura específica sobre cliticização no PB aponta o mineiro como um dos dialetos brasileiros que menos

apresentam clíticos. Uma sentença como (33), portanto, é agramatical para os sulistas, mas não para mineiros.

(33) %A Maria apaixonou pelo homem errado.

Os clíticos inerentes que apresentam realização opcional são aqueles que ocorrem junto a verbos do tipo *ir*, *morrer*, *partir*, *chegar*, *passar*, *rir*, *sorrir*, etc, como exemplificado em (30) e (31). A gramática normativa do PB classifica estes clíticos como ‘partículas expletiva’ ou ‘pronomes de realce’. Note que dos verbos apresentados em (31), somente com *morrer* a presença do clítico não é obrigatória, já que (34) é uma sentença perfeita, e muito freqüente, no PB. Os verbos *morder* e *matar*, com estas interpretações específicas, seguramente exigem a realização clítica. A impossibilidade de (35) registra este tipo de obrigatoriedade.

(34) Eu morro de ciúme do Pedro.

(35) *Eu mordo/mato de ciúme do Pedro.

Sabemos que o PB só permite a realização de um único clítico por verbo. Com esse tipo de clítico, e também com os reflexivos, no entanto, podemos encontrar uma espécie de ‘dupla

realização do clítico' sobre o mesmo verbo, como exemplificam, respectivamente, (36) e (37).

(36) *Me* lembrei-*me*...

(37) E não foi essa a primeira vez que a minha irmã *se* encasquetou-*se* com esse meu sobrinho.[FLPPRI41:47:34]

Muito embora estas ocorrências não sejam facilmente encontradas nos bancos de dados que temos do PB, é comum observarmos este tipo de realização clítica em dialetos interioranos, de um modo geral. No falar do nativo de comunidades pesqueiras de Florianópolis, tal como expressa (37), por exemplo, estas realizações são percebidas mais comumente entre pessoas mais velhas e com pouco ou nenhum grau de escolarização.

Os dativos ético e de posse são os outros tipos de clíticos que não recebem papel temático dos verbos que os hospedam. No PB, o **dativo ético** ocorre apenas na primeira pessoa do singular²³ e tem como função manifestar o interesse do interlocutor na realização expressa pela sentença. É por esse motivo que este tipo de clítico ocorre em sentenças exclamativas, ou exortativas, na

²³ O clítico dativo ocorrer na segunda pessoa do singular talvez seja possível em contextos como o que segue:

- (i) Encerei a sala toda e avisei pro Paulinho não entrar com os pés sujos.
- (ii) E ele *te* entrou com o pé sujo?

terminologia adotada por Mateus *et alii* (2003), que observam que a entidade designada pelo dativo ético pode ser considerada como um beneficiário. Em (38) e (39) apresentamos alguns exemplos deste tipo de realização clítica no PB.

(38) O menino *me* entrou com o pé sujo em casa!

(39) Não *me* sobe nessa árvore!

O **dativo de posse**²⁴, ao contrário do ético, estabelece uma associação com a posição de argumento ou de adjunto de algum complemento verbal. Em (40) apresentamos um exemplo de possibilidade de realização deste tipo de clítico no PB, que pode assumir as formas fonológicas de 1^a e 2^a pessoas.

(40) Ele *me / te* cortou o cheque especial²⁵.

No PE, o clítico dativo de posse pode ocorrer em construções de redobro, como mostram Mateus *et alii* (2003:841) em (57).

“(57) (a) *Dói-me a cabeça a mim.*

²⁴ Ao contrário do que ocorre em outras línguas românicas, o PB parece apresentar apenas o dativo de posse alienável. Este tipo de clítico se associa com as posições de argumento ou de adjunto de algum complemento do predicado verbal desde que estas apresentem um traço [- humano]. Já os dativos de posse inalienável, por sua vez, associam-se a posições com traço [+ humano].

²⁵ Talvez o dativo de posse também possa ser realizado com *se* no PB, como exemplificado em (i).

(i) ? A Maria *se* cortou todas as mordomias.

Em (ii), no entanto, esta realização seria totalmente agramatical.

(ii) *Ele *se* cortou o cheque especial.

(b) *Ela conhece-lhe todos os seus defeitos.*”

Já vimos que não há redobramento de clítico no PB. No entanto, dados como o sugerido em (42) parecem poder encontrar algum tipo de realização.

(41) Ele cortou *o meu/o teu* cheque especial.

(42)??Ele *me* cortou *o meu* cheque especial!

É prudente observar que a alternativa padrão do PB para expressar a idéia de posse é (41), sem a presença do clítico dativo de posse. Uma realização como (42) talvez ocorra apenas em contextos de ênfase. Barros (2004) aponta que o PB tem apresentado uma tendência à realização do clítico dativo de posse, tendência esta observada, sobretudo, na fala dos mais jovens como mostram os exemplos que seguem.

(43) Não *me* enche o saco!

(44) Isso *me* lavou a alma!

(45) Fulano quase *me* comeu o fígado!

No entanto, estas estruturas clíticas de posse, segundo a autora, não fazem parte da gramática nuclear do PB. Elas seriam expressões idiomáticas cristalizadas (ou, resíduos lingüísticos,

como denominado por alguns autores) que apresentam significados especiais no PB.

1.4 Distribuição dos clíticos em relação à pessoa gramatical

A realização dos pronomes clíticos em outras línguas românicas, como no PE, por exemplo, está intimamente associada à pessoa gramatical. Estes clíticos estão relacionados às três entidades participantes no ato da comunicação – o locutor, o ouvinte e a entidade sobre a qual se faz algum comentário; daí derivam, respectivamente, a primeira, a segunda e a terceira pessoa gramatical. No Quadro 2 é possível visualizar como os clíticos do PE são distribuídos em relação a pessoa gramatical.

Quadro 2: Distribuição dos clíticos no PE em relação à pessoa gramatical²⁶

Pessoa gramatical	Clíticos não reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo/Dativo
1 ^a singular	me	me	me
2 ^a singular	te	te	te
3 ^a singular	o/a	lhe	se
1 ^a plural	nos	nos	nos
2 ^a plural	vos	vos	vos
3 ^a plural	os/as	lhes	se

²⁶ Conferir Mateus *et alii* (2003: 827).

Como podemos observar no Quadro 2, no PE a distribuição dos clíticos em relação à pessoa gramatical é visivelmente regular. Veremos nas próximas subseções que esta regularidade não está presente no PB. As diferenças mais expressivas entre estas duas modalidades do português dizem respeito às seguintes especificidades do PB:

- (a) os clíticos *nos*, *vos*, *o/a/os/as* e o *lhe* (na terceira pessoa) não existem mais;
- (b) o clítico *se* pode ocorrer na primeira pessoa do singular na fala infantil;
- (c) na segunda pessoa do singular podem ocorrer três formas distintas: *te*, *se* e *lhe*, sendo *te/se* anafóricos e *te/lhe* dativo ou acusativos.

A seguir, descreveremos mais detalhadamente como os clíticos do PB se manifestam em relação à pessoa gramatical. Essa descrição, em conjunto com a que fizemos na seção anterior, resultará no quadro apresentado em 1.5, que reporta o estado atual da realização clítica no PB.

1.4.1 Clíticos que ocorrem na primeira pessoa gramatical: *me* e *se*

A primeira pessoa do singular é fundamentalmente preenchida pelo clítico *me* no PB. Este clítico encontra grande produtividade nas funções acusativa, dativa e inerente. É, também, o único clítico capaz de ocorrer como dativo ético no PB²⁷. Outras funções por ele apresentadas são as de dativo de posse e clítico inerente. Retomemos os exemplos pertinentes:

⇒ *me* acusativo

(46) Esse que foi meu diretor *me* convidou pra...
[FLPM76:25:57]

⇒ *me* dativo

(47) As gurias *me* davam presentes no dia dos professores.
[VARFUL/POA, 20:664]

⇒ *me* reflexivo

(48) *Me* vesti rapidinho. [FLPPRI41:18:46]

⇒ *me* dativo ético

(49) O menino *me* entrou com o pé sujo em casa!

²⁷ Em outras línguas românicas, como no catalão (conforme Bonet, 1991), o dativo ético pode ocorrer na 2ª pessoa do singular.

⇒ *me* dativo de posse

(50) Ele *me* cortou o cheque especial.

⇒ *me* inerente

(51) Olha, eu *me* limito a faze(r) um bom, bom! um churrasco²⁸. [D2POA.291:185-187,p.11]

O PB contemporâneo permite (ainda que mais marginalmente) a realização do *se*-reflexivo na primeira pessoa do singular. Este tipo de utilização do *se* é muito recorrente na fala das crianças no período de aquisição pronominal, como segue exemplificado em (52), (53) e (54)²⁹.

(52) Eu *se* molhei toda. [3 anos e 2 meses]

(53) Eu sei *se* vestir sozinho! [3 anos e 11 meses]

(54) Mãe, deixa eu *se* pintar com a tua maquiagem? [5 anos e 8 meses]

A entrada do *se* na primeira pessoa do singular, outrora reino absoluto do *me*, é perfeitamente aceitável em um estágio inicial

²⁸ Dado extraído de Fávero, Andrade & Araújo (1996:499).

²⁹ Esses dados são dos meus dois filhos. Observei que a utilização desse pronome teve início quando eles tinham três anos de idade, aproximadamente. O mais velho, hoje com oito anos, não utiliza mais o *se* na primeira pessoa do singular. A mais nova, que tem seis, apresenta ainda muita produtividade deste clítico nesta pessoa.

de aquisição pronominal, como exemplificado em (52-54). Também é possível (ainda que seja sentido como marginal pelos falantes) encontrarmos este tipo de realização na fala de adultos, como reportam as seguintes ocorrências.

(55) Eu ando toda roxa porque eu tô *se* batendo toda, toda hora, o tempo todo. [FC1FLP]

(56) Se a polícia subir por aqui e sujar pro SEU lado, você tá querendo dizer que EU vou *se* ver contigo? [MCPriFLP]

(57) E eu *me* meti a fazer aquilo e vi que ia *se* arrambar. E *me* arrombei todo! [MD3FLP]

(58) É mais ou menos 15 minutos pra mim *se* vestir e *se* maquiar, todos os dias. [FC2SP]

Na primeira pessoa do plural, o *se* é a forma clítica que mais ocorre no PB contemporâneo. Nesta pessoa do discurso, este clítico desempenha as funções ergativa, reflexiva, recíproca e inerente, como mostram os exemplos que seguem.

⇒ *se* ergativo

(59) A gente *se* aborreceu com o Pedro.

⇒ *se* reflexivo

(60) ...a gente *se* trancava em algum ambiente.³⁰ [EF-SP-9/50]

(61) A gente *se* veste do jeito que dá. [VARSUL/LAGES:11]

⇒ *se* recíproco

(62) Ah! a gente *se* encontra sempre todos os meses nesse jantar com os amigos.³¹ (DID/POA-51/77)

⇒ *se* inerente

(63) Com essa doença da aids que tem aí nós devemos *se* prevenir, porque depois de tomar umas gelada não adianta que a gente não *se* controla. [FPLM45PRI:47:13]

(64) Foi uma infância legal que a gente *se* relacionou com gente [hes] mais pobre do que nós... [FLPM34SUP:00:55]

Veremos mais adiante que o *se* é uma forma de realização clítica generalizada em todas as pessoas do plural no PB, além de ser, também, a única forma de realização clítica na terceira pessoa do singular instanciada pela nossa gramática nuclear.

Apesar da presença massiva do *se* no plural, o *nos* não é uma forma de realização clítica totalmente extinta do PB. As análises

³⁰ Dado extraído de Rocha, M.A.F. (1996:353).

³¹ Dado extraído de Rocha, M.A.F. (1996:357).

de Pereira (1981), Monteiro (1991), Galves & Abaurre (1996), entre outras, reportam a realização pouco expressiva deste clítico no PB. A ocorrência de *nos*, para esses autores, está relacionada ao processo de escolarização, já que os dados encontrados provêm do NURC, que contava até então apenas com amostras de fala de indivíduos escolarizados³². Além da influência da escola, observamos que a realização do *nos* também pode estar associada à idade. Observe a ocorrência (65), uma elocução de um senhor de 65 anos.

(65) Arrumei o galpão, fiz a varanda, ele se foi embora, vim pra casa maior. [...] Daí ele vendeu pro IBDF. De certo ele não queria que eu soubesse disso... porque nós *nos*³³dava muito mesmo. [NUER: São Roque, RS, MASC, S/ESC, 65]

³² Cada vez mais precocemente as nossas crianças, independentemente da condição sócio-econômica, entram em contato direto ou indireto com o sistema educacional. As ocorrências que seguem figuram como exemplos da influência da escola (ou, indiretamente, da televisão) na aquisição de clíticos no PB. Observe.

- (i) Vamos, mãe, que o papi tá *nos* esperando. (4 anos e 9 meses)
- (ii) A Elô *nos* convidou pra ir lá na casa dela, eu e a Vi. (5 anos e 11 meses)

No capítulo 3 detalharemos a derivação morfológica do clítico *nos* no PB.

³³ Este é o único dado que encontramos em que *nos* co-ocorre com *nós*.

1.4.2 Clíticos que ocorrem na segunda pessoa gramatical: *te*, *se* e *lhe*

Na segunda pessoa do singular podem ocorrer três formas clíticas: *te*, *se* e *lhe*. No âmbito da sociolinguística laboviana, as pesquisas que envolvem (direta ou indiretamente) a temática da cliticização no PB nos permitem constatar que a variação no uso destes clíticos é notável nesta pessoa gramatical³⁴. Aparentemente, as formas *te* e *lhe*, como expressão do acusativo e do dativo, por exemplo, configuravam duas variantes diatópicas claramente marcadas no PB, com o *lhe* realizado no norte/nordeste do país e o *te*, no sul/sudeste.

O pronome clítico *te*, como exemplificado em (66-70), pode ocorrer como acusativo, dativo, dativo de posse, inerente e reflexivo.

⇒ *te* acusativo

(66) Posso *te* pegar na escola.

⇒ *te* dativo³⁵

³⁴ Ver, por exemplo, Pereira (1981), Monteiro (1991), Paredes (1998), Vieira (2002), Castro (2002), Schei (2003b), Brisolara (2004), Loregian-Penkall (2005), entre outras análises sociolinguísticas que nos trazem informações sobre o processo de variação pronominal na segunda pessoa do singular.

³⁵ Dado extraído de Bispo (2004:24).

(67) Ah! Eu vou *te* contar – é trabalhoso demais lá. [PB-APRJ p. 214].

⇒ *te* dativo de posse

(68) Então *te* cortaram a mesada?

⇒ *te* inerente

(69) Vê se *te* lembra de pegar o Caio, tá?

⇒ *te* reflexivo

(70) Tu *te* veste sozinho, tá?

O *se* ocorre apenas como reflexivo na segunda pessoa do singular e o *lhe* pode desempenhar as funções dativa e acusativa. A realização do *lhe* e do *se*, nesta pessoa, distingue visivelmente o PB do PE. No PE estes clíticos são da terceira pessoa (só podendo ocorrer na 2ª pessoa em contextos formais em conjunção com certos pronomes de tratamento) e não temos indícios de que o *lhe* possa desempenhar a função acusativa desempenhada em alguns dialetos do PB, quando relacionado, particularmente, a um referente [+ humano]. Examinemos cada um dos casos nos exemplos abaixo:

⇒ *se* reflexivo

(71) Por que você *se* vestiu desse jeito?

⇒ *se* inerente

(72) Você *se* esqueceu dele outra vez!

⇒ *lhe* dativo

(73) ...que você fale o que *lhe* ocorre [NURC/RJ,233:09]

(74) ...mas eu não vejo televisão, já *lhe* disse³⁶. [D2-REC-05:1.367]

(75)...eu *lhe* pergunto o seguinte... quem *lhe* garante que³⁷
[D2-RE-05:153-172,p.4-5]

⇒ *lhe* acusativo³⁸

(76) Eu *lhe* vejo.

(77) Eu *lhe* encontro na festa.

No que diz respeito à alternância *te/se* na segunda pessoa do singular, Schei (2003a:25) observa que o *te* encontra realização em dialetos outros que não apenas sulistas, “*mesmo quando o sujeito é você*”, como mostra (78), dado extraído pela autora do *corpus* do Projeto NURC:

³⁶ Dado extraído de Risso, M. S. (1996:357).

³⁷ Dado extraído de Fávero, Andrade & Aquino (1996:483).

³⁸ Dado extraído de Parceros (1999:07).

(78) Você está trocando dinheiro por uma coisa que outra pessoa *te* dá.

[D2-SP-343:717-718]

É interessante observar, entretanto, que a aparente não concordância entre o pronome clítico e o sujeito, apresentada em (78), não ocorre em contextos realizados com o *te* reflexivo. Nestes contextos, observamos que o *te* reflexivo é incompatível com o pronome pessoal *você*, caso em que apenas se fornece uma oração bem formada como mostram (79) e (80).

(79) Você *se* vestiu direitinho?

(80) *Você *te* vestiu direitinho?

Observa-se que em alguns dialetos do sul (nos dialetos dos pampas, por exemplo) o pronome tônico *tu* é incompatível com o clítico reflexivo ou inerente *se*, ao passo que em outros (como o porto-alegrense e o florianopolitano) não. Examine os exemplos.

(81) Tu *se* veste direitinho, tá? (POA/FLP)

(82) Vê se tu *se* lembra de trocar o óleo, viu? (POA/FLP)

(83) *Tu *se* vestes direitinho, tá? (dialetos pampas)

(84) *Vê se tu *se* lembras de trocar o óleo, viu? (dialetos pampas)

A presença de marcas flexionais específicas da segunda pessoa parece ter um papel crucial para determinar as propriedades deste paradigma. Esta é uma das discussões centrais do terceiro capítulo.

No PB contemporâneo, a única forma clítica que pode ocorrer na segunda pessoa do plural é o *se*, nas funções inerente ou reflexiva e recíproca, como exemplificado abaixo.

(85) Vocês vão para lá *se* virar.

[NUER: São Roque, RS, 77, S/ESC]

(86) a. Quando foi que vocês *se* casaram?

[POA, FEM, SUP,32]

b. Como vocês *se* vestem mal.

1.4.3 Clíticos que ocorrem na terceira pessoa gramatical: *se* ergativo, nominativo, reflexivo, recíproco e inerente

Na terceira pessoa gramatical, tanto no singular quanto no plural, há apenas uma opção de realização fonológica para os clíticos no PB: a forma *se*. Nesta pessoa este clítico pode

desempenhar as funções ergativa e nominativa (no singular), reflexiva e inerente (no singular e no plural) e também recíproca, no plural. Observe os exemplos.

⇒ *se* ergativo

(87) O barco *se* virou com o vento.

⇒ *se* nominativo

(88) *Se* falou em mais ou menos 15 anos de espera pra conseguir o transplante.

⇒ *se* reflexivo

(89) Ela *se* sente bem³⁹. [D2-SP-360:411]

(90) Eles *se* sentiram bem mais leves depois daquela reunião.
[FLPM76SUP03:55]

⇒ *se* inerente⁴⁰

(91) Então ela... *se* cala um pouco. [D2-SP-360:237]

(92) porque eu estou habituada... a ler sentenças de juízes... onde esses juízes colocam... uma interpretação... nas suas sentenças... fundamentando-*se* em conhecimentos... não somente da psicológi::a... mas também da sociologi::a
[EF-REC-337:391-394]

³⁹ Dado extraído de Schei (2003b:60).

⁴⁰ As ocorrências (91) e (92) constam em Schei (2003b), nas páginas 62 e 68, respectivamente.

⇒ *se* recíproco

(93) Tinha a turma do Josafaz e a turma do Faxinalzinho. Eles não *se* acertava muito. Quando tinha baile eles sempre *se* brigavam”.

[NUER: São Roque, RS, MASC, PRI, 53]

(94) Eles *se* respeitavam nos terreno pelas grotas.

[NUER: São Roque, RS, MASC, S/ESC, 85]

1.5 Quadro de realização dos clíticos no PB contemporâneo

Em 1.3 e 1.4 descrevemos alguns aspectos do comportamento dos pronomes clíticos realizados no PB. Nessa descrição levamos em consideração dois aspectos específicos: (i) as relações (ou funções) gramaticais desempenhadas por esses clíticos, e (ii) a maneira como eles se distribuem em relação à pessoa gramatical. As informações que obtivemos nesse percurso descritivo estão codificadas no quadro que segue.

Quadro 3. Estado atual da realização de pronomes clíticos no PB contemporâneo

Tipo de clítico		Pessoa gramatical					
		Singular			Plural		
		1 ^a	2 ^a	3 ^a	1 ^a	2 ^a	3 ^a
Tipo 1	acusativo	me	te,lhe				
	dativo	me	te,lhe				
	reflexivo	me (se)	te,se	se	se (nos)	se	se
	recíproco				se	se	se
Tipo 2	nominativo			se			
	ergativo			se			
Tipo 3	inerente	me (se)	te,se	se	se (nos)	se	se
	dativo ético	me					
	dativo posse	me	te				

Se comparamos este quadro com o quadro de distribuição dos clíticos no PE conforme pessoa gramatical (quadro 2, seção 1.4), é possível observar o quanto essas duas variedades da língua portuguesa divergem em relação ao uso de clíticos. As informações que obtivemos sobre a realização dos clíticos em relação à pessoa gramatical, portanto, configuram um importante aspecto de diferenciação entre o PB e o PE.

Na próxima seção apresentaremos uma breve descrição do posicionamento dos clíticos *me*, *te*, *se* e *lhe* no PB, o que configura um outro aspecto de diferenciação entre os nossos

clíticos e os clíticos do PE, recorrente nas análises de que dispomos sobre a cliticização pronominal no PB.

1.6 Apontamentos sobre o posicionamento dos clíticos no PB

Na literatura específica sobre cliticização no PB, seja ela de cunho gerativista ou não, há um ponto em que todos os autores concordam: nossos clíticos são essencialmente proclíticos. A próclise é fato consumado na nossa língua, tanto em construções com um verbo quanto com aquelas que podem ter mais de um verbo. Por esse motivo, mas também levando em conta que não é objetivo desta tese analisar o posicionamento dos clíticos no PB, apontaremos nesta seção apenas algumas particularidades do PB sobre este aspecto.

1.6.1 Sobre os casos de ênclise remanescentes no PB

Vários autores reportam uma pequena, e estatisticamente irrelevante, alternância entre ênclise e próclise no PB, alternância que envolve praticamente apenas uma única forma fonológica: o clítico *se*. Nesses casos, o *se* pode desempenhar as funções reflexiva, ergativa, inerente ou nominativa. Schei (2003), por exemplo, que analisa o posicionamento dos pronomes clíticos no

corpus do Projeto NURC, constata que, das mais de 800 ocorrências de clíticos encontradas, apenas 10% delas eram enclíticas ao verbo, como segue exemplificado abaixo⁴¹.

(95) Decola-*se*, não é? [D2-SSA-09: pág.55, linha 7]

(96) Bate-*se* um ovo [D2-POA-291:174]

A autora observa que esses casos de ênclise ocorrem, quase que exclusivamente, com um único tipo de clítico: o *se*-nominativo (ou indeterminador, na terminologia por ela adotada). A observação de Schei (2003a) reforça o que Pereira (1981), Monteiro (1991), Lobo (1992), Galves & Abaurre (1996), entre outros, já haviam sinalizado sobre o posicionamento de clíticos no PB. Schei (2003b), seguindo Pereira (1981), afirma que no PB há verbos que favorecem a ênclise, verbos estes que constituem “formas cristalizadas”.

Para Galves & Abaurre (1996) a opção pela ênclise nesses contextos decorre de uma motivação mais discursiva, já que esse tipo de ocorrência é comum no discurso didático e em receitas culinárias, ambientes discursivos que, preservando uma “*natureza prescritiva, favorecem a indeterminação do sujeito e privilegiam um registro de língua em que, marginalmente, a ênclise ainda se*

⁴¹ Dados extraídos de Schei (2003b:62).

mantém na língua” (Op. Cit. p. 290), como registram seus exemplos⁴²:

(97) Então a isso, chama-*se* de ginecomastia [EF-Ba]

(98) Esses tubérculos, chegou-*se* à conclusão... [EF-Ba]

(99) Parte-*se* um ovo... e serve-*se*... [D2-Poa]

(100) depois dele limpo, tira-*se* o lombinho [D2- Poa]

Outros casos de ênclise, envolvendo os acusativos de terceira pessoa, foram reportados por Galves & Abaurre (1996:289). Observa-se, no entanto, que este tipo de clítico, quando ocorre no PB, não apresenta alternância de posição. Ele ocorre fundamentalmente como enclítico.

(101) porque é uma tarefa assim muito séria de encaminhá-*la*
para o caminho certo. [D2-SP]

(102) os outros mesmos não se incumbem de colocá-*la*.
[D2-SP]

(103) não seria conveniente mudá-*lo*.
[D2-Poa]

(104) isso vai levá-*lo* a encontrar uma cristianização.
[D2-RE]

⁴² (97-98) retomam os exemplos (13) de Galves & Abaurre (1996:289) e (99-100), dois dos seus exemplos em (14), da mesma página.

Nota-se que a forma fonológica do acusativo de 3ª pessoa nos contextos representados em (101-104) está atrelada à realização do verbo no infinitivo. Para Nunes (1993a), o *onset* destes clíticos é licenciado em função de dois processos fonológicos específicos deflagrados quando o clítico se adjunge ao verbo: a assimilação dos fonemas /r,s/, em posição final do verbo, aos traços apresentados pelo *onset* da sílaba do clítico, tal como exemplifica (105), e a multiassociação do traço [+nasal] quando o clítico se posiciona ao verbo, como mostra (106), retirados de Nunes (1993a:209):

(105) a. ver + o - < vê-*lo*

b. fizemos + o - < fizemo-*lo*

(106) compraram + o - < compraram-*no* ([kõprarãwno])

Este licenciamento só é possível porque a direção da cliticização fonológica no português é da direita para a esquerda, tal como afirma Carvalho (1989). Para este autor, os clíticos no PE são sempre fonologicamente enclíticos aos seus hospedeiros, sejam eles verbos ou não. Observe (*op cit.*:209):

(107) Quem-*me* vê?

(108) Não-*te* vi.

(109) Já-*te* digo.

(110) Vamo-*nos* encontrar.

1.6.2 Sobre as construções V cl-V e cl-V V

Uma outra particularidade sobre o posicionamento dos clíticos no PB diz respeito às construções que apresentam mais de um verbo. Nesses contextos, os clíticos ocorrem, quase que exclusivamente, adjungidos aos verbos mais baixos da sentença; na maioria dos casos, estes são os verbos que atribuem papel temático a esses clíticos. A ordem V cl-V é a grande inovação do PB, como mostra o estudo de Pagotto (1993) sobre processo de mudança diacrônica na posição dos pronomes clíticos.

Galves (2001) atribui o padrão proclítico do PB, em construções mono ou pluri-verbais, ao fato de que nossos clíticos são claramente adjungidos aos verbos que os hospedam e que lhes atribuem papel temático, tal como mostram (111) e (112).

(111) Ela quer *me* encontrar nas férias.

(112) Ela pode querer *me* encontrar nas férias.

Galves (2001:134) apresenta dados que demonstram, através do acréscimo de palavras entre o primeiro verbo e o pronome, que o clítico está ligado ao verbo atribuidor de papel temático:

(113) Todos podiam, em termos industriais, *se* desenvolver.
[RJ-EF]

(114) Não posso no momento *lhe* dar uma resposta. [REC – Did]

Como mostra Pagotto (1992), mesmo em sentenças que apresentam elementos atratores (palavras negativas, complementizadores e alguns advérbios antes do verbo auxiliar ou modal, o clítico permanece ligado ao verbo que lhe atribui papel temático. Veja os dados levantados por Galves (2001:134).

(115) Agora não tinha *me* lembrado [POA – Did]

(116) Essas indústrias novas que estão *se* implantando.
[SSA-D2]

(117) Alguém já poderia *me* dizer. [RJ-EF]

A autora, seguindo o que propõe Uriagereka (1992), considera que os pronomes *me*, *te*, *se* e *lhe* são sintagmas que se adjungem à primeira projeção que domina o verbo que seleciona

estes clíticos. Este seria o motivo pelo qual estes pronomes são realizados sempre em contigüidade aos seus verbos temáticos.

No entanto, nas construções com dativo ético, como em (i) e (ii), afirmar que o clítico necessariamente se adjunge ao verbo que lhe atribui papel temático parece um tanto quanto problemático.

(118) Nem *me* pense em salgar essa carne!

(119) Vê se não *me* chega atrasado de novo!

O PB apresenta contextos em que o clítico pode se antepor ao verbo auxiliar na sentença, configurando a realização da alternativa **cl-V V**. Esta construção envolve, aparentemente, apenas o clítico se-nominativo, tal como exemplifica Castro (2002:53).

(120) Pra *se* poder caminhar...[VARSUL-POA-21:082]

Finalmente, não é demais relembrar que o PB não admite mais do que um único clítico realizado por sentença, razão da agramaticalidade de (121) abaixo. Salvo em expressões idiomáticas, como esta representada em (122) que é muito comum

entre os gaúchos (principalmente os mais velhos), é possível encontrar um único verbo hospedando dois clíticos.

(121) *O barco *se*_{erg} *me*_{dat ético} virou.

(122) *Te*_{dat} dou-*lhe*_{¿dat ético?}

1.7 Síntese do primeiro capítulo

✓ Quatro clíticos são instanciados pela gramática nuclear do PB: *me*, *te*, *se* e *lhe*.

✓ A 1ª pessoa do singular está sofrendo um processo de empobrecimento morfológico, já que a forma invariável *se* substitui *me* em certos contextos no PB.

✓ Quando reflexivos e inerentes, *te* e *se*, estão em distribuição livre em alguns dialetos do PB que apresentam empobrecimento morfológico da 2ª pessoa do singular. Em outros dialetos, em que o verbo que hospeda o clítico reflexivo (ou inerente) preserva a desinência de pessoa, só pode ocorrer *te*.

✓ Como acusativos ou dativos, os clíticos *te* e *lhe* estão em distribuição complementar no PB.

- ✓ No plural, não há formas clíticas específicas para os clíticos, ocorrendo apenas o invariável *se*. O pronome clítico *nos* não é instanciado pela gramática nuclear do PB.
- ✓ A posição privilegiada do clítico é em próclise ao verbo lexical da sentença.

Basicamente são estes os fatos de que esta tese tratará. Passemos agora à exposição do quadro teórico que nos permitirá analisar essas particularidades que os clíticos apresentam no PB contemporâneo.

CAPÍTULO 2

Fundamentação teórica

2.1 Introdução

Este capítulo está estruturado da seguinte forma: inicialmente veremos quais são as propriedades constitutivas da MD (2.2.1), o que são as listas não-computacionais e onde elas são acessadas (2.2.2), seguido de uma rápida apresentação das principais regras morfológicas na MD (2.2.3). Estas quatro subseções são baseadas fundamentalmente pelas propostas de Embick & Halle (2004) e Embick & Noyer (2004) e apresentam os apontamentos essenciais sobre a versão da MD que adotaremos na análise sobre os pronomes clíticos do PB. Apresentaremos, em seguida, na seção (2.3), a análise de Bonet (1991) para os clíticos do catalão e, em (2.4), sintetizaremos os principais pontos de interesse abordados no capítulo.

2.2 A Morfologia Distribuída (MD)

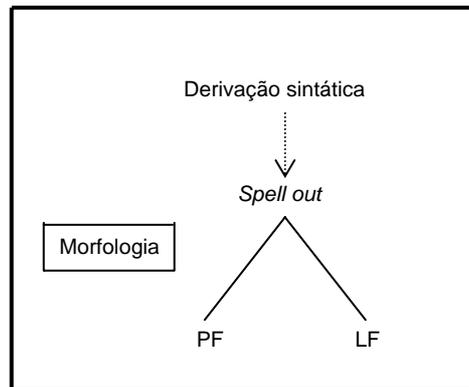
A versão da MD defendida por Embick & Halle (2004) e Embick & Noyer (2004) que apresentaremos aqui é guiada por preceitos minimalistas (Chomsky, 1993 e propostas subseqüentes). Para estes autores, a MD é uma teoria que explora a interface sintaxe-morfologia na derivação das palavras, vista a morfologia como um sub-componente de PF. Mais especificamente, é interesse da MD analisar como (e em que medida) a derivação morfológica de uma palavra está associada à sintaxe da língua; igualmente, a DM se pergunta em que medida as condições de interpretabilidade das interfaces C-I (Conceitual-Intencional) e A-P (Articulatório-Perceptual) exerceriam influência sobre a derivação morfológica das palavras nas línguas naturais.

Ao menos dois aspectos centrais devem ser abordados em uma teoria da interface sintaxe-morfologia: (i) a maneira como as ‘palavras’ e as suas estruturas internas – domínio tradicional da morfologia – se relacionam com as estruturas geradas pela sintaxe, e (ii) os aspectos constitutivos da relação existente entre as regras que derivam ‘palavras complexas’ com as regras que derivam estruturas sintáticas (Embick & Noyer, 2004:01).

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa nesta interface, várias propostas de análise surgem para explicar os fatos que as línguas naturais trazem a respeito de (i) e (ii). Muitas dessas propostas foram fundamentadas por desdobramentos da Hipótese Lexicalista (Chomsky, 1970), que contava com duas versões, uma forte (nenhuma morfologia se faz na sintaxe) e uma fraca (a morfologia flexional se faz na sintaxe, mas não a derivacional). O léxico, através do seu próprio conjunto de regras, devia fornecer unidades estruturalmente complexas (as palavras) à sintaxe, com as quais a sintaxe operaria seguindo o seu próprio conjunto de regras. Dessa forma, a relação entre o léxico e a sintaxe era opaca (ou indireta), já que não se dispunham de razões aparentes para se pensar, neste quadro, que poderia haver algo em comum entre a formação das palavras e a formação de objetos sintáticos complexos.

Para a MD, por outro lado, apenas um único sistema gerativo é responsável pela derivação das palavras e dos sintagmas: a sintaxe. Na verdade, palavras e sintagmas constituem *objetos complexos* e a derivação desses objetos se dá através de duas operações sintáticas básicas: *concatenar* e *mover*. A concepção da gramática adotada pela MD é representada, resumidamente, na figura 1:

Figura 1. Arquitetura da Gramática¹ (simplificada)



Nesta concepção há uma relação direta (ou transparente) entre a sintaxe e a morfologia: a palavra deixa de ser um objeto derivacional privilegiado, tal como era concebida nas análises fundamentadas pela Hipótese Lexicalista, e passa a ser derivada pelos mesmos princípios que governam a composição de qualquer objeto sintático. Nas palavras de Embick & Noyer (2004:01)²:

“Assim a ‘palavra’ não é um objeto derivacional privilegiado na medida em que a arquitetura da gramática é levada em consideração, uma vez que todos os objetos complexos, quer sejam

¹ Figura extraída e traduzida de Embick & Noyer (2004:3).

² Adaptação do original: *“Thus the ‘word’ is not a privileged derivational object as far as the architecture of the grammar is concerned, since all complex objects, whether words and phrases, are treated as the output of the same generative system (the syntax).”*, Embick & Noyer (2004:01)

palavras ou frases, são tratados como o output do mesmo sistema gerativo (a sintaxe).”

Seguindo essa perspectiva, a MD é uma proposta teórica que se ocupa fundamentalmente de três tópicos específicos:

- (i) dos elementos primitivos da derivação sintática (a questão tradicional sobre o *morfema*);
- (ii) dos princípios que governam o agrupamento destes elementos primitivos em objetos complexos (mais especificamente, a questão sobre quais estruturas podem ser derivadas pela sintaxe e/ou, talvez, pela fonologia);
- (iii) de como as formas fonológicas se relacionam com esses primitivos e também com os objetos complexos resultantes da combinação desses primitivos.

Uma abordagem minimalista da gramática deve conter, necessariamente: (a) um conjunto de primitivos, (b) um sistema derivacional que combina esses primitivos em objetos

complexos, (c) uma interface com o sistema conceitual/intencional (LF) e (d) outra com o sistema articulatorio/perceptual (PF).

A sintaxe constitui, portanto, um conjunto de regras que geram estruturas sintáticas, objetos para outras operações que podem ocorrer em PF e em LF. As regras que irão operar sobre a morfologia são, em princípio, as mesmas que operam na sintaxe, basicamente porque “[...] *no caso mais simples, a estrutura morfológica em PF é simplesmente a estrutura sintática*”³ (Embick & Noyer, 2004: 3).

2.2.1 As propriedades constitutivas da Morfologia Distribuída

Três propriedades específicas diferenciam a MD de outras perspectivas morfológicas, sejam elas de interface ou não. Estas propriedades são: (i) Inserção Tardia (*Late Insertion*), (ii) Subespecificação (*Underspecification*) e (iii) Estrutura Sintática *All the Way Down*. Outras teorias também apresentam essas

³ Adaptação do original: “[...] *in the default case, the morphological structure at PF is simply the syntactic structure.*” (Embick & Noyer, 2004: 3).

propriedades; no entanto, é apenas a MD que articula a operação dessas três propriedades. Vejamos quais são as especificidades que essas propriedades apresentam, conforme disposto em Halle & Marantz (1994:275-277).

- (i) É através de **Inserção Tardia** que os nós terminais, previamente organizados em estruturas hierarquizadas na sintaxe, receberão matrizes de traços fonológicos. Isso significa dizer que, em princípio, esses nós terminais são constituídos apenas por conjuntos de traços sintáticos, semânticos e morfológicos. Os traços fonológicos são suplementados depois da sintaxe, através da inserção de itens do vocabulário (*Vocabulary Items*) nesses nós terminais. A inserção de vocabulário (*Vocabulary Insertion* - VI) acrescenta apenas informação fonológica a esses nós, sem interferir nos traços sintáticos/semânticos que os constituem.

- (ii) Compreende-se pela propriedade de **Subespecificação** que, antes de ocorrer a especificação fonológica propriamente dita, os itens do vocabulário são emparelhados aos nós terminais. Se item e nó contêm subconjuntos de traços equivalentes (combináveis,

correspondentes – *matching*), o expoente fonológico do item do vocabulário subespecifica este nó terminal correspondente. Se um item vocabular não contém traços que combinem com os traços constitutivos de um determinado nó terminal, o processo de inserção de vocabulário não será efetuado. As línguas naturais, deve-se notar, nem sempre apresentam emparelhamentos perfeitos entre o conjunto de traços dos itens vocabulares e o dos nós terminais. Em função disso, a teoria prevê que pode ocorrer competição entre itens vocabulares no processo de inserção vocabular, dado que eventualmente vários itens da língua poderiam ter traços não conflitantes com os traços do nó terminal. A resolução desse tipo de competição leva em consideração a Condição Elsewhere^{4,5}, em que “[o] Item de Vocabulário mais especificado, cujos traços de identificação formam um subconjunto dos traços do nó terminal, ganha a

⁴ Sobre Condição Elsewhere, ver Kenstowicz (1994, capítulo 5), que resume aspectos fundamentais desta condição. Originalmente formulada na teoria fonológica gerativista, mais especificamente na fonologia lexical, esta condição foi adotada primeiramente por Bonet (1991), dentro desse quadro teórico que hoje é concebido por Morfologia Distribuída.

⁵ Veremos em (2.2.2.3) uma outra formulação desta Condição - o Princípio do Subconjunto (Harris, 1997) - que adotaremos na nossa análise dos pronomes clíticos do PB.

competição e é inserido.”⁶ (Halle & Marantz, 1994: 276)

- (iii) Os nós terminais são organizados em estruturas hierárquicas determinadas por princípios e operações sintáticas. As estruturas hierárquicas, entretanto, podem ser modificadas no caminho para PF através de operações morfológicas. Estas modificações - dentre as quais, o movimento de núcleo a núcleo, fusão, fissão, inclusão e o apagamento de traços - devem respeitar certas condições de localidade determinadas por princípios sintáticos ou morfológicos. Portanto, desde que entram na computação gramatical até a saída em PF, os nós terminais são condicionados por uma **Estrutura Sintática *All the Way Down***.

2.2.2 As Listas

A MD explodiu o Léxico (Marantz, 1997:203). Explodiu um léxico poderoso que era capaz de criar palavras através de

⁶ Adaptação do original: “*The most highly specified Vocabulary Item whose identifying features are a subset of the features of the terminal node wins the competition and is inserted.*” (Halle & Marantz, 1994: 276)

processos distintos ou não dos processos sintáticos que concatenavam morfemas e/ou palavras. Na Hipótese Lexicalista, lembremos, algumas formações podiam ser totalmente derivadas no Léxico, enquanto outras, aquelas que envolviam flexão, seriam derivadas na Sintaxe⁷. Na formação de nominalizações, por exemplo, a derivação fonológica e a conexão entre estrutura e significado podiam ser legitimadas no Léxico.

Os fundamentos essenciais para o funcionamento do mecanismo gramatical, no que diz respeito ao léxico, foram distribuídos, pela MD, em listas não computacionais ao longo da gramática. Esta é uma preocupação básica quando se pensa em desenvolver um mecanismo gramatical, seja ele qual for, já que *“qualquer teoria deve incluir uma ou mais listas de elementos atômicos que o sistema computacional da gramática possa combinar em unidades mais amplas.”*⁸ (Marantz, 1997:203).

A informação lexical que irá alimentar a sintaxe, PF e LF, conforme apresentado na figura 1 (em 2.2), é, portanto, distribuída na gramática em três tipos de listas distintos. Estas

⁷ A sintaxe, nesta perspectiva, operava com estruturas complexas formadas no Léxico. Assim, as unidades atômicas que constituíam as palavras eram completamente opacas para a sintaxe.

⁸ Adaptação do original: *“Any theory must include one or more lists of atomic elements that the computational system of grammar might combine into larger units.”* (Marantz, 1997:203)

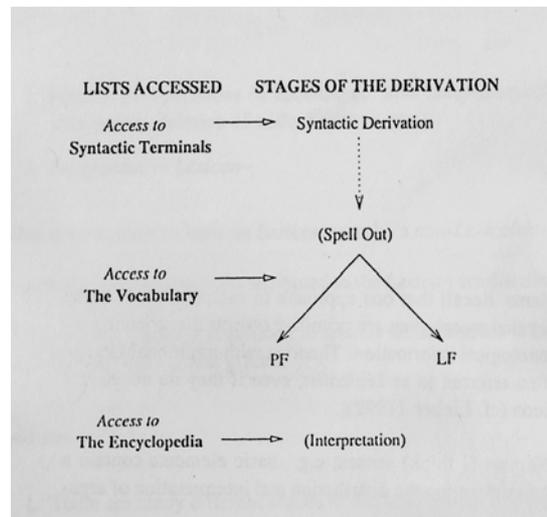
listas contêm: (Lista 1) os morfemas abstratos e as raízes, que constituem os nós terminais que são os objetos iniciais da computação sintática; (Lista 2) o Vocabulário, que providencia a forma fonológica para esses nós terminais e, (Lista 3) a Enciclopédia, que comporta todos os significados, inclusive os ‘especiais’, por exemplo, das expressões idiomáticas verificadas nas línguas.

Supor que, ao invés de contar com um Léxico único, a Gramática conta com listas de informações distintas em pontos diferenciados é um aspecto muito significativo da MD. Supor que a inserção fonológica só pode ocorrer depois da sintaxe, resolve diversos problemas advindos do Lexicalismo. Ademais, se considerarmos que o mecanismo de Inserção de Vocabulário pode ser sensível a Condições de Interpretabilidade das Interfaces⁹ (Chomsky, 1993, 1995), muito provavelmente este é o aspecto mais minimalista da MD.

Na figura 2 podemos visualizar como fica a arquitetura da gramática com o acréscimo dessas listas.

⁹ Conforme Chomsky (1995:309-310), as interfaces A-P e C-I, devem poder ‘ler’ PF e LF. As condições de interpretabilidade são condições específicas de legibilidade que as línguas apresentam e que devem ser respeitadas para que um objeto $[\pi, \lambda]$ possa convergir.

Figura 2. Arquitetura da Gramática¹⁰ (segundo a MD)



2.2.2.1 A Lista 1 – morfemas abstratos e raízes

Os elementos terminais (itens que serão inseridos como terminais sintáticos ou núcleos complexos) presentes na Lista 1 podem ser divididos em duas grandes classes: (1) os **morfemas abstratos**, que são formados por conjuntos de feixes de traços gramaticais, disponibilizados a partir de um inventário da Gramática Universal, e (2), as **raízes**¹¹ lexicais, que não contém

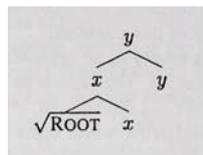
¹⁰ Diagrama extraído de Embick & Noyer (2004: 9).

¹¹ Para Embick & Halle (2004), Embick & Noyer (2001,2004) e Embick (2000, 2004), somente traços fonéticos não entram na sintaxe. Como as raízes são combinações de som e significado específicas nas línguas, elas

traços gramaticais. Como os conjuntos de traços gramaticais são formados livremente, sujeitos a princípios de formação, a Lista 1 é objeto de regras gerativas (Marantz, 1997:203).

Ao entrarem na sintaxe, esses elementos se organizam como nós terminais, que são hierarquicamente estruturados e combinados uns com os outros, formando **constituintes** que serão objetos das operações *concatenar* e *mover* que podem ocorrer durante e depois da sintaxe¹². Estes constituintes resultam da concatenação entre morfemas abstratos (x, y) e raízes ($\sqrt{\quad}$), como mostra a figura que segue.

Figura 3. Estruturação hierárquica dos constituintes formados por terminais sintáticos¹³



Para Embick & Noyer (2004:05), as raízes só irão corresponder a uma determinada categoria lexical [+verbal] ou

apresentam, portanto, traços fonológicos, que não são visíveis na sintaxe. Nos casos de raízes homófonas, é necessário acrescentar para cada significado que a raiz apresente um índice específico.

¹² Na nossa proposta, assumiremos que os constituintes clíticos do PB são concatenados a constituintes verbais na sintaxe.

¹³ Extraída de Embick & Halle (2004:48).

[+nominal], por exemplo, se forem categorizadas por um morfema abstrato funcional que lhes definirá categorialmente (Assunção da Categorização).

2.2.2.2 A Lista 2 – o Vocabulário

Ao saírem da sintaxe, os constituintes devem receber as matrizes de traços fonológicos providenciadas pela Lista 2, o **Vocabulário**. O Vocabulário contém a lista dos expoentes fonológicos dos morfemas abstratos com suas condições de inserção nas línguas - os chamados itens do vocabulário. O item do vocabulário tem, portanto, um sinal fonológico e um contexto de inserção, como esquematizado em (01), conforme Harley & Noyer (1999:07-08), de onde extraímos os exemplos destes itens.

(01) Esquematização do item de vocabulário

sinal ↔ contexto de inserção

(01a) Exemplos de itens do vocabulário

a. de um afixo russo (Halle, 1997):

/i/ ↔ [____, +plural]

b. de um clítico do catalão de Barcelona (Harris, 1997a):

/n/ ↔ [____, +participante, +falante, plural]

c. de um prefixo da conjugação em *Ugaritic* (Noyer, 1997):

/y-/ ↔ [em qualquer lugar]

d. da subparte de um clítico no espanhol ibérico (Harris, 1994):

Ø ↔ [2ª pessoa do plural]

e. de uma raiz do inglês inserida em um ambiente nominal (Harley & Noyer, 1998a):

/kæt/ ↔ [DP D [LP ____]]

O sinal (ou expoente fonológico) de um item do vocabulário pode conter material fonético, como se vê em (1a), (1b), (1c) e (1e), ou não, como representa (1d), que tem como sinal fonológico o nulo fonético Ø. O sinal de um prefixo (e o mesmo

ocorre com um sufixo) necessariamente contém informação sobre a sua direção de ligação fonológica em relação ao seu hospedeiro fonológico, como exemplifica (1c). O princípio que governa o mecanismo de Inserção de Vocabulário segue formalizado em (02).

(02) Princípio do Subconjunto¹⁴

O expoente fonológico de um item do vocabulário é inserido em uma determinada posição se seus traços corresponderem (parcial ou totalmente) aos traços que especificam o morfema terminal. A inserção não ocorre se o item contém traços que não estão presentes no morfema. Quando vários itens vocabulares satisfazem condições de inserção em relação a um único morfema abstrato, o item que mais corresponder ao morfema em termos de número de traços especificados no nó terminal, deve ser escolhido/implementado.

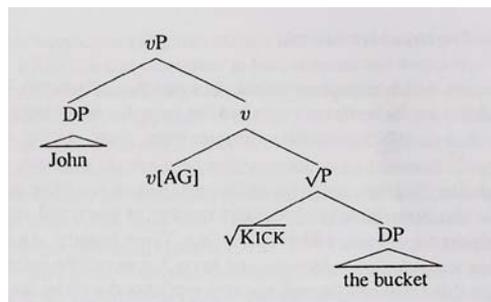
2.2.2.3 A Lista 3 – a Enciclopédia

¹⁴ Adaptação do original: “**Subset Principle:** *The phonological exponent of a Vocabulary Item is inserted into a position if the item matches all or a subset of the features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary Item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary Items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.*” (Halle, 1997; citado por Embick e Halle, 2004:8/9)

A Enciclopédia é a lista dos **significados especiais** nas línguas. Isso significa que a Lista 3 é formada por um estoque de significados que tanto as raízes simples quanto as complexas (as expressões idiomáticas) apresentam nas línguas.

As expressões idiomáticas são casos em que um objeto sintático estruturalmente complexo tem interpretação idiossincrática. Este é o caso das expressões do tipo “bater as botas” (“*kick the bucket*”). A MD assume que a estrutura desse tipo de expressão é derivada na sintaxe, como representado na figura 4, e que “o significado de uma expressão é interpretado a partir de uma derivação inteira daquela expressão, incluindo a informação vinda da Enciclopédia, que é considerada extralingüística.”¹⁵ (Harley & Noyer, 1999:11).

Figura 4. Sintaxe de *John kicked the bucket*¹⁶



¹⁵ Adaptação do original: “the ‘meaning’ of an expression is interpreted from the entire derivation of that expression, including the information from the Encyclopedia which is considered extralinguistic”, (Harley & Noyer, 1999:11).

¹⁶ (Figura extraída de Embick & Halle, 2004:13).

A sintaxe gera *John kicked the bucket* exatamente da mesma forma como geraria qualquer outra sentença com verbo transitivo. É na Enciclopédia que “bater as botas” será listado como o significado especial de “morrer”. Importa salientar, nesse caso, que esta expressão veiculará esse significado especial apenas se a raiz *kick* estiver associada ao morfema abstrato [past], que codifica uma informação aspectual específica. Observe o contraste entre (03) e (04)¹⁷.

(03) *John **was kicking** the bucket for months before his death.

‘O João estava batendo as botas a meses antes da sua morte’.

(04) John **was dying** for months before his death.

‘O João estava morrendo a meses antes da sua morte’

Este argumento não pode ser reproduzido com dados do PB em estruturas idênticas a estas de (03) e (04); “bater as botas” significa “morrer”, mas tanto esta expressão idiomática quanto

¹⁷ Esses dados são de Embick, expostos durante o Seminário de Morfologia Distribuída, por ele ministrado na Universidade de Buenos Aires (UBA), em julho/agosto de 2004.

este verbo não admitiriam, nesses casos, uma leitura progressiva, como mostra a agramaticalidade de (05):

- (05) a. *O João já **estava batendo** as botas durante meses antes da sua morte.
b. *O João já **estava morrendo** durante meses antes da sua morte.

O máximo em contraste aspectual que se obtém é o que apresentamos em (06):

- (06) a. ?O João já **estava batendo** as botas quando o médico chegou.
b. O João já **estava morrendo** quando o médico chegou.

Tentaremos manter que no PB, da mesma forma como no inglês, “bater as botas” tem que ter uma codificação aspectual específica para ser interpretada idiomáticamente. Além disso, é preciso que o morfema abstrato [plural] do DP [as botas] seja realizado, como mostra o contraste entre (09) e (10):

- (07) João bateu as botas. (morreu) 👍
(08) *João batia as botas. (morreu) 👎
(09) João bateu as bota(s). (morreu) 👍
(10) ??*João bateu a bota. (morreu) 👎

2.2.3 Regras Morfológicas

Boa parte dos descompassos entre a sintaxe e a morfologia (*syntax-morphology mismatches*) resultam da aplicação de regras morfológicas motivadas por exigências ou propriedades particulares das línguas. A DM procura isolar e identificar esses processos, bem como as condições em que eles se aplicam.

As regras morfológicas atuam sobre as estruturas que são mapeadas da sintaxe e são controladas por condições de localidade sintática (como prediz a propriedade (iii), Estrutura Sintática *Top-Down*, em 2.2.1). Elas se aplicam sobre os morfemas abstratos, antes da Inserção de Vocabulário. Conforme Calabrese (1998:75-76, citado por Alcântara, 2003:23-24), as regras morfológicas possíveis podem ser assim descritas:

- (i) *Mudança de traços* – se aplica sobre um nó terminal, desligando o valor de um traço e ativando um valor oposto. Com isso, a especificação fonológica desse nó terminal será efetuada levando em consideração uma matriz de traços diferenciada (distorcida), correspondente ao nó terminal que teve o traço alterado.

- (ii) *Empobrecimento morfológico* – uma operação central para o mecanismo defendido pela MD. Proposta primeiramente por Bonet (1991), diz respeito basicamente ao apagamento de traços morfossintáticos em determinados contextos. A principal função desta regra é “*bloquear a inserção de itens vocabulares mais específicos, substituindo-os por itens menos específicos.*” (Alcântara, 2003:23)
- (iii) *Adição de morfemas* – uma regra que prediz que alguns constituintes morfológicos, não motivados diretamente pela sintaxe, podem ser inseridos em PF, em função de requerimentos específicos deste componente, para satisfazer certas condições de boa-formação que podem ser universais ou específicas nas línguas (Cf. Harris, 1999:53).
- (iv) *Adjunção* – uma regra que pode reunir os nós terminais sintáticos sob um núcleo, para reordenar os constituintes adjacentes em uma seqüência terminal. Esta é uma operação de realinhamento estrutural que mantém o caráter independente dos nós terminais envolvidos, mas altera o arranjo hierárquico desses morfemas, sem, no entanto, reduzir o número de morfemas envolvidos.

- (v) *Fusão* – é a composição de traços de nós diferenciados na formação um único nó terminal.
- (vi) *Fissão* – é uma regra que se aplica sobre uma seqüência de dois nós terminais, separando esses nós.

Na próxima seção veremos mais detalhadamente como funciona a regra de empobrecimento morfológico, que é central na proposta que defenderemos para os clíticos pronominais do PB.

2.3 Bonet (1991)

Bonet (1991) se ocupa da análise dos clíticos pronominais nas línguas românicas, mais especificamente, das formas não-transparentes que resultam de combinações entre clíticos no catalão. O sistema de clíticos do catalão *padrão* é semelhante àqueles do francês ou do italiano e muito distante do grego moderno, por exemplo, que é um sistema composto por apenas dois tipos de clíticos – os genitivos e os acusativos.

Sistemas de clíticos não tão complexos como os das línguas românicas poderiam ser analisados lançando-se mão de um aparato teórico exclusivamente sintático. No entanto, sistemas mais complexos oferecem problemas insolúveis para explicações apenas sintáticas.

A análise de Bonet procura responder duas questões específicas (p. 10): (i) o que determina o ordenamento superficial dos clíticos? e (ii) como dar conta das formas não-transparentes que os clíticos podem apresentar nas línguas românicas e das restrições sobre a co-ocorrência em certas combinações clíticas?

Essas questões que foram analisadas por Bonet vêm elucidar alguns dos problemas que já haviam sido levantados por Perlmutter (1971 *apud* Bonet, 1991), que observou que a ordem interna das seqüências que formam agrupamentos de clíticos no espanhol, por exemplo, não podia ser explicada unicamente em função de regras de transformação sintática. As sentenças que seguem exemplificam o fenômeno em discussão (Perlmutter, 1971:51 *apud* Heap & Roberge, 2001:66).

- (11) a. *Se me le* perdió el passaporte al niño.
 ‘*Se me lhe* perdeu o passaporte ao menino.’
 b. Nuestra hija, *te nos la* robaste.
 ‘Nossa filha, *te nos a* roubaste.’
 c. *Te le* comiste el pan a Miguel, pero a mí no *te me lo* comas.
 ‘*Te lhe* comeste o pão à Miguel, mas a mim não *te me o* comas’
- (12) a. * *Se le me* perdió el passaporte al niño.
 b. * Nuestra hija, *la te nos* robaste.
 c. **Le te* comiste el pan a Miguel, pero a mí no *lo me te* comas.

Perlmutter observou que as seqüências formadas por elementos clíticos, como as que aparecem em negrito, deveriam respeitar na sua realização superficial um ordenamento interno específico e restrito; caso contrário, resultariam agramaticais. Este ordenamento, conforme o autor, não poderia ser produto de transformações sintáticas, em função de dois problemas específicos, conforme apresenta Bonet (1991:47-48): (i) pessoa é o que conta para o ordenamento dos clíticos, e não a função sintática deles e (ii) tem certas combinações que a sintaxe poderia gerar sem problemas (por exemplo, a combinação de um clítico impessoal com um reflexivo), mas que são impossíveis e a fonologia não pode ser responsabilizada por isso. Perlmutter

conclui, então, que este ordenamento poderia derivar de condicionamentos estruturais superficiais, por ele denominados “filtros de saída” (*output filters*) e formalizados como esquemas morfológicos (*morphologicals templates*), tal como segue especificado para o espanhol:

- (13) Condição sobre a estrutura superficial para os pronomes clíticos do espanhol (Perlmutter, 1971: 45 *apud* Bonet, 1991:50)

Se	II	I	III
----	----	---	-----

Este esquema morfológico filtra qualquer seqüência de clíticos que apresente uma ordem outra que não seja a seguinte: a precedência do clítico reflexivo *se* diante de qualquer outro clítico referente à segunda, primeira ou terceira pessoa do discurso, respectivamente. A violação deste filtro seria responsável, portanto, pela agramaticalidade das seqüências apresentadas em (12).

A análise de Bonet (1991) procura elucidar esses problemas levantados por Perlmutter e outros tantos que a cliticização pronominal apresenta nas línguas românicas, como a Restrição

me lui/ I - II* (me lui/I – II Constraint*), que a autora considera uma restrição universal. Esta restrição pode ser descrita da seguinte forma¹⁸:

(14) Restrição **me lui/ I – II* (versão forte)

- a. Em uma combinação que envolva um clítico que corresponda à função de objeto direto e um outro de objeto indireto, o clítico objeto direto tem que ser de terceira pessoa.
- b. Tanto o objeto direto quanto o objeto indireto têm que ser fonologicamente fracos.

Os dados que seguem exemplificam esta restrição (Bonet, 1991:178).

(15) En Josep, *me'l* va recomanar la Mireia.

O Josep, 1p-dat 3p-acc recomendou (3p) Mireia.

‘Ela (Mireia) recomendou ele (Josep) para mim.’

(16) * A en Josep, *me li* va recomanar la Mireia.

Para o Josep, 1p-acc 3p-dat recomendou (3p) Mireia.

‘Ela (Mireia) *me* recomendou para ele (Josep).’

¹⁸No original: “(a) In a combination of a direct object and a indirect object, the direct object has to be third person. (b) Both the direct object and the indirect object are phonologically weak.” (p182).

Sobre a análise desta restrição, Bonet dedica todo o seu capítulo quarto. Não é interesse nosso, porém, apresentar detalhadamente a análise de Bonet sobre esta Restrição, muito em função do fato de que não há qualquer tipo de combinação clítica no PB contemporâneo. O que interessa apresentar aqui é o mecanismo de análise desenvolvido pela autora, que será exposto mais detalhadamente a seguir.

2.3.1 A Gramática de Bonet (1991)

Bonet defende que a derivação, o ordenamento e uma série de outros fatos relacionados à combinação de clíticos não devem ser tratados apenas levando em consideração uma abordagem sintática da gramática. Dois argumentos levam a autora à não assumir uma perspectiva exclusivamente sintática para a derivação dos clíticos (cf. Apêndice Capítulo1, p.56-77):

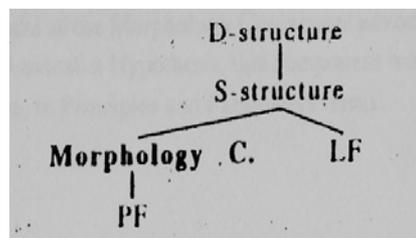
- (i) os clíticos apresentam, basicamente, três **funções sintáticas** nas línguas românicas. Quando eles são argumentos ou adjuntos, eles não constituem um problema para análises fundamentalmente sintáticas.

No entanto, quando eles não apresentam propriedades sintáticas definidas, não estando relacionados a posições argumentais ou de adjunto, como é o caso dos dativos éticos, por exemplo, a análise sintática não consegue dar conta do fato de que as propriedades que esses clíticos apresentam são fundamentalmente as mesmas dos clíticos que têm alguma função sintática.

- (ii) os clíticos são objetos de considerável **variação dialetal** nas línguas românicas em termos de ordem linear, mas não há entre essas línguas necessariamente variação em termos de propriedades sintáticas notáveis. Adicionalmente, clíticos com funções gramaticais distintas podem apresentar apenas uma forma fonológica (sincretismo) na língua. A ordem linear dos clíticos não é estabelecida, exclusivamente, em função dos verbos que os hospedam ou em função da tipologia gramatical que eles apresentam. A distribuição dos clíticos em relação à pessoa gramatical, por exemplo, é fundamental no que diz respeito à linearização de combinações clíticas, sejam elas transparentes ou não.

Em função desses argumentos, Bonet defende a inclusão de um **Componente Morfológico** na Gramática (como já havia proposto Halle, 1989[a,b], conforme a autora). Este Componente é responsável, dentre outras coisas, pelo ordenamento linear dos clíticos pronominais e pela ocorrência de formas não-transparentes em algumas combinações de clíticos. A organização interna do Componente Morfológico, no que diz respeito ao sistema de clíticos do catalão, é o principal foco da análise de Bonet. A figura 5 representa a arquitetura da Gramática defendida pela autora.

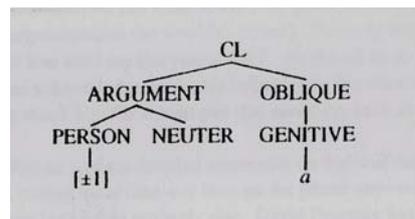
Figura 5. Arquitetura da Gramática, conforme Bonet (1991:12)



A autora assume, baseada em Kayne (1975 e trabalhos posteriores), que os clíticos pronominais são gerados em posições argumentais em DS e depois, em SS, são adjungidos a um nó de flexão (Infl), via movimento de núcleo-para-núcleo. A sintaxe (SS) contém matrizes de traços gramaticais plenamente

especificados, como propõe Lumsden (1987), conforme aponta Bonet. Ao saírem da sintaxe, essas matrizes de traços são mapeadas pelo Componente Morfológico, que provê para os clíticos estruturas hierárquicas que correspondem a subconjuntos da estrutura representada na figura 6.

Figura 6. Protótipo estrutural dos clíticos nas línguas românicas (Bonet, 1991:15)



O Componente Morfológico, entretanto, nem sempre mapeia todos os traços que são especificados pela sintaxe. Além disso, as estruturas morfológicas que resultam desse mapeamento estão sujeitas à aplicação de regras morfológicas.

Os nós mais altos representados na figura 6, (*argument* [ARG] e *oblique* [OBL]), capturam propriedades de definição dos clíticos. As informações contidas abaixo desses nós capturam as

informações adicionais que os clíticos podem veicular nas línguas românicas. A estrutura representada na figura 6 também reflete relações marcadas: quanto mais complexa for a estrutura de um clítico, definida em função do número de nós por ele apresentado, mais marcado será este clítico.

Os clíticos que projetam o nó [ARG] podem ser especificados pelos traços de gênero e número, que são os traços privativos feminino [fem] e plural [pl], respectivamente. Estes nós serão dominados por [Agrt], que codifica informações sobre concordância¹⁹, não figurando como um traço constitutivo dos clíticos nas línguas românicas. A sua inserção ocorre, portanto, no Componente Morfológico e é mediada pelo Princípio do Subconjunto (que Bonet formula em termos da Condição Elsewhere).

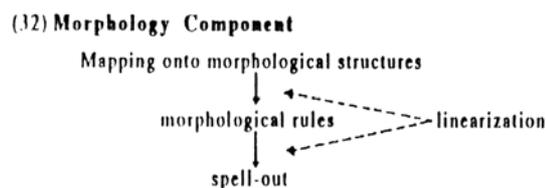
Este tipo de mapeamento dos clíticos, de onde resultam as suas estruturas morfológicas, captura tanto as propriedades sintáticas quanto as morfológicas destes elementos nas línguas. Dessa forma, informações que dizem respeito à variação dialetal, por um lado, e à tipologia gramatical dos clíticos nas línguas

¹⁹ As informações codificadas em letras maiúsculas constituem propriedades de identificação dos clíticos nas línguas românicas (Kayne 1975). Em letras minúsculas, são codificadas as informações que capturam apenas as propriedades adicionais que esse clíticos podem apresentar.

românicas, por outro, podem ser analisadas em conjunto de acordo com o mecanismo de análise proposto por Bonet (1991). Esta é a razão pela qual a proposta que elaboramos para a análise dos clíticos pronominais do PB é também baseada nesta versão seminal da MD.

A sintaxe contém matrizes de traços plenamente especificados e o Componente Morfológico organiza essas matrizes em estruturas hierárquicas - as estruturas morfológicas dos clíticos nas línguas românicas - que derivam do protótipo estrutural representado na figura 6. No entanto, as formas fonológicas que os clíticos apresentam nas línguas nem sempre refletem a variedade de traços providenciados na sintaxe. Além do mais, as línguas variam consideravelmente no que diz respeito aos traços morfológicos que elas expressam. Essas alterações ocorrem no Componente Morfológico, que é estruturado da seguinte forma (Bonet, 1991: 47).

Figura 7. Estrutura do Componente Morfológico



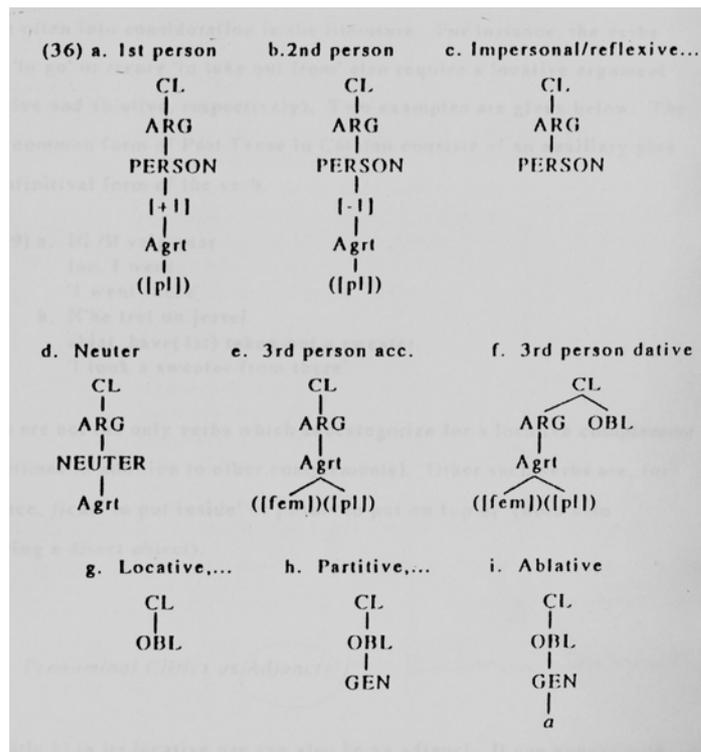
Basicamente três processos ocorrem no Componente Morfológico: (i) o **mapeamento morfológico** dos traços gramaticais providenciadas pela sintaxe, (ii) a **aplicação de regras morfológicas** sobre as estruturas morfológicas que resultam deste mapeamento, e (iii) a **linearização** das estruturas morfológicas resultantes. O funcionamento destes três processos não é homogêneo nas línguas naturais e é justamente em função desta não homogeneidade que Bonet explica a variação, intra e interlínguas, que os clíticos pronominais podem apresentar.

As subseções que seguem são dedicadas à apresentação das estruturas morfológicas dos clíticos no catalão padrão (2.3.2), bem como, à apresentação dos sistemas de clíticos reflexivos em várias outras línguas do mundo (2.3.3). Veremos que essas breves apresentações são suficientes para que visualizemos como funciona o mecanismo de análise desenvolvido em Bonet (1991).

2.3.2 Mapeamento dos clíticos do catalão padrão²⁰

A partir do protótipo estrutural apresentado na seção 2.3.1 (figura 6), o Componente Morfológico mapeia nove estruturas morfológicas distintas para os clíticos do catalão padrão, como segue representado na figura 8.

Figura 8. As estruturas morfológicas dos clíticos no catalão padrão



(Bonet, 1991:58)

²⁰ Não vamos entrar em detalhes sobre o mapeamento dessas estruturas morfológicas do catalão. Ao longo dessa subseção, centramos nossa atenção exclusivamente sobre alguns dos aspectos do mapeamento desses clíticos que podem ser observados no PB contemporâneo.

Conforme aponta Bonet (1991:17), “[este] mapeamento será praticamente idêntico para outras línguas românicas, mas não necessariamente para línguas de uma família diferente”²¹. Por exemplo, ao que parece em nenhuma língua românica ocorre a combinação entre os traços [ARGUMENTO] e [GENITIVO]; igualmente, em nenhuma língua românica os clíticos que projetam o nóculo [PESSOA] projetam o nóculo [OBLIQUO]. Essas combinações, no entanto, podem ser possíveis em outras línguas (Cf. Bonet, 1991: p. 17: nota 6).

No Catalão padrão, assim como em outras línguas românicas, os clíticos de primeira pessoa, os de segunda pessoa e os reflexivos/impessoais, que correspondem às estruturas 36(a, b, c) respectivamente, projetam o nóculo [PESSOA]. Todos os clíticos de primeira e segunda pessoas são mapeados pelo Componente Morfológico da forma como aparecem em (36a) e (36b). Bonet (1991:18) sustenta que “*não importa se na sintaxe estes clíticos são anafóricos ou pronominais, acusativos ou dativos, argumentos ou não-argumentos (como o ético, por*

²¹ Adaptação do original: “*This mapping will be practically identical for the other Romance languages, but not necessarily for languages of a different family*”, em Bonet (1991:17).

*exemplo). Estas distinções são relevantes para sintaxe, não para a morfologia.”*²²

Os clíticos de terceira pessoa, por sua vez, não projetam [PESSOA] e assim o Componente Morfológico mapeia estes clíticos em função dos traços [ARGUMENTO], como representado em (36e), e [ARGUMENTO],[OBLIQUO], como em (36f), a depender do caso sintático que eles apresentem. Como já observado na literatura específica (por Benveniste, 1966 e Jakobson, 1956/1971, segundo aponta Bonet), “*third person is not really ‘person’*” (Bonet, 1991: 20). Na verdade, a terceira pessoa é quase sempre não-marcada nas línguas naturais, e isso é verificado, inclusive, não apenas em relação aos pronomes, mas também no que diz respeito a sistemas verbais, em que a 3ª pessoa do singular é usada quando não há concordância. As construções arbitrárias com *se*-impessoal (*ARB impersonal SE*) do catalão padrão figuram como um exemplo disso. Observe o contraste em (17) abaixo:

- (17) a. Es triarà els representants a la reunió.
 imp. escolherá-3p os representantes na reunião
 ‘Se escolherá os representantes na reunião.’

²² Adaptação do original: “*It does not matter whether in the syntax these clitics are anaphors or pronominals, accusative or dative, arguments or non-arguments (as ethicals, e. g.). These distinctions are relevant to the syntax, not to the Morphology.*”, em Bonet (1991:18).

- b. Es triaram els representants a la reunió.
pass. escolherão-3p-pl os representantes na reunião
'Se escolherão os representantes na reunião.'

(Bonet, 1991:20/21)

Essas duas sentenças são sinônimas no catalão. No entanto, ao contrário do que ocorre em (17b), que é a construção com o *se*-passivo, em (17a), que corresponde à construção com o *se*-impessoal, não há concordância entre o verbo e o objeto. Essa ausência de concordância se realiza com a marca *default* do verbo, a 3ª pessoa do singular, sem a presença do morfema do plural [pl] que se vê em (17b)²³.

Os clíticos que projetam o nóculo [PESSOA] formam uma classe natural, não apenas em função do fato de eles se comportarem muito diferentemente dos de 3ª pessoa, do neutro, dos oblíquos ou dos genitivos, mas porque, em algumas combinações, eles não são tão suscetíveis à operação de certas regras morfológicas como são os clíticos que não projetam [PESSOA]. Por exemplo, em alguns dialetos do francês, quando ocorre uma combinação entre dois clíticos de terceira pessoa, a realização do acusativo é opcional, como mostra (19).

²³ Esse tipo de diferença na concordância é o que distingue o *se*-passivo do *se*-nominativo no PB, como já observado em Nunes (1990).

- (18) Je *le lui* donnerai. (Francês *padrão*)
Eu *o lhe* darei
'Eu *lho* darei'

- (19) Je *lui* donnerai. (Dialetos do Francês)
Eu *lhe* darei
'Eu *lho* darei'

(Op. Cit. p. 37)

No italiano padrão, a forma fonológica do genitivo é /ne/. No entanto, quando dois genitivos são combinados, um deles pode assumir uma outra forma fonológica, a do locativo /ci/, como modo de evitar a seqüência /ne ne/, impossível na língua. Os exemplos de Bonet são estes:

- (20) *Ne* sono usciti due uomini.
gen. são saídos dois homens
'Saíram dois homens (de lá)'
- (21) *Ne* sono usciti due dal cinema.
gen. são(3p-pl) saídos dois do cinema
'Dois deles saíram do cinema'
- (22) *Ce ne* sono usciti due
obl. gen. são(3p-pl) saídos dois
'Dois deles saíram (de lá)'

(Op. Cit. p. 38)

O que pode ocorrer com o acusativo de terceira pessoa do francês e com o genitivo do italiano, no entanto, jamais ocorre com clíticos de primeira e segunda pessoas e com os reflexivos/impessoais, segundo Bonet. Para a autora, “*estes três clíticos que dividem o traço [PESSOA], sempre têm de aparecer de uma maneira ou de outra.*”²⁴ (p.38). No Catalão, por exemplo, os clíticos de primeira e segunda pessoas não podem ser combinados quando o verbo é bitransitivo, como mostra (23)²⁵.

- (23) ***Te**'*m* van recomanar
 2p-acc 1p-dat recomendaram
 ‘**Te** recomendaram pra mim’

Nesse caso, também não é possível simplesmente omitir um dos clíticos, como no francês (no exemplo em 19). Observe.

- (24) ***Et** van recomanar.
 2p-acc recomendaram.
 ‘**Te** recomendaram’

- (25) ***Em** van recomanar.
 1p-dat recomendaram
 ‘**Me** recomendaram’

²⁴ Adaptação do original: “*These three clitics, which share the feature [PERSON], always have to surface in one way or another.*”, em Bonet (1991:38).

²⁵ Cf. Bonet (1991: 39), de onde foram extraídos os dados (23 -26).

A única forma gramatical para esta construção consiste em expressar um dos objetos através da realização de um pronome forte, como mostra (26). O catalão não pode licenciar dois clíticos nesse tipo de contexto.

- (26) **Et** van recomanar a mi.
2p-acc recomendar para mim
'**Te** recomendaram para mim'

Para Bonet, a agramaticalidade de (24) e (25) se deve ao fato de que a informação que é veiculada pelo clítico não é recuperada. Em função dessa observação a autora conclui que “[PERSON] clitics must be recoverable” (p.39) e sustenta que todos os clíticos que projetam o nóculo [PESSOA] estariam, portanto, sujeitos a uma generalização de recuperabilidade, proposta em (27).

(27) Generalização de Recuperabilidade²⁶

- a. Os traços dos clíticos que projetam [PESSOA] devem ser recuperáveis
- b. Um traço é recuperável se, depois de ser suprimido, ele ainda é instanciado (realizado) na cadeia da qual o clítico faz parte.

(Bonet, 1991: 39)

²⁶ No original:

“(28) (a) *The features of a [PERSON] clitics must be recoverable*

(b) *A feature is recoverable if, after being suppressed, it is still instantiated (realized) in the syntactic chain the clitic belongs to.*”

Os clíticos que projetam [PESSOA] formam, então, uma classe natural porque: (i) eles não se comportam como os de terceira pessoa; (ii) eles não são suscetíveis à aplicação de certas regras morfológicas, como por exemplo o apagamento do traço [PESSOA] e (iii) eles são objetos da Generalização de Recuperabilidade.

2.3.3 Mapeamento dos clíticos reflexivos em russo, papago, walbiri, catalão padrão, piemontês e no valenciano

O quadro 4 ilustra a forma que os reflexivos (que podem ser realizados como afixos ou clíticos) apresentam em seis línguas distintas: russo, papago, walbiri, catalão *padrão*, piemontês e valenciano. A coluna seis, marcada com um ponto de interrogação, corresponde a uma possibilidade lógica não encontrada por Bonet em nenhuma língua²⁷. No quadro 4, as formas invariantes estão marcadas por “i.” e as formas específicas aparecem marcadas por “esp.”. Observa-se, inicialmente, que enquanto o catalão especifica a primeira e a segunda pessoa, seja no singular ou no plural, o russo disponibiliza uma única forma para todas as pessoas. A

²⁷ É possível que o PE coloquial corresponda a esta possibilidade lógica.

observação mais interessante, no entanto, é que na terceira pessoa nenhuma língua faz distinção entre o singular e o plural.

Quadro 4 Formas reflexivas em Russo, Papago, Walbiri, Catalão *padrão*, Piemontês e Valenciano

		Russo	Papago	Walbiri	Catalão	Piemontês	?	Valenciano
1	sg	i	esp	esp	esp	esp	esp	esp
	pl	i	esp	i	esp	i	esp	i
2	sg	i	i	i	esp	esp	esp	esp
	pl	i	i	i	esp	esp	i	i
3	sg	i	i	i	i	i	i	i
	pl	i	i	i	i	i	i	i

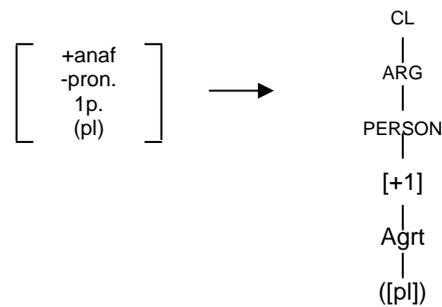
(Bonet, 1991: 28)

Para Bonet, essas diferenças entre as línguas são determinadas pelo mapeamento que a morfologia faz das matrizes de traços especificados pela sintaxe. O mapeamento *default* dos reflexivos pode ser representado da seguinte forma (p.30):

$$(28) \text{ Mapeamento } \textit{default}: \begin{pmatrix} +\textit{anaf.} \\ -\textit{pron.} \end{pmatrix} \rightarrow \begin{array}{c} \text{CL} \\ | \\ \text{ARG} \\ | \\ \text{PERSON} \end{array}$$

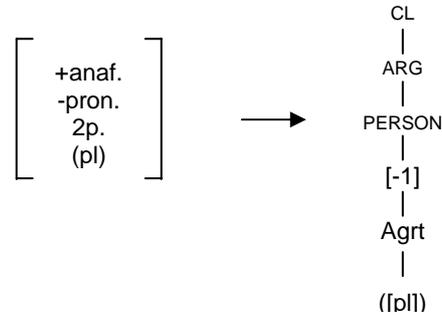
Em Russo, somente a estrutura morfológica que resulta do mapeamento representado em (28) é licenciada para expressar reflexividade. Já em Papago, que tem formas específicas para a primeira pessoa, um mapeamento adicional deve ser considerado, mais específico e por isso mesmo priorizado pelo Princípio do Subconjunto:

(29) Mapeamento da 1ª pessoa



Como se viu no quadro 4, o sistema de clíticos reflexivos do catalão padrão é o mais complexo dentre as línguas observadas por Bonet. Além do mapeamento (29) para a primeira pessoa, o catalão viabiliza outro mapeamento adicional para a segunda pessoa, representado em (30).

(30) Mapeamento da 2ª pessoa²⁸



Em função do Princípio do Subconjunto, o mapeamento da segunda pessoa precede o da primeira, que, por sua vez, precede o mapeamento *default* dos reflexivos. Ou seja, (28) só mapeia as formas da língua que não são afetadas por (30) e (29).

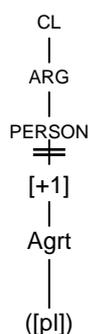
Os mapeamentos representados em (28), (29) e (30) são suficientes para que se dê conta dos sistemas de clíticos reflexivos do russo (onde só ocorre (28)), do papago (onde ocorrem (29) e (28)) e do catalão padrão (onde ocorrem (30), (29) e (28)). O que ocorre no walbiri, no piemontês e no valenciano, línguas em que - em uma mesma pessoa - apenas as formas reflexivas do singular são específicas, não decorre do mapeamento morfológico. As particularidades dessas línguas

²⁸ Tanto (29) quanto (30) estão em Bonet (1991:31).

decorrem da aplicação de regras morfológicas que operam sobre as estruturas morfológicas dos clíticos que resultam deste mapeamento inicial.

No walbiri, por exemplo, em que todas as pessoas são invariantes (com exceção da primeira do singular), duas estruturas morfológicas são mapeadas, a saber: aquelas decorrentes de (29) e (28), respectivamente. Neste estágio, a única diferença que existe entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural é a presença ou a ausência do traço [plural]. A forma invariante que a primeira pessoa do plural apresenta é resultado da operação de uma regra morfológica desencadeada pela presença do traço [pl] que irá apagar a informação sobre o traço de primeira pessoa e, conseqüentemente, apagará toda a informação que decorre desse traço, como segue representado em (31) (Op. Cit. p.34).

(31) Regra de Apagamento



Como se pode observar em (31), esta regra apaga a especificação da primeira pessoa e também a do plural. Como resultado da aplicação da regra, o Componente Morfológico viabiliza para a primeira pessoa do singular no walbiri uma estrutura idêntica àquela derivada em (28). Uma questão surge, neste caso: não seria melhor assumir que o walbiri simplesmente não mapeia estruturas específicas para o plural?

Bonet argumenta que, se assim fosse, as línguas poderiam apresentar formas específicas para o plural e invariantes para o singular. No entanto, como se observa empiricamente, isso não ocorre. Como na fonologia, as regras morfológicas afetam apenas as seqüências que contêm os traços mencionados pela regra. Ou seja, a regra de apagamento que foi representada em (31) só irá operar sobre estruturas morfológicas que contêm o traço [plural], e apenas sobre elas. Se a informação relevante para a aplicação dessa regra fosse o traço [+1], a regra seria aplicada sobre as estruturas que contêm este traço, o que resultaria na não especificação da primeira pessoa do plural, já que [pl] é especificado por [+1]. Dessa forma, não seria possível explicar a derivação dos clíticos em papago, em catalão e também em qualquer língua que apresente a possibilidade lógica

representada na sexta coluna do quadro 4, que acreditamos poder corresponder ao PE coloquial e a um registro formal do PB (que corresponderia ao PB1, como veremos no próximo capítulo, em 3.3) que pode apresentar a realização *nos* na 1ª pessoa do plural.

Através de regras morfológicas e também como resultado de falha ou do não mapeamento de certas estruturas morfológicas, Bonet argumenta que “*o empobrecimento morfológico que as línguas manifestam em várias áreas é determinado pelo Componente Morfológico.*”²⁹ (Op. Cit. p14).

2.4 Síntese do segundo capítulo

✓ A Morfologia Distribuída (MD) é uma abordagem não-lexicalista da morfologia das línguas humanas que supõe que “*no caso mais simples, a estrutura morfológica em PF é simplesmente a estrutura sintática*” (Embick & Noyer, 2004:3).

²⁹ Adaptação do original: “*The morphological “impoverishment” that languages manifest in many areas is determined in the Morphology Component.*”, em Bonet (1991:14).

- ✓ A MD tem como propriedades básicas: (i) a inserção tardia; (ii) a subespecificação; e (iii) a estrutura sintática *all the way down*.
- ✓ A MD trabalha com três listas colocadas em diferentes pontos da derivação gramatical, listas estas que substituem um único léxico localizado no início da computação sintática.
- ✓ As regras morfológicas e a falha do Componente Morfológico no mapeamento de traços explicam boa parte dos descompassos entre a sintaxe e a morfologia. Para o nosso estudo, a falha no mapeamento dos traços de especificação de [PESSOA] será tomada como uma regra, não necessariamente relacionada a empobrecimento lingüístico.
- ✓ O trabalho de Bonet (1991) supõe que os clíticos, quando entram na morfologia, são mapeados em estruturas hierárquicas que envolvem os nós [ARG], e [OBL], sendo [ARG] adicionalmente especificado por [PERSON] e [NEUTER]; [PERSON] pode receber [+1] e [-1] como especificação adicional e [OBL] podendo receber a especificação [GEN] que, por seu turno, pode receber [a] como marca ulterior.
- ✓ Os clíticos que projetam o nó [PESSOA] estão sujeitos a uma Generalização de Recuperabilidade, segundo a qual os

traços dos clíticos que projetam [PESSOA] devem ser recuperados, isto é, estes traços, mesmo depois de suprimidos, devem ser instanciados na cadeia da qual o clítico faz parte.

✓ O mapeamento básico dos clíticos reflexivos supõe uma estrutura para o clítico na qual estão presentes apenas os nós [ARG] e [PESSOA]. Se a língua dispõe de formas específicas para a 1^a ou 2^a pessoa, Bonet (1991) hipotetiza que regras adicionais de mapeamento estão disponíveis. No caso de a língua ter formas específicas só para o singular da 1^a ou da 2^a pessoa, Bonet (1991) assume uma regra de empobrecimento que é desencadeada pelo traço [pl] e que tem como efeito um clítico com a estrutura do mapeamento básico.

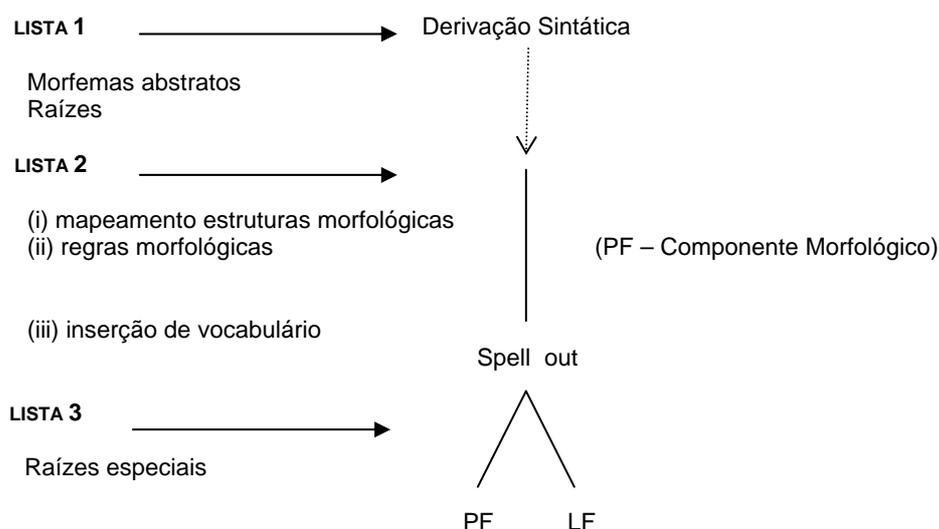
CAPÍTULO 3

A morfologia dos pronomes clíticos do PB

3.1 Considerações iniciais

Neste capítulo veremos como os pronomes clíticos são derivados no PB contemporâneo. Nossa proposta se insere na versão da MD que vimos no capítulo 2, mais especificamente, nas propostas de Embick & Halle (2004) e Embick & Noyer (2004). Vários aspectos da proposta de Bonet (1991), situada no modelo LGB (pré-minimalista), também são aproveitados na nossa análise. Em (01) representamos o modelo de gramática que adotamos.

(01) A derivação morfológica dos clíticos do PB e a arquitetura da gramática



Na Lista 1, os traços que constituem os morfemas abstratos dos pronomes clíticos do PB são os seguintes: [PESSOA], que é interpretável, e [caso], que é um traço estrutural. [PESSOA] é especificado pelos traços [+1], de 1ª pessoa gramatical, [-1], de 2ª pessoa e [Ø], que corresponde à 3ª pessoa gramatical, ou não-pessoa (Cf. Benveniste, 1966 *apud* Bonet, 1991).

Assumiremos que clítico e verbo formam um objeto morfológico complexo e a legitimação deste objeto, assim como a legitimação de qualquer objeto sintático, deve respeitar

as condições de interpretabilidade das interfaces (*bare output conditions*), conforme Chomsky (1995 e trabalhos subsequentes), que são específicas nas línguas naturais.

Os clíticos, *de per se*, são elementos fonologicamente deficientes. Os pronomes clíticos nas línguas românicas, além de serem fonologicamente deficientes, necessariamente devem ser adjungidos a raízes verbais. Assumiremos que o PB, no que diz respeito à cliticização pronominal, apresenta três condições de interpretabilidade, que formulamos em (02), em que (i) é universal, (ii) parece ser específica das línguas românicas e (iii), específica do PB.

(02) Condições de interpretabilidade dos pronomes clíticos do PB nas interfaces A-P e C-I

(i) um pronome clítico deve encontrar um hospedeiro fonológico para convergir em A-P.

(i) na formação morfológica [Cl+V+I], os traços constitutivos do clítico precisam ser checados em um domínio verbal para a derivação convergir em C-I.

(ii) em uma cadeia [DP_i [Cl_i+V+I_i]] a relação de vinculação entre o clítico anafórico e o seu

anterior deve ser homogênea¹ para que um pronome clítico possa convergir em C-I.

O mecanismo de Inserção de Vocabulário é última operação que ocorre no Componente Morfológico. Este mecanismo captura as condições representadas em (02) através do Princípio do Subconjunto (03), que vimos no capítulo 2 (em 2.2.2.3) e que retomamos em (03):

(03) Princípio do Subconjunto

O expoente fonológico de um item do vocabulário é inserido em uma determinada posição se seus traços corresponderem (parcial ou totalmente) aos traços que especificam o morfema terminal. A inserção não ocorre se o item contém traços que não estão presentes no morfema. Quando vários itens vocabulares satisfazem condições de inserção em relação a um único morfema abstrato, o item que mais corresponder ao morfema em termos de número de traços especificados no nó terminal, deve ser escolhido/implementado.

(Halle, 1997 *apud* Embick e Halle, 2004:7/9)

¹ A noção de 'homogeneidade' será explicitada quando discutirmos reflexividade.

Dadas as propriedades constitutivas e a distribuição dos pronomes clíticos do PB conforme pessoa gramatical, como vimos no capítulo 1, assumiremos que somente os clíticos dativos, os dativos de posse e os acusativos são verdadeiros clíticos pronominais. Os clíticos reflexivos e os inerentes são clíticos anafóricos. Os clíticos dativo ético, ergativo e nominativo são pronomes clíticos especiais. Dessa forma, o PB apresenta fundamentalmente três tipos de pronomes clíticos, como representado em (04):

(04) Pronomes clíticos do PB contemporâneo

Clíticos pronominais			Clíticos anafóricos						Clíticos especiais			
	singular			singular			plural			singular		
1 ^a p	me	me	me	me (se)		me (se)	se (nos)	se	se (nos)	me		
2 ^a p	te	te	te	te		te	se	se	se			
3 ^a p				se		se	se	se	se		se	se
	dat	pos	acc	refl	rec	ine	refl	rec	ine	eth	erg	nom

Tendo em mente estas considerações iniciais, lembremos ainda, antes de dar continuidade a este capítulo, que os dados que nos dispomos a explicar são fundamentalmente as (im)possibilidades abaixo:

- (i) % Eu *se* molhei toda.

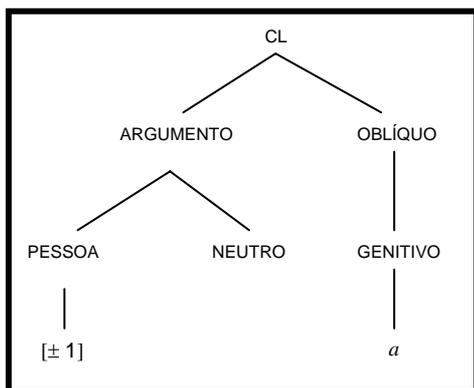
- (ii) * Você *te* vestiu direitinho?
- (iii) * Tu *se* vestes direitinho, tá?
- (iv) % Tu *te* vestiu direitinho?
- (v) % Tu *te* vestiste direitinho.

3.2 O mapeamento dos traços gramaticais e as estruturas morfológicas dos pronomes clíticos do PB contemporâneo

Na figura (9a) retomamos a estrutura prototípica dos pronomes clíticos das línguas românicas (que corresponde à figura 6, do capítulo anterior), elaborada em Bonet (1991:15), a partir do inventário de traços gramaticais dos pronomes clíticos do Catalão padrão. Compare (9a) com (9b):

Figura 9 Traços gramaticais dos pronomes clíticos do Catalão (9a) em relação ao PB (9b)

(9a)



(9b)



Assumiremos, como Bonet, que apesar de o conjunto de traços gramaticais representado em (9a) ser disponibilizado a partir de um inventário da Gramática Universal, as línguas variam consideravelmente no que diz respeito aos traços que elas expressam na morfologia. A figura (9b) é uma prova disto. Ao contrário do que ocorre em outras línguas, os clíticos do PB resultam do mapeamento morfológico de apenas três traços gramaticais: [ARG], [PESSOA] e [± 1].

Projetar apenas [PESSOA], [ARG] e [± 1] é um dos motivos pelos quais o PB contemporâneo é uma das línguas românicas que apresenta a menor ‘variedade’ de pronomes clíticos. Em outros estágios de evolução, ao menos um outro traço além desses certamente era projetado no PB: o traço [OBLÍQUO]. O desaparecimento do dativo de 3ª pessoa *lhe*, no entanto, deixa claro que este traço já não é mais mapeado no PB. Da mesma forma, supomos que na medida em que [ARG] e [± 1] deixam de ser especificados por [Agrt] - o traço morfológico de concordância que têm [plural] e [feminino] como traços privativos, conforme Bonet (1991), o Componente Morfológico do PB não tem mais como derivar o clítico acusativo de 3ª pessoa

a (bem como, as suas formas desdobradas *la* e *na*), em função da perda do traço [feminino]. A perda do nó morfológico [Agrt], que abrigava o traço de gênero e de plural, nos permite compreender porque a morfologia do PB não deriva os clíticos acusativos de 3ª pessoa². A realização destes clíticos no PB é muito marginal e exclusivamente condicionada por fatores sociais, conforme Galves (2001), entre outros autores. Ao que parece, os clíticos acusativos de 3ª pessoa são raízes especiais do PB, que têm a sua realização derivada via Lista 3.

Em outras línguas românicas - o catalão, por exemplo, como vimos no decorrer do capítulo anterior - outras informações gramaticais podem ser veiculadas pelos clíticos. Muitas dessas informações se devem ao mapeamento dos traços [NEUTRO], [OBLÍQUO] e [GENITIVO], o que confere ao catalão um elevado grau de variedade, tanto no que diz respeito às informações

² O desaparecimento do clítico de 3ª pessoa no PB envolve questões de natureza sintática, morfológica e fonológica. Cyrino (1997), por exemplo, em análise diacrônica sobre a sintaxe do objeto nulo no PB, associa o desaparecimento deste clítico ao surgimento de construções outras que aparentemente entraram no PB em concorrência com o uso desta forma clítica: o objeto nulo e o pronome tônico. As possibilidades em (i) e (ii) figuram como exemplos de construções com o objeto nulo e pronome tônico no PB:

[O que a Maria fez com o meu livro?]

- (i) A Maria rasgou *ec*.
- (ii) A Maria rasgou *ele*.
- (iii) *A Maria *o* rasgou.

Para Nunes (1993a), uma mudança na direção da cliticização fonológica ocorrida no século XVII impossibilitou a realização dos clíticos *lo*, *la*. Uma das conseqüências dessa mudança foi a perda do /l/ - ataque silábico (*onset*) - destes clíticos, originado dos demonstrativos latinos *illum/illam/illud*, pronomes que deram origem aos clíticos acusativos de terceira pessoa. Para uma hipótese morfossintática do desaparecimento desses clíticos ver Galves (2001: capítulo 7) que, entre outros aspectos, associa o desaparecimento destes clíticos ao processo de enfraquecimento da concordância verbal no PB.

gramaticais que os pronomes clíticos veiculam nessa língua, quanto pela diversidade fonológica que eles podem apresentar. Ao que parece, nas línguas românicas, o catalão e o PB figuram como dois grandes extremos: a complexidade do sistema de clíticos do catalão se contrapõe à simplicidade do sistema do PB.

Em meio a estes extremos, temos o sistema de clíticos pronominais do PE, por exemplo, bem mais complexo que o do PB, já que o PE mapeia os traços [ARG], [PESSOA] e também [OBLÍQUO]. Além disso, a morfologia do PE especifica [ARG] e [PESSOA] com o traço [Agrt] e por isso o PE, assim como o catalão, instancia formas clíticas especificadas pelos traços [plural] e [feminino]. Estas são as diferenças fundamentais entre PB e PE, no que diz respeito ao mapeamento de traços gramaticais dos pronomes clíticos: é dela que derivamos a diferença entre os quadros 2 e 3 do capítulo 1.

Voltando à representação em (9a) e (9b), lembremos que o conjunto de traços gramaticais disponibilizados pela GU corresponde, na verdade, aos feixes de traços dos morfemas abstratos presentes na Lista 1, conforme a versão que adotamos da MD na nossa análise. Tal como Bonet (1991:16), apoiada em

Kayne (1975), assumiremos que [ARGUMENTO] é um traço constitutivo dos pronomes clíticos nas línguas românicas. No entanto, este traço é exclusivamente morfológico, não necessariamente idêntico ao seu homônimo na sintaxe. Da mesma forma, [PESSOA] parece ser um traço lido diferentemente pela sintaxe, pela semântica e pela morfologia; assumiremos aqui que o Componente Morfológico mapeia este traço como uma categoria morfológica.

Como mencionamos na introdução deste capítulo, os morfemas abstratos dos pronomes clíticos do PB são constituídos por traços interpretáveis e não-interpretáveis. Os traços interpretáveis desses clíticos são [PESSOA] e [± 1]. Todos os traços não-interpretáveis devem ser checados e eliminados antes de LF, para que possa haver convergência na interface I-C (conforme Chomsky 1995-2001). O único traço não-interpretável dos clíticos do PB é o traço de caso estrutural, que é sintaticamente especificado através da operação Agree. Esta operação ocorre na sintaxe, depois da concatenação do clítico ao verbo (que resulta na formação do objeto sintático complexo [Cl+V+I]), porque é o verbo que vai checar (valorar) o traço estrutural do clítico. A informação sobre o caso estrutural do

clítico é preservada na derivação morfofonológica do objeto complexo [C1+V+I]³.

Assim, de acordo com o que representamos em (9b), podemos dizer que, no PB, três estruturas morfológicas derivam do mapeamento inicial que o Componente Morfológico faz dos terminais sintáticos (morfemas abstratos e raízes) presentes na Lista 1, como representamos no quadro 05.

Quadro 5. Estruturas morfológicas dos pronomes clíticos do PB

C1	C2	C3
CL ARG PESSOA [+1]	CL ARG PESSOA [-1]	CL ARG PESSOA
1ª pessoa: acusativo, dativo, dativo de posse e dativo ético	2ª pessoa: acusativo, dativo e dativo de posse	3ª pessoa: reflexivo, inerente, recíproco, ergativo e nominativo

As estruturas morfológicas C1 1 e C1 2 detalham a informação sobre o traço [PESSOA] através da especificação [±1],

³ Como o principal objetivo desta tese é analisar a derivação morfológica dos pronomes clíticos, não entraremos em detalhes sobre a constituição dos morfemas abstratos (nem mesmo das raízes) dos verbos que os hospedam no PB.

em que [+1] corresponde à 1ª pessoa morfológica e [-1], à segunda. No PB, ao contrário do que ocorre no catalão (e também no PE), [±1] não apresenta a especificação adicional [Agrt]. Como consequência, todas as pessoas do plural não apresentam formas específicas para os clíticos na atualidade. Lembremos, *nos* não é instanciado pela gramática nuclear do PB. Da mesma forma que os clíticos acusativos de 3ª pessoa, o *nos* também é uma raiz especial do PB, inserida na Gramática via Lista 3.

Por sua vez, a estrutura morfológica Cl 3, que representa todos os clíticos de 3ª pessoa - a não-pessoa nos termos de Benveniste⁴ - não projeta [±1], já que estes clíticos são caracterizados pela “ausência total de especificação de pessoa”, nas palavras de Galves (2001:144).

Estas três estruturas morfológicas estão sujeitas a operações morfológicas que irão derivar os clíticos (reflexivos e inerentes) *me* e *te* nas 1ª e 2ª pessoas do singular e o clítico *se* (reflexivo e inerente) na 1ª pessoa do singular, como veremos nas seções 3.4 e 3.5, em que apresentaremos a derivação morfológica dos clíticos de 1ª e 2ª pessoas, respectivamente. O mecanismo de

⁴ Conforme mencionado por Bonet (1991) e Galves (2001).

Inserção de Vocabulário ocorre depois de efetuadas estas operações morfológicas sobre estas estruturas.

Os itens do vocabulário, presentes na Lista 2, que especificam fonologicamente estas estruturas morfológicas são representados, simplificadaamente, em (05).

(05) Itens do vocabulário das estruturas morfológicas CL1, CL2 e CL3 (representação simplificada)

CL1: /me/ ↔ [CL[ARG[PESOA[+1]]]]

CL2: /te/ , /lhe/ ↔ [CL[ARG[PESOA[-1]]]]

CL3: /se/ ↔ [CL[ARG[PESOA]]]

Utilizaremos a representação simplificada destes itens na seção 3.4, quando lançaremos mão de vários quadros para representar o processo de derivação morfológica dos pronomes clíticos do PB. Entretanto, como vimos no capítulo 2 (em 2.2.2.2), a Lista 2 contém os expoentes fonológicos e também as condições de inserção destes itens nas línguas, conforme Harley & Noyer (1999). Para capturarmos as condições de inserção dos clíticos pronominais do PB na formação morfológica [Cl+V+I], em que [Cl] corresponde à CL1, CL2 ou CL3, representamos em

(06) uma versão mais elaborada dos itens do vocabulário relacionados às estruturas morfológicas CL1, CL2 e CL3.

(06) Itens do vocabulário das estruturas morfológicas CL1, CL2 e CL3 (representação específica)⁵

a. CL1 (acusativo, dativo, dativo de posse)

/me/ \longleftrightarrow [DP __ , 1p, +pron [VP+I __]]

b. CL1 (reflexivo, inerente)

/me/ \longleftrightarrow [DPi [DPi __ , 1p, +anaf [VP+Ii __]]]

c. CL2 (acusativo, dativo, dativo de posse)

/te/ \longleftrightarrow [DP __ , 2p, +pron [VP+I __]]

d. CL2 (acusativo, dativo)

/he/ \longleftrightarrow [DP __ , 2p, +pron [VP+I __]]

e. CL2 (reflexivo, inerente)

/te/ \longleftrightarrow [DPi [DPi __ , 2p, +anaf [VP+Ii __]]]

f. CL3 (reflexivo, inerente, recíproco)

/se/ \longleftrightarrow [DPi [DPi __ , \emptyset , +anaf [VP+Ii __]]]

⁵ Em que (1p), (2p) e (\emptyset) correspondem, respectivamente, às 1ª, 2ª e 3ª pessoas morfológicas. A notação (__) corresponde à informação sobre o caso estrutural do clítico que é preservada na derivação morfofonológica do objeto complexo [Cl+V+I]. A tipologia do clítico, se anafórico ou pronominal, é representada pelas notações (anaf) e (pron).

g. CL3 (ergativo, nominativo)

/se/ \longleftrightarrow [DP __ , Ø, +pron [VP+I __]]

Defendemos a hipótese de que a derivação dos pronomes clíticos anafóricos (reflexivos e inerentes) do PB deve levar em consideração a relação estabelecida entre o clítico e o verbo (no que diz respeito à flexão do verbo) para que eles sejam apropriadamente derivados. Antes de apresentarmos mais detalhadamente as derivações dos clíticos de 1^a e 2^a pessoas, portanto, julgamos conveniente apresentar algumas considerações gerais sobre a constituição dos paradigmas verbais do PB contemporâneo.

3.3 Considerações sobre os paradigmas verbais do PB contemporâneo

Galves (1993), baseada nos trabalhos de Tarallo (1983, 1992), Nunes (1990,1991), Cyrino (1990) e Pagotto (1992), sustenta que, por volta da segunda metade do século XIX, o PB passou por uma profunda mudança gramatical que, entre outras conseqüências, implicou:

- (i) na modificação do seu sistema pronominal, que passou a instanciar mais objetos nulos, em oposição ao que acontecia no século XVIII, conforme verificou Tarallo (1983, 1992);
- (ii) no desaparecimento dos clíticos acusativos de 3ª pessoa que, conforme Cyrino (1993), está relacionado com a entrada do objeto nulo no PB;
- (iii) no ordenamento dos clíticos em relação aos verbos que os hospedam, principalmente no que diz respeito às construções com dois verbos, em que há a perda do movimento do clítico para o verbo auxiliar; o clítico passa a ser então adjungido em próclise ao verbo principal, conforme Pagotto (1991);
- (iv) no desaparecimento do morfema de concordância verbal quando em construção com o clítico *se*, como mostrou Nunes (1990, 1991), que deixa de ser interpretado como passivador e passa a ser interpretado apenas como indeterminador.

Estas mudanças são responsáveis pela ‘emergência do *brasileiro*’, conforme Galves (1993:387), que defende a tese de

que todas elas estão relacionadas com o processo de enfraquecimento da concordância verbal no PB, mais especificamente pelo enfraquecimento do morfema de concordância presente em “*INFL, que, por sua vez, resulta da perda da distinção entre as desinências de segunda e terceira pessoas*” (Cf. Galves 2001:142). Ou seja, o processo de enfraquecimento da concordância verbal no PB está relacionado à natureza do traço [PESSOA].

Para a autora, os sistemas de concordância verbal das línguas naturais podem ser caracterizados como fortes ou fracos. Em um sistema de concordância forte, como é o do PE e das línguas românicas de um modo geral, [PESSOA], além de ser um traço sintático, é também um traço semântico que comporta três valores específicos: um para a 1^a pessoa, outro para a 2^a e um terceiro para a 3^a pessoa gramatical. Observe os paradigmas verbais do PB⁶ e do PE, representados em (07), extraído de Galves (2001:143).

⁶ Daqui em diante, sempre que nos referirmos ao paradigma verbal proposto em Galves (2001) usaremos a sigla PB1.

(07) Paradigmas verbais do PE e do PB1

PB1		PE
	(eu) falo	
você fala		tu falas
ele fala		ele fala
	nós falamos	
	vocês/eles falam	

Como o PB1 perdeu a distinção semântica entre as desinências de segunda e terceira pessoas, um novo sistema de concordância foi gerado pela gramática desta língua, em que [PESSOA], como um traço exclusivamente sintático, comporta apenas dois valores, um positivo e outro negativo. É por isso que o PB1 apresenta um sistema de concordância fraco. Através da combinação dos valores + e - dos traços [PESSOA] e [plural], Galves (2001:143) obtém o seguinte quadro de desinências pessoais no PB1:

(07a). Desinências pessoais do PB1

+pessoa/ -plural	> -o
+pessoa/ +plural	> -mos
-pessoa/ +plural	> -m
-pessoa/ -plural	> -∅

A autora afirma ainda que “o paradigma de clíticos pronominais é caracterizado de maneira idêntica ao paradigma flexional da língua” (Galves, 2001:19). Se tomarmos à risca esta afirmação, poderíamos pensar que desde a segunda metade do século XIX, provavelmente, o PB1 deveria ter, então, um paradigma de pronomes clíticos como o representado em (08).

(08) O paradigma verbal do PB1 em relação ao suposto paradigma de clíticos pronominais

eu	falo	<i>me</i>
tu/você/ele	fala	<i>se</i>
nós	falamos	<i>nos</i>
vocês/eles	falam	<i>se</i>

A partir da comparação entre (08) e (04)⁷, devemos fazer duas observações específicas:

(i) não há distinção entre a 2^a e a 3^a pessoas na morfologia verbal do PB1. No entanto, o clítico *te* acusativo, dativo e dativo de posse nunca podem ser realizados como /se/, como mostram as impossibilidades em (09 -11).

⁷ Quadro exposto na página 114.

(09)a. O João *te* molhou. (acusativo)

b. *O João *se* molhou.

c. O João molhou **você**/* **tu**⁸.

(10)a. O João *te* deu flores. (dativo)

b. *O João *se* deu flores.

c. O João deu flores pra **você**/ **ti**.

(11)a. Então *te* cortaram o cheque especial, João? (dativo
de posse)

b. *Então *se* cortaram o cheque especial, João?

c. Então cortaram o *seu/teu* cheque especial, João?

A agramaticalidade de (09b), (10b) e (11b) é desencadeada pela presença do clítico *se* nestas sentenças, já ele que só pode ser mapeado como uma anáfora e nunca como um pronome acusativo ou dativo. A variação entre os clíticos de 2ª pessoa *te* e *se* só ocorre quando estes são clíticos anafóricos⁹.

⁸ Só seria gramatical a realização do **tu** neste tipo de construção se tivéssemos uma estrutura de foco (contrastivo, provavelmente, conforme Zubizarreta, 1998):

(01) O João molhou **TU**, e não a Maria.

(02)?*O João **TE** molhou, e não a Maria.

⁹ Veremos mais adiante, em 3.5, que em certos dialetos do sul, por exemplo, em que o paradigma verbal ainda preserva a distinção entre 2ª e 3ª pessoas do singular, a realização do *te* é obrigatória até mesmo quando este clítico corresponde às funções reflexiva e inerente.

(ii) se a derivação do paradigma flexional do PB1 fosse idêntica à derivação do paradigma de pronomes clíticos, deveríamos assumir que o clítico *nos* é instanciado pela gramática nuclear já que a Lista 1 do PB1 contaria com o morfema abstrato [plural] - caso contrário, o PB1 não apresentaria o morfema específico de 1ª pessoa do plural - *mos*. No entanto, já vimos sentenças em que não temos a co-ocorrência de clíticos de 1ª pessoa do plural com a morfologia verbal de primeira pessoa do plural, como mostram os exemplos abaixo¹⁰ :

(12) ...porque nós *nos* dava muito mesmo.

(13) Com essa doença da aids que tem aí, nós devemos *se* prevenir.

(14) Nós *se* conhecemos.

Além do mais, se voltarmos a examinar o paradigma do PB1 representado em (07), veremos que tanto a 1ª pessoa quanto as 2ª/3ª pessoas contam com a diferença sistemática entre singular e plural, com pelo menos uma marca específica de plural. Sendo

¹⁰ Estes dados estão no capítulo 1, em 1.4.1; (12) corresponde ao dado (65) [NUER:SÃO ROQUE, RS,MASC,S/ESC,65] e (13) ao (63) [FLPM45PRI].

assim, não teríamos como explicar por que o PB1 não contaria com formas específicas para os clíticos no plural.

Outra observação importante que deve ser feita aqui é o fato de que há um dialeto do PB contemporâneo que possui no paradigma verbal uma única distinção operante: a 1ª pessoa do singular se distingue de todas as outras pessoas gramaticais. O traço [plural], neste caso, é sistematicamente inoperante, como já notado por vários estudiosos, como Costa & Figueiredo Silva (2002), em seu estudo sobre a concordância nominal e verbal na língua portuguesa. Para estes autores, o PB apresenta dois paradigmas verbais: o do PB1, como representado em (09) e o do PB2, que representamos no quadro 6, juntamente com o paradigma de clíticos pronominais que deveria estar a ele associado.

Quadro 6. Paradigma verbais do PB¹¹ contemporâneo, em relação aos paradigmas de pronomes clíticos

PB1			PB2		
eu	falo	<i>me</i>	eu	falo	<i>me</i>
tu/você/ele	fala	<i>se</i>	tu/você/ele	fala	<i>se</i>
nós	falamos	<i>nos</i>	a gente		
vocês/eles	falam	<i>se</i>	vocês/eles		

¹¹ Adaptados de Galves (2001:143) e Costa & Figueiredo Silva (2002:21).

A análise de Costa & Figueiredo Silva (2002) nos mostra que [plural] é um aspecto relevante na diferenciação entre o PB1, PB2 e o PE. No PE, por exemplo, todos os elementos internos ao DP necessariamente realizam o morfema [plural]. Da mesma forma, há concordância obrigatória entre sujeito e verbo no PE. Em ambas as situações o PE diverge do PB (PB1 e PB2). Observe os exemplos (adaptados de Costa & Figueiredo Silva, 2004:17-18).

(15) Os carros ‘tão lindos. (PE)

(16) Os carro ‘tão lindo. (PB1)

(17) Os carro tá lindo. (PB2)

Para Costa & Figueiredo Silva, adotando uma proposta de Embick & Noyer (2001), PE e PB diferem neste aspecto em função do tipo da morfologia de plural. No PE, a concordância de número é obrigatória porque [plural] é um morfema dissociado, ao passo que no PB, [plural] é um morfema *singleton*. Tanto os morfemas *singleton* quanto os dissociados são produto de Inserção Tardia, via Lista 2, e refletem, indiretamente, uma estruturação sintática específica. A diferença que há entre esses

dois tipos de morfema é que os *singleton* são realizados apenas no elemento que veicula a informação que diz respeito a número, neste caso. É por isso que no PB2, por exemplo, apenas a realização fonológica do morfema [plural] em D⁰ do DP sujeito é suficiente para que interpretemos (17) como uma sentença no plural, mesmo que o verbo não apresente morfologia de plural.

Estas observações que fizemos sobre a constituição do paradigma flexional do PB nos levam a considerar que a única relação relevante que pode haver entre a derivação do paradigma de pronomes clíticos e o paradigma flexional diz respeito ao morfema abstrato [PESSOA] e não ao morfema [plural], que não existe na Lista 1, no que diz respeito aos traços gramaticais dos pronomes clíticos do PB, mas que existe ainda no paradigma flexional do PB1.

Assumimos que a correspondência entre os morfemas abstratos do clítico e da flexão do verbo na formação morfológica [Cl+V+I] é relevante no processo de cliticização do PB, principalmente na derivação dos clíticos anafóricos. Esta

correspondência envolve diretamente a especificação do traço [PESSOA]. Observe os contrastes abaixo¹².

a. 1ª pessoa:

(18) a. Eu *me* molho.
 | | |
 [+1] [+1] [+1]

b. %Eu *se* molho
 | | |
 [+1] [Ø] [+1]

(19) *Eu *me* molhas.
 | | |
 [+1] [+1] [-1]

(20) *Eu *me* molha.
 | | |
 [+1] [+1] [Ø]

b. 2ª pessoa:

(21) *Tu *te* molho.
 | | |
 [-1] [-1] [+1]

a. *Você *se* molho
 | | |
 [Ø] [Ø] [+1]

(22) Tu *te* molhas.
 | | |
 [-1] [-1] [-1]

b. *Você *se* molhas
 | | |
 [Ø] [Ø] [-1]

(23) Tu *te* molha.
 | | |
 [-1] [-1] [Ø]

c. Você/Tu *se* molha
 | | | |
 [Ø] [-1] [Ø] [Ø]

¹² Notar que estas sentenças são agramaticais sem a presença dos clíticos, porque o problema delas é a ausência de concordância entre o sujeito e a flexão verbal. Estes exemplos são pertinentes para que verifiquemos quais são as combinações possíveis e impossíveis no que diz respeito aos traços de especificação de [PESSOA] nas formações morfológicas que envolvem clíticos reflexivos e inerentes.

c. 3ª pessoa:

(24) *Ele *se* molho.
 | | |
 [Ø] [Ø] [+1]

(25) *Ele *se* molhas.
 | | |
 [Ø] [Ø] [-1]

(26) Ele *se* molha.
 | | |
 [Ø] [Ø] [Ø]

Em todas estas sentenças o clítico anafórico apresenta exatamente os mesmos traços que o seu antecedente. A única exceção é (18b) que só será possível apenas em algum dialeto (ou em um período inicial de aquisição de pronomes clíticos) que não tenha *me* como reflexivo (isto é, que não tenha o mapeamento adicional [+1]). Em todos os dialetos que tem este mapeamento adicional, ela deve ser usada nesses tipos de contexto.

A que conclusões podemos chegar a partir das combinações representadas em (18-26)? Duas óbvias: a morfologia marcada de 1ª ou 2ª pessoa só é compatível com pronomes sujeitos e clíticos anafóricos também marcados por pessoa (exceto (18b), como notamos); a morfologia não marcada de 3ª pessoa se combina

com a 3ª pessoa morfológica (**você/ele**) no pronome sujeito e no clítico anafórico. A menos óbvia: o pronome sujeito marcado com morfologia de 2ª pessoa – **tu** – pode se combinar tanto a morfologia marcada de 2ª pessoa (neste caso, como em (22), o clítico só pode ser *te*)¹³ quanto com a morfologia não-marcada de 3ª pessoa (neste caso, como em (23) e (23c), o clítico pode ser *te* ou *se*). Por que ocorre este tipo de compatibilidade em (23) e (23c)? Porque estes são exemplos de sentenças que correspondem a um paradigma que sofre as conseqüências do processo de enfraquecimento da concordância verbal do PB.

Esses exemplos em (18-26) podem nos dar uma idéia bastante clara das combinações possíveis e impossíveis no que diz respeito ao traço [PESSOA] em cadeias do tipo [DP_i [Cl_i+V+I_i]], como mostram os conjuntos abaixo:

⇒ [DP_i [Cl_i+V+I_i]] - 1ª pessoa:

☞	[+1] [+1] [+1]	Eu <i>me</i> molho
%	[+1] [Ø] [+1]	Eu <i>se</i> molho
☞	[+1] [+1] [-1]	Eu <i>me</i> molhas
☞	[+1] [+1] [Ø]	Eu <i>me</i> molha

¹³ Observe que se **você** fosse de 2ª pessoa morfológica, (22b) deveria ser uma boa sentença no PB. No entanto, mesmo no dialeto florianopolitano, em que a oposição **tu/você** não parece ser tão marcada (e que também pode preservar a desinência de 2ª pessoa no verbo, principalmente no falar dos nativos do Ribeirão da Ilha e da Barra da Lagoa) como em certos dialetos gaúchos, **você** nunca pode ocorrer com *te*.

⇒ [DP_i [Cl_i+V+I_i]] - 2^a pessoa:

☞ [-1] [-1] [-1]	Tu <i>te</i> molhas
☞ [-1] [-1] [∅]	Tu <i>te</i> molha
☞ [-1] [∅] [∅]	Tu <i>se</i> molha
☞ [-1] [∅] [+1]	Tu <i>se</i> molho
☞ [-1] [-1] [+1]	Tu <i>te</i> molho
☞ [-1] [-1] [+1]	Tu <i>se</i> molhaste

⇒ [DP_i [Cl_i+V+I_i]] - 3^a pessoa:

☞ [∅] [∅] [+1]	Ele <i>se</i> molho	Vocês <i>se</i> molho
☞ [∅] [∅] [-1]	Ele <i>se</i> molhas	☞ Você <i>se</i> molha
☞ [∅] [∅] [∅]	Ele <i>se</i> molha	Vocês <i>se</i> molham

Muito embora seja visível uma correlação entre a derivação do paradigma de clíticos e do paradigma flexional do PB, ao menos no que diz respeito ao traço morfológico [PESSOA], não temos, no entanto, nenhum argumento que nos leve a considerar que estas derivações sejam idênticas, como supõe Galves (2001:19). Adicionalmente, ao que parece, do ponto de vista da sintaxe, não há nenhuma razão direta pela qual o sistema de pronomes clíticos, que é constituído fundamentalmente por objetos, deveria espelhar o que se passa com a morfologia verbal de concordância do sujeito. O único caso em que de fato esta

relação é relevante é o caso que examinamos aqui, isto é, o caso dos clíticos anafóricos.

3.4 Operações morfológicas que derivam os paradigmas de pronomes clíticos do PB contemporâneo

Para que a figura (9b), em 3.2, efetivamente capture a realidade empírica do sistema de clíticos do PB contemporâneo que descrevemos no capítulo 1, devemos detalhar quais são as operações morfológicas que atuam sobre as três estruturas morfológicas dos clíticos do PB, C11 (acusativo, dativo, dativo ético e dativo de posse), C12 (acusativo, dativo e dativo de posse) e C13 (reflexivos, inerentes, recíprocos, nominativo e ergativo), representadas no quadro 5, na seção 3.2. Através do mecanismo de Inserção de Vocabulário, estas três estruturas serão fonologicamente especificadas pelas formas /me/, /te/, /lhe/ e /se/.

Devemos ter em mente que a legitimação dos clíticos do PB leva em consideração as três condições de interpretabilidade das interfaces A-P e C-I, que formulamos em (02), na seção 3.1. Como (2i) é uma condição universal que captura apenas a

deficiência fonológica dos clíticos em geral, tomemos (27) como as condições específicas do PB.

(27) Condições de legitimação dos pronomes clíticos do PB na interface C-I

- (i) na formação morfológica [Cl+V+I], os traços constitutivos do clítico precisam ser checados em um domínio verbal para a derivação convergir em C-I.
- (ii) em uma cadeia [DP_i [Cl_i+V+I_i]] a relação de vinculação entre o clítico anafórico e o seu antecedente deve ser homogênea para que um pronome clítico possa convergir em C-I.

Numa concepção forte de homogeneidade, os traços de [PESSOA] do clítico e da desinência do verbo na formação morfológica [Cl+V+I] devem ter os mesmos valores; na concepção fraca, por outro lado, um dos valores pode ser [Ø], o da morfologia verbal, se o valor do clítico é [-1]¹⁴.

¹⁴ Ainda se deve examinar o caso do PB infantil em que 'eu *se* molho' onde a morfologia verbal tem valor [+1] e o valor do clítico é [Ø]. Voltaremos a esta questão mais adiante.

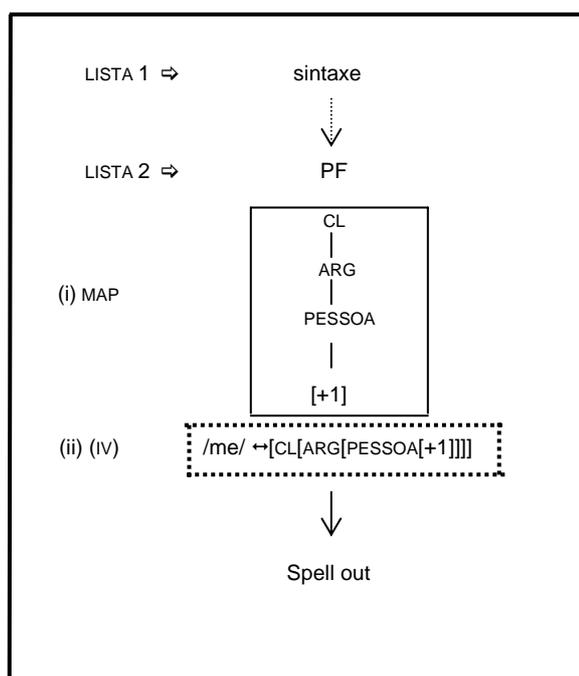
3.4.1 A derivação dos clíticos de 1ª pessoa

Vimos no capítulo 1 que três formas clíticas podem ocorrer na 1ª pessoa do PB: *me* e *se*, no singular, e, mais marginalmente, o clítico *nos*, no plural. Veremos nesta subseção como a morfologia deriva essas possibilidades de ocorrência.

3.4.1.1 O mapeamento do *me* acusativo, dativo, dativo ético e dativo de posse(CL1)

No quadro 4, em 3.2, representamos a estrutura morfológica que resulta do mapeamento inicial do clítico de 1ª pessoa *me*, o CL1. No quadro 7 apresentamos as etapas da derivação deste clítico no PB.

Quadro 7. Etapas do mapeamento de *me* acusativo, dativo, dativo ético e dativo de posse para a 1ª pessoa do singular (CL1)



A derivação morfológica de *me* ocorre em duas etapas distintas: primeiro são mapeados da Lista 1 seus traços gramaticais [PESSOA] e [+1], [ARGUMENTO] que, não é demais lembrar, são traços morfológicos. Logo em seguida, ocorre a operação de Inserção de Vocabulário, em que o morfema terminal desta estrutura [ARG[PESSOA[+1]]] será especificado pela matriz fonológica /me/¹⁵. Este é o mapeamento padrão do clítico *me* quando corresponde às funções de acusativo, dativo, dativo ético

¹⁵ Não entraremos em detalhes sobre a especificação das matrizes fonológicas correspondentes aos pronomes clíticos que subsistem no PB.

e dativo de posse, como mostram os seguintes exemplos, respectivamente¹⁶.

(28) Esse que foi meu diretor *me* convidou pra...
[FLPM76:25:57]

(29) As gurias *me* davam presentes no dia dos professores.
[VARSUL/POA, 20:664]

(30) Não *me* põe o pé sujo na cama!

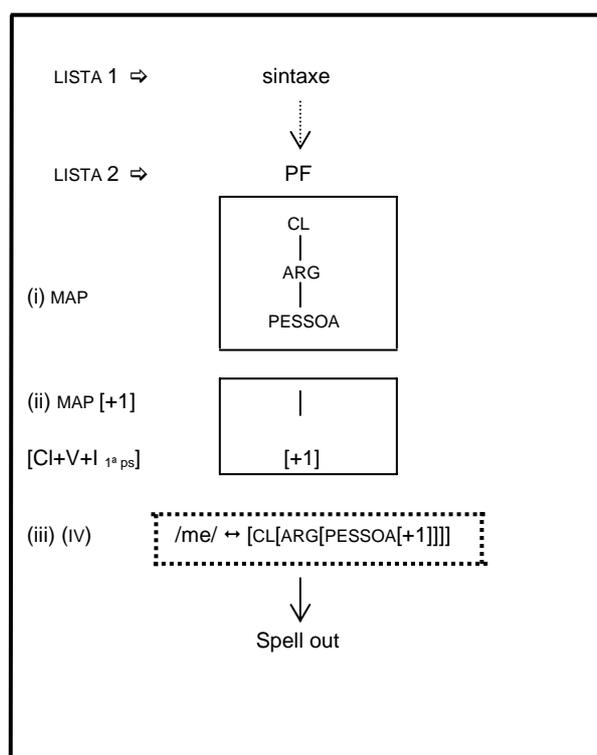
(31) Eles *me* cortaram o cheque especial.

3.4.1.2 O mapeamento dos clíticos *me* reflexivo e inerente na 1ª pessoa do singular (CL3+[+1])

Os clíticos reflexivos e inerentes (e também os recíprocos) não apresentam qualquer tipo de especificação de pessoa. Entretanto, ao contrário do nominativo e do ergativo, que só ocorrem na 3ª pessoa, reflexivos e inerentes podem ocorrer em todas as pessoas gramaticais. Isto é possível porque o traço [±1] que especifica [PESSOA], com informação sobre as 1ª e 2ª pessoas gramaticais, decorre de um mapeamento adicional operado no Componente Morfológico, como representa o quadro 8.

¹⁶ (28) e (29) correspondem a (46) e (47) que constam em 1.4.1, no capítulo 1.

Quadro 8. Etapas do mapeamento do *me* reflexivo e inerente da 1ª pessoa gramatical (CL3 + [+1]) no contexto [Cl+V+I 1ª ps]



Deve-se notar que esse mapeamento adicional só opera quando o objeto complexo [Cl+V+I] fornece a informação relevante de 1ª pessoa, pois a cadeia resultante seria agramatical (seria não-homogênea) se o clítico e a flexão do verbo não partilhassem o traço [+1].

O mecanismo de Inserção de Vocabulário é a última operação morfológica depois da atuação do mapeamento adicional (CL3+[+1]). Como a estrutura que resulta deste mapeamento corresponde à estrutura morfológica CL1, há na lista 2, apenas um único item do vocabulário que preenche as condições exigidas para a legitimação da formação [Cl+V+I], tanto no que diz respeito ao fato de o verbo poder hospedar um clítico reflexivo (__), quanto às condições de licenciamento de pessoa morfológica [+1]. Representamos este item do vocabulário em (32) e os exemplos deste mapeamento em (33) e (34) ¹⁷.

(32) /me/ \longleftrightarrow [_{DPi} [_{DPi} __ , 1p, +anaf [_{VP} V+I i __]]]

(33) **Me** vesti rapidinho.
 | |
 [+1] [+1]

(34) Olha, eu_i **me**_i limito a faze(r) um bom, bom! um churrasco.
 | | |
 [+1] [+1] [+1]

Em (33) e (34), a especificação do morfema abstrato [PESSOA] é a mesma no clítico e na desinência verbal. Em (34), além de haver correspondência de traço [+1] na formação morfológica [Cl+V+I], há também correspondência visível entre

¹⁷ Estes são os dados (48), [FLPPRI41:18:46] e (51) da subseção 1.4.1, no capítulo 1, este último foi extraído de Fávero, Andrade & Araújo (1996:499 - D2POA.291:185-187,p.11).

o clítico e o seu antecedente, já que o sujeito da sentença é um pronome realizado. Nestes casos, a Inserção de Vocabulário providencia um expoente fonológico que especifica perfeitamente o morfema terminal dos clíticos em (33) e (34). Podemos dizer que (34), no que diz respeito à [PESSOA], converge em C-I porque preserva as condições que representamos em (27), na concepção forte. Se qualquer outro expoente fonológico disponível na Lista 2 fosse inserido nesta posição, todas as sentenças derivadas de (34) resultariam agramaticais, mesmo se considerássemos que o nulo fonético pudesse ser um expoente fonológico dos clíticos do PB.

(35) * eu_i **te**_i limito_i a fazer...
 | | |
 [+1] [-1] [+1]

(36) * eu_i **lhe**_i limito_i a fazer...
 | | |
 [+1] [-1] [+1]

(37) * eu_i **se**_i limito_i a fazer...
 | | |
 [+1] [Ø] [+1]

(38) * eu_i **Ø**_i limito_i a fazer...
 | | |
 [+1] [Ø] [+1]

Em todos estes casos as condições de legitimação dos clíticos em C-I são desrespeitadas. Em (36), inclusive, esta

situação é ainda mais grave porque o argumento que o verbo *limitar* exige para ser interpretado como um verbo pronominal tem que conter uma matriz de traços que seja [+anafórico, -pronominal] e o clítico *lhe*, que é pronominal, se define pelos traços [-anafórico, +pronominal]. Como pronome, o *lhe* jamais poderia estar vinculado neste domínio sintático. Observe-se ainda que a exigência deste (e de qualquer) verbo pronominal é que ele contenha um argumento necessariamente de tipo anafórico, uma característica que objetos nulos não têm, sendo sempre pronominais; segue-se daí a necessidade de realizar um pronome com conteúdo fonético, de onde resulta a agramaticalidade de (38).

O que acontece nas sentenças que derivamos de (34), que apresenta um verbo pronominal, também pode acontecer com essas que derivaremos de (33), que envolvem o clítico anafórico enquanto reflexivo¹⁸. Observe.

(39) * Eu *te* vesti rapidinho.
 | | |
 [+1] [-1] [+1]

¹⁸ Acrescentamos a realização do sujeito pronominal nestes exemplos para tornar mais claros os aspectos de indexação dos clíticos anafóricos.

(40) * Eu *lhe* vesti rapidinho.
 | | |
 [+1][-1] [+1]

(41) * Eu *se* vesti rapidinho.
 | | |
 [+1][Ø] [+1]

(42) * Eu *Ø* vesti rapidinho.
 | | |
 [+1][Ø] [+1]

Devemos assumir que o mapeamento adicional do traço [+1] (e também do [-1]) é uma aquisição tardia no PB porque (42) é perfeita em um estágio inicial de aquisição de clíticos, em que *se* possivelmente figuraria como o *spell out* de [Ø self].

(42) #Eu *se* vesti rapidinho.

Na medida em que a criança vai aprendendo como funciona o sistema de clíticos reflexivos e inerentes, *me* vai sendo implementado na gramática e passa a ser incompatível com o *se* na 1ª pessoa do singular. Muito provavelmente, como não há, neste estágio de aquisição, o mapeamento adicional de [+1], a

única forma de expressão da reflexividade é a realização de *se*, como um *spell out* de [\emptyset self].

3.4.1.3 A entrada do *se* reflexivo e inerente na 1ª pessoa do singular

Vimos em (32) que a regra de mapeamento adicional de [+1] é sensível ao contexto [Cl+V+I 1ª]. Se o contexto não for este, não é de se supor que haja mapeamento adicional. A entrada do *se* na 1ª pessoa do singular decorre de uma falha no mapeamento do traço adicional [+1] que especifica os clíticos anafóricos com a informação de 1ª pessoa, como representado no quadro 9 (em 3.4.1.2), acima. Em função disso, a estrutura morfológica que resulta desse mapeamento tem como morfema terminal um clítico do tipo CL3, que só é fonologicamente especificado pelo expoente /se/.

Esta falha do Componente Morfológico é contextualmente condicionada, já que a regra de mapeamento adicional só se aplica em formações clíticas que envolvem apenas um verbo flexionado. Se, por outro lado, o clítico estiver adjungido a um

verbo que não contém a flexão modo-temporal e/ou número-pessoal, como em [DP_i V_{flex} ... [Cl_i [V+I]]], não esperamos que o mapeamento adicional se aplique. Lembremos que sentenças como esta representada em (45) só são gramaticais em um estágio inicial de aquisição,

(45) *Eu *se* visto rapidinho

ao passo que (46) e (47) podem ocorrer mesmo passado o estágio de aquisição do *me* .

(48). Eu vou *se* vestindo enquanto você esquento o motor do carro, tá?

(49). Saco! Sempre deixo pra *se* vestir na última hora.

Os dados (50) e (51), que já vimos no capítulo 1 (em 1.4.1) figuram como exemplos do uso do *se* inerente e reflexivo na 1^a pessoa do singular.

(50) Eu ando toda roxa porque eu tô *se* batendo toda...
[FC1FLP]

(51) Se a polícia subir por aqui e sujar pro SEU lado, você tá querendo dizer que EU vou *se* ver contigo? [MCPriFLP]

Em todos esses casos, este clítico é legitimado em C-I porque os traços dos morfemas abstratos do clítico e do verbo, no que diz respeito à [PESSOA], não são incompatíveis, já que no gerúndio e no infinitivo dos exemplos em discussão, simplesmente, os verbos não apresentam [PESSOA], não violando assim o requisito de homogeneidade. Estas sentenças também convergem em C-I no que diz respeito à teoria da vinculação, provavelmente, porque a referência que o *se* pode ter em relação à 1ª pessoa resulta da presença de uma categoria vazia que rege este clítico e que está vinculada a este pronome tônico (possivelmente a categoria vazia é o vestígio do movimento do pronome tônico para Spec IP), como representam (52) e (53), respectivamente.

(52) eu_i tô *ec*_i *se*_i batendo

(53) eu_i vou *ec*_i *se*_i ver contigo?

Observe que aqui dois IPs diferentes são projetados: um do verbo auxiliar, que tem a morfologia modo-temporal e número-pessoal; e outro do verbo principal, que tem a morfologia do gerúndio ou do particípio, sem flexão número-pessoal. A relação

entre estes dois IPs se faz por movimento de um argumento do verbo encaixado para a posição spec IP do auxiliar. Assim, em nenhum dos dois IPs se forma a relação de indexação completa [Spec IP – I – clítico] que temos em casos como * *eu se bati* , que é agramatical no PB.

Examinemos (54) e (55).

(54) É mais ou menos 15 minutos **pra mim**_i *ec*_i **se**_i vestir e *se* maquiar.

(55) Vai demorar mais um tempo **pra mim**_i *ec*_i **se**_i acostumar com isso.

Observe que nestes contextos de infinitivo não flexionado, em que o IP encaixado não tem, portanto, tempo finito, com morfologia completa modo-temporal e número-pessoal, o clítico só pode chegar a ter a interpretação de 1ª pessoa se estiver numa cadeia como mostrado nos exemplos acima. Neste caso, o pronome tônico que antecede o clítico e que rege a categoria vazia, tem que estar em uma posição acima do IP infinitivo, recebendo Caso oblíquo da preposição.

Cabe observar que em contextos de infinitivo flexionado, como em (56) e (57) abaixo, novamente as mesmas restrições se revelam, o que mostra que o mapeamento adicional de [+1] é acionado pela presença do traço número-pessoal na morfologia verbal:

(56) * A Maria viu eu *se* vestir.

(57) *?A Maria mandou eu *se* vestir.

Se o contexto for de ECM, novamente, a restrição enfraquece:

(58) a. ? A Maria *me* viu *se* vestir.

b. A Maria *me* mandou *se* vestir.

Finalmente, nota-se que o mapeamento adicional de [+1] é acionado mesmo que o complexo [Cl+V+I_i] não tenha o traço relevante, mas apenas o DP_i e o V_{aux}+I_{1ps}, como em (i) que tem a estrutura (ii):

(i) Eu tô *me* batendo toda.

(ii) [DP_i [V_{aux} + I_{1ps} [Cl_i + V_{gerúndio}]]]

Nessa gramática, o contexto gramatical que a regra de mapeamento adicional de [+1] leva em consideração é maior.

3.4.1.4 O mapeamento do dativo ético *me*

Os pronomes clíticos estão desaparecendo do PB. Vários autores nos reportam este fato, entre eles, Pagotto (1993), Galves, (2001), Monteiro (1991), Pereira (1981), etc. Um dos aspectos envolvidos neste processo de desaparecimento é o fato de que os clíticos são substituídos por estruturas alternativas, como exemplificamos em (59) e (60):

(59) construção alternativa que recupera a perda do dativo de posse

a. Então, **te cortaram** o cheque especial?

b. Então, **cortaram o teu** cheque especial?

(60) construção alternativa semântica que recupera a perda do dativo

- a. As gurias **me davam** presentes no dia dos professores.[VARSUL/POA-20:664]
- b. As gurias **davam** presentes **pra mim** no dia dos professores.

O dativo ético, no entanto, não apresenta nenhuma construção alternativa que possa substituí-lo, muito provavelmente porque eles não têm nenhum papel sintático propriamente dito (CF. Bonet, 1991:63), ao contrário do dativo ou do dativo de posse. Ao que parece, o dativo ético deriva de processos outros que não sintáticos ou morfológicos. No entanto, não devemos desconsiderar que as construções com dativo ético, ou melhor, o significado veiculado por uma construção com dativo ético (ao menos no PB) é muito específico. Observe, por exemplo, que a leitura que fazemos de (61) é ligeiramente distinta daquela que fazemos em (62).

(61) Não entra com o pé sujo em casa.

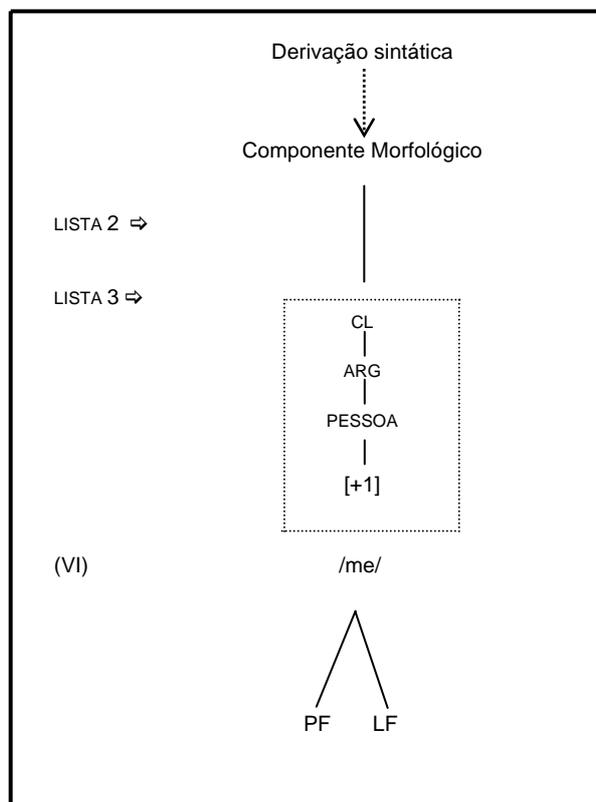
(62) Não **me** entra com o pé sujo em casa!

Essa ‘ligeira’ diferenciação interpretativa (semântica ou pragmática, quem sabe?) entre (61) e (62) pode estar relacionada à curvatura entonacional que (62) parece apresentar e que (61)

muito provavelmente não apresenta. O que é curioso, nesse caso, não é a alternativa prosódica que as línguas podem providenciar para acrescentar ‘significação’ ao que está sendo dito. Curioso é notar que a realização do dativo ético no PB sempre quer dizer ‘algo a mais’¹⁹, e, ainda, um algo a mais repleto de traços pragmático-discursivos do tipo [+imperativo], [+dúvida], necessariamente associado ao sujeito da interlocução, ao falante. Talvez esse seja o motivo pelo qual este clítico só possa ser realizado na primeira pessoa do singular no PB, por exemplo. O que importa realmente, nesse caso, é que as construções com dativo ético são únicas, singulares. Elas têm significados especiais. Em função disso, assumiremos que o dativo ético *me* (e talvez a construção em que ele aparece) é derivado no PB através da Lista 3. Representamos a sua derivação no quadro 9.

¹⁹ Vem daí a nomenclatura ‘dativo de interesse’, por exemplo, presumo.

Quadro 9. Derivação do dativo ético no PB



O item de vocabulário que é selecionado para especificar o dativo ético no PB não pode ser o mesmo que especifica os clíticos pronominais, dativos e dativos de posse, da 1ª pessoa. Isto ocorre porque estes clíticos, ao contrário do dativo ético, têm um papel sintático nas suas derivações e o item de vocabulário que os especifica fonologicamente preserva as suas especificações sintáticas inerentes, se considerarmos que o traço [ARG] do clítico de alguma forma espelha um traço sintático. Compare os itens do vocabulário em (63), em que o primeiro

corresponde ao dativo ético e o segundo aos dativos e dativos de posse da 1ª pessoa:

(63) a. CL1 (dativo ético)

/me/ ↔ [DP 1p, +pron [VP __]]

(63) b. CL1 (dativo e dativo de posse)

/me/ ↔ [DP __ , 1p, +pron [VP __]]

A diferença entre as formas se justifica adicionalmente pelo fato de que se a especificação fosse a mesma, o dativo ético teria que ser inserido pela Lista 2, pois haveria ali um item que se conformaria às suas exigências.

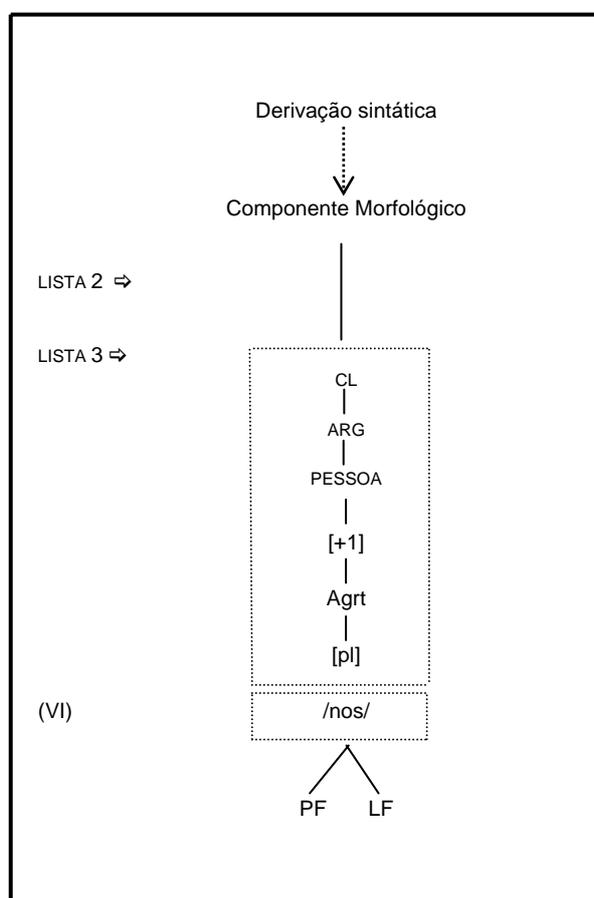
3.4.1.5 A realização do clítico *nos* no PB1

Como já notamos anteriormente, são vários os autores que afirmam que *nos* já não é mais instanciado pela gramática nuclear do PB²⁰. A ocorrência deste clítico parece ser condicionada por fatores de natureza social, dentre os quais: escolarização, idade e exposição à norma culta via canais de informação impressa ou audiovisual. Em função dessas

²⁰ As análises de Pereira (1981), Monteiro (1991), Galves & Abaurre (1996), Galves (2001), entre outras, reportam a realização pouco expressiva deste clítico no PB.

evidências, assumiremos que o clítico pronominal *nos* é uma raiz especial do PB. No quadro 10 representamos a derivação deste clítico no PB.

Quadro 10. Etapas da derivação do clítico *nos* no PB contemporâneo



Como representa o quadro 11, o clítico *nos* (seja nas funções acusativa, dativa, reflexiva ou inerente) é inserido na gramática através da Lista 3, a Enciclopédia, que é a lista dos

significados especiais estocados nas línguas, como vimos no capítulo 2.

Na Lista 3, dois itens do vocabulário podem especificar fonologicamente *nos*. Se ele for um clítico anafórico, o mecanismo de Inserção de Vocabulário selecionará o item (64a), se for um pronome clítico, (64b), como representamos em (64)

(64) Itens de vocabulário correspondentes ao pronome clítico *nos*

(64a) quando clítico anafórico

/nos/ \longleftrightarrow [_{DPi} [_{DPi} __ , 1p, plural, +anaf [_{VP} V+I_i __]]]

(64b) quando clítico pronominal

/nos/ \longleftrightarrow [_{DP} __ , 1p, plural, +pron [_{VP} __]]

Retomemos alguns dos dados que vimos no capítulo 1 (seção 1.4.1) para que possamos melhor compreender este mapeamento.

(65) Vamos, mãe, que o Papi tá *nos* esperando. [4 anos e 9 meses]

(66) A Elô *nos* convidou pra ir lá na casa dela, eu e a Vi. [5 anos e 11 meses]

(67) E daí a gente *se* encontrou com uns amigos do Papi que mora lá em Boa Vista. [6 anos e 2 meses]

Estes dados, todos de uma única criança, correspondem a um período inicial de aquisição pronominal em que tanto o *nos* quanto o *se* podem ser produzidos na 1ª pessoa gramatical. Muito provavelmente esta criança irá adquirir o paradigma de clíticos pronominais que é correspondente ao paradigma verbal PB1. Podemos perceber em relação a este conjunto de dados, inclusive, que a formação morfofonológica complexa [CL+V+I] necessariamente deve apresentar correspondência entre os traços que capturam a informação sobre função gramatical. A agramaticalidade dos exemplos em (68-70) nos permite observar isso, já que a criança jamais utilizaria *se* nestes casos.

(68) *Vamos, mãe, que o Papi tá *se* esperando.

(69) *A Elô *se* convidou pra ir lá na casa dela, eu e a Vi.

(70) *E daí a gente **nos** encontrou com uns amigos do Papi que mora lá em Boa Vista.

Lembremos, *se* é um clítico anafórico, não é um clítico pronominal, portanto, (68) e (69) só podem ser impossíveis. Em (70), a agramaticalidade da sentença decorre da incompatibilidade entre os traços do clítico anafórico e do seu antecedente, que não tem um traço de pessoa morfológica especificado por [+1], mesmo sendo uma forma pronominal que expressa semanticamente a 1ª pessoa do plural. Observe, a seguir, que a agramaticalidade de (72) só pode ser condicionada pela presença da forma pronominal **a gente**, que não apresenta correspondência de traços em relação ao clítico **nos**.

(71) ..porque nós **nos** dava muito mesmo²¹. [NUER: São Roque, RS, MASC, S/ESC, 65]

(72) ... *porque a gente **nos** dava muito mesmo.

No entanto, em (73), *se* é perfeitamente possível, muito embora também esteja vinculado ao pronome sujeito **nós**, que não apresenta o mesmo valor de pessoa apresentado pelo clítico *se*.

²¹ Esta combinação é agramatical no singular [[+1] [+1] [Ø]]: 'eu *se* dava'. Isso nos faz pensar que talvez, no caso da 1ª pessoa, singular e plural seriam contextos bem distintos (**nós** não é vários **eus**) no que concerne à derivação morfológica dos clíticos do PB. Este ponto fica para pesquisas futuras.

(73) ...nós devemo *se* prevenir²² [FPLM45PRI:47:13]

(74) *...a gente devemo *se* prevenir

A agramaticalidade de (74), neste caso, diz respeito exclusivamente à relação de concordância entre o sujeito e o verbo. Em (73), o clítico *se* é legitimado porque pode estar vinculado a uma categoria vazia que retoma a referência do sujeito pronominal **nós**, como representa (75).

(75)... nós_i devemo ec_i *se*_i prevenir

Veremos agora como são derivados os pronomes clíticos que podem ocorrer na 2ª pessoa do singular no PB contemporâneo.

²² A gramaticalidade desta frase espelha a de 'eu posso *se* vestir rápido', o que seria um argumento para dizer que elas são derivadas de modo semelhante. Esta questão fica em aberto.

3.4.2 A derivação dos clíticos de 2ª pessoa

Vimos no capítulo 1 que três formas clíticas podem ocorrer na 2ª pessoa do PB contemporâneo: *te*, *se* e *lhe*. O *te* ocorre como acusativo, dativo, dativo de posse, reflexivo e inerente. O *se*, apenas como reflexivo, recíproco e inerente. O *lhe* apenas como acusativo ou dativo.

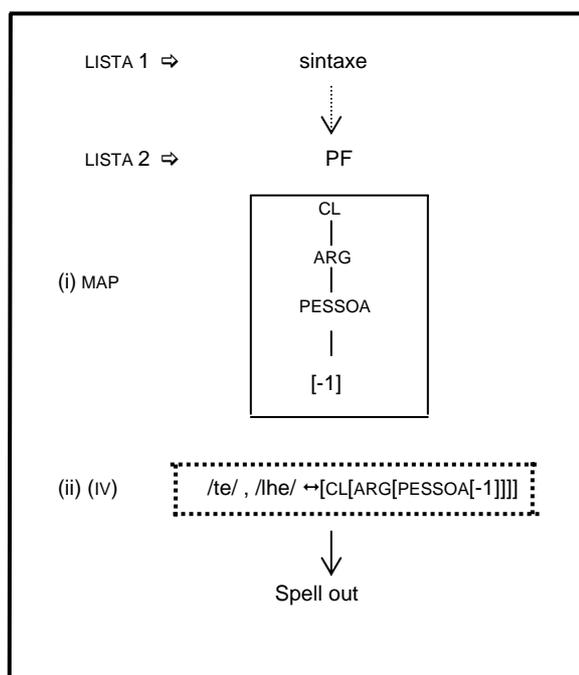
Aparentemente *te* e *lhe* estão em distribuição complementar no PB, já que *te* é característico dos dialetos do sul e *lhe*, dos dialetos do norte/nordeste. É possível que *lhe* também possa ser usado como um pronome de tratamento em qualquer dialeto brasileiro, mas não vamos entrar em detalhes sobre este uso do *lhe*. Da mesma forma, não entraremos em detalhes sobre a mudança, em termos de estruturação morfológica, pela qual provavelmente passou o clítico *lhe*, que, de dativo de 3ª pessoa se transformou em dativo/acusativo de 2ª pessoa²³.

As derivações do *te* acusativo, dativo e dativo de posse, assim como a do *lhe*, são idênticas à do *me* acusativo e dativo, que vimos representada no quadro 8. O que diferencia estas

²³ Observe no capítulo 2 (em 2.4.2, figura 8) que a estrutura morfológica do clítico *lhe* no catalão (36f), além de contar com a projeção do traço [OBLÍQUO], não conta com a projeção de [PESSOA], de acordo com Bonet (1991:58). Se considerarmos que a estrutura morfológica do *lhe* no PB poderia ser idêntica à (36f), seria interessante investigar (i) quando (e como) a morfologia do PB deixou de mapear o traço [OBLÍQUO] deste clítico dativo, (ii) como [PESSOA] foi incorporado nesta estrutura mutante e (iii) por que estes dialetos simplesmente não incorporaram o *te* na 2ª pessoa do singular.

derivações é: (i) a presença do morfema abstrato [-1] que especifica [PESSOA] com a informação da 2ª pessoa gramatical e (ii) presença, na Lista 2, de dois expoentes fonológicos para o mesmo item do vocabulário que, por sua vez, irá especificar o morfema terminal dessas estruturas com /te/ ou /lhe/, como representa o quadro 11.

Quadro 11. Etapas da derivação morfológica de *te* e *lhe* acusativo e dativo



Desta derivação resultam as possibilidades como as que seguem exemplificadas (algumas retomadas do capítulo 1, em 1.4.2).

(76) Mais tarde eu *te* levo na Vi.

(77) Ah! Eu vou *te* contar – é trabalhoso demais lá. [PB-APRJ p.214]

(78) Então *te* cortaram a mesada?

Em (76) temos o *te* como acusativo, em (77), como dativo e em (78), como dativo de posse. O *lhe* como acusativo é exemplificado em (79) e como dativo em (80).

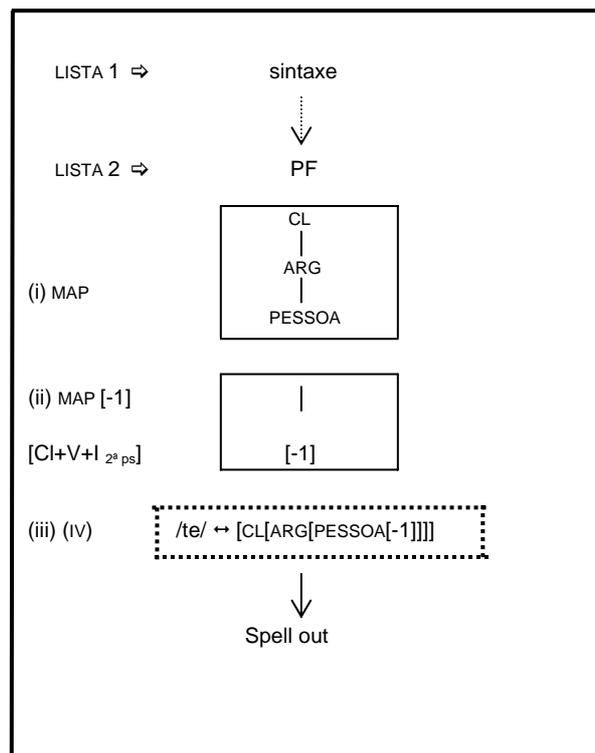
(79) Eu *lhe* amo.

(80) ...que você fale o que *lhe* ocorre [NURC/RJ,233:09]

Na derivação morfológica dos clíticos anafóricos (reflexivos e inerentes) na 2ª pessoa dos dialetos do sul do Brasil, também ocorre o mapeamento adicional do morfema abstrato [-1], exatamente como vimos na derivação destes clíticos na 1ª pessoa gramatical. Na Lista 2, reflexivos e inerentes contam com dois expoentes fonológicos: /te/ e /se/, que competem entre si. A especificação fonológica do morfema terminal que resulta da

derivação destes clíticos, representada no quadro 12, vai depender, nos casos mais simples, da presença (ou não) do morfema abstrato [-1] na flexão do verbo presente na formação morfológica [Cl+V+I].

Quadro 12. Etapas do mapeamento do *te* reflexivo e inerente da 2ª pessoa gramatical (CL3 + [-1]) no contexto [Cl+V+I 2ª ps]



O clítico *te* reflexivo ou inerente é obrigatoriamente realizado se a flexão do verbo que o aloja contém a desinência de

2ª pessoa, como ocorre em alguns dialetos do sul, mais conservadores, que ainda preservam a distinção entre a 2ª e a 3ª pessoa do singular. Observe as incompatibilidades em (82) e (86).

(81) Tu <i>te</i> vestes.	(reflexivo)	$\left. \begin{array}{l} \text{dialeto mais} \\ \text{conservador} \end{array} \right\}$
(82)*Tu <i>se</i> vestes.		

(83)?Tu *te* veste.

(84) Tu *se* veste.

(85) Tu <i>te</i> lembras.	(inerente)	$\left. \begin{array}{l} \text{dialeto mais} \\ \text{conservador} \end{array} \right\}$
(86)*Tu <i>se</i> lembras.		

(87) Tu *te* lembra.

(88) Tu *se* lembra.

Nestes dialetos mais conservadores, o mapeamento adicional [-1] tem lugar quando o contexto morfológico é [Cl+V+2ª ps], o que resulta nas frases (81) e (85). Se a flexão não vem especificada com [-1], isto é, se é [Ø], este mapeamento pode

não acontecer – resultando em (84) ou (88) – ou pode acontecer se o contexto morfológico abarcar o DP sujeito (isto é, toda a cadeia anafórica), fornecendo como resultado (83) e (87).

A razão da agramaticalidade de (82) e (86) é a mesma de frases como ‘eu *se* visto, eu *se* lembro’ e *se* liga em última análise ao requisito de homogeneidade que a relação morfológica entre o clítico, o conteúdo de I e possivelmente o DP sujeito, devem obedecer numa estrutura anafórica; no caso, o clítico e verbo são incompatíveis no que diz respeito aos seus traços de [PESSOA]: o clítico é não-especificado [\emptyset] e o verbo é especificado por [-1].

Em frases com tempo composto, o clítico *se* talvez possa ocorrer nesses dialetos mais conservadores, observe (89).

- (89) a. Tu vais *se* pintar?
b. Tu estás *se* pintando?

Se for possível a ocorrência de *se* nessas condições, talvez a análise que propomos de contextos como estes na derivação da primeira pessoa possa ser aplicada na segunda pessoa desses

dialetos mais conservadores. Este tópico fica para pesquisas futuras.

Por outro lado, nos dialetos do sudeste, por exemplo, observamos que o Item de Vocabulário /te/ ↔ [CL[ARG[PESSOA[-1]]]], embora esteja presente na Lista 2, não é uma opção de especificação fonológica dos clíticos reflexivos e inerentes, isto é, nestes dialetos do sudeste, /te/ só pode ser a realização fonológica dos clíticos pronominais (acusativos ou dativos), como exemplificado em (90)²⁴.

(90) Você está trocando dinheiro por uma coisa que outra pessoa *te* dá.

Concluimos, então, que nestes dialetos o mapeamento adicional de [-1] nunca se realiza porque faltam as condições estruturais que o desencadeariam: a morfologia verbal é sistematicamente [Ø] e o pronome sujeito – **você** – é também sem marca morfológica de 3^a pessoa, de modo que nem a cadeia anafórica pode funcionar como gatilho para o mapeamento adicional. Isto é o que explica a agramaticalidade de frases como (i) e (ii):

²⁴ Este dado, que vimos no capítulo 1, em 1.4.2, está em Schei (2003:25).

(i) * Você *te* pintou.

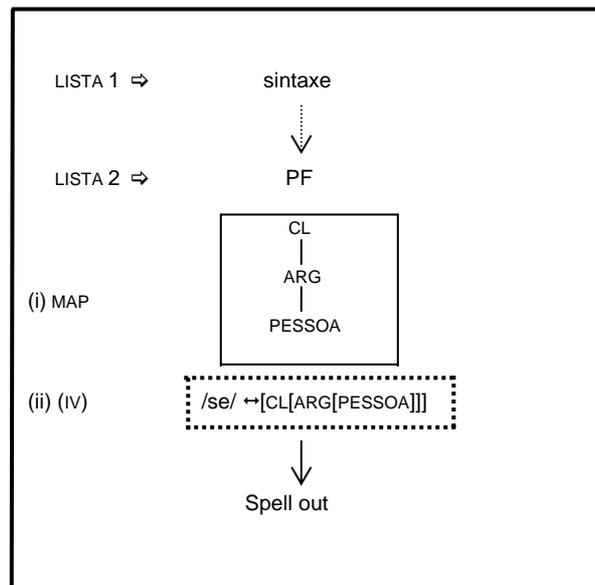
(ii) * Você *te* lembrou.

A possibilidade que o clítico *se* tem de expressar a 2ª pessoa, portanto, passaria a ser depreendida em função da relação que este clítico mantém com os seus antecedentes: se o seu antecedente for de 2ª pessoa, ele será interpretado na 2ª pessoa; se for de 3ª, ele será interpretado como um clítico reflexivo ou inerente da 3ª pessoa e se for de 1ª pessoa do plural, ele será interpretado como um reflexivo ou inerente de 1ª pessoa como vimos em 3.4.1.4, quando analisamos a derivação morfológica do *nos*.

3.4.3 A derivação dos clíticos de 3ª pessoa

No PB, os clíticos de 3ª pessoa podem ser anafóricos (reflexivos, recíprocos ou inerentes) ou especiais (ergativo e nominativo). Todos estes clíticos tem a mesma derivação morfológica, que representamos no quadro 13.

Quadro 13. Derivação morfológica dos pronomes clíticos de 3ª pessoa do PB



Como estes clíticos não têm qualquer especificação de [PESSOA], no caso dos anafóricos toda a referência que eles fazem à pessoa gramatical está atrelada à relação que eles mantêm com os seus antecedentes. Os dados abaixo figuram como exemplos deste mapeamento.

(91) ... o modo dela *se* vestir. [NURC/RJ:96]

(92) Mas então eles *se* juntam pra discutir. [FLPM76SUP]

(93) Eles *se* respeitavam nos terreno pelas grotas. [NUER:SÃO
ROQUE,MASC,85]

A realização dos clíticos ergativo e nominativo, como vimos no capítulo 1, é muito marginal no PB. O *se*-ergativo, por exemplo, ocorre apenas como uma partícula que marca a detematização do argumento externo do verbo que o hospeda, como exemplificam os dados que vimos em 1.3.1.2, retomados por (94) e (95).

(96)...e a porta fechô-*se* [...] por causa do vendaval. Fechô-
se com os meu dedo junto! [FLPBL63:34:03]

(97) O Aldo enganou-*se* com conversa fiada daquele
bandidinho. [FLPPRI41:27:36]

O *se*-nominativo caracteriza-se por expressar a realização de um sujeito que, invariavelmente, denota uma entidade arbitrária, como exemplificam (98) e (99), dados de Galves & Abaurre (1996).

(98) ...hoje *se* faz. [D2 Re]

(99) Esses tubérculos, chegou-*se* à conclusão... [EF Ba]

Aparentemente, a única observação interessante a *se* fazer sobre estes clíticos, no que concerne à derivação morfológica deles, é notar que a interpretação arbitrária *se* distingue da interpretação definida de terceira pessoa. Em línguas com morfologia rica ou forte, a interpretação arbitrária *se* faz exclusivamente na presença de *se*. O PB, por outro lado, com uma morfologia fraca, pode expressar apenas com a morfologia de terceira pessoa a interpretação arbitrária, sem o uso de *se* (já que o que o PB não tem mais a interpretação definida de terceira pessoa em contextos raízes). Os exemplos pertinentes são:

(100) não *se* usa mais maiô que tapa tudo

(101) não usa mais maiô que tapa tudo

Não temos, no entanto, nenhuma sugestão a oferecer sobre como a gramática do PB parou de gerar as estruturas (100) e passou a gerar as estruturas em (101).

3.5 Os clíticos reflexivos do PB em relação a outras línguas

Vimos ao longo deste capítulo que os clíticos reflexivos são os únicos que variam no que diz respeito à especificação fonológica que eles podem apresentar na 1ª e na 2ª pessoas do PB. Como a realização do clítico *nos* não é produto da gramática nuclear do PB, podemos considerar que o paradigma de clíticos anafóricos que está associado ao PB1 (Galves, 1993; 2001) e ao PB2 (Costa & Figueiredo Silva, 2002) é um só, que chamaremos PB. O PB (sul) corresponde ao paradigma que conta com a distinção entre 2ª e 3ª pessoas do singular no PB contemporâneo, como representamos em (102).

(102) Paradigma de clíticos reflexivos do PB contemporâneo

	PB	PB (sul)
1ª singular	me	me
2ª singular	se	te
3ª singular	se	se
1ª plural	se	se
2ª /3ª plural	se	se

Retomemos em (103) o paradigma de pronomes clíticos do PE, conforme Mateus et alii (2003) e, em (104), os paradigmas

de formas reflexivas em outras seis línguas, apresentados por Bonet (1991)²⁵.

(103) Paradigma de pronomes clíticos do PE

Pessoa gramatical	Clíticos não reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo/Dativo
1 ^a singular	me	me	me
2 ^a singular	te	te	te
3 ^a singular	o/a	lhe	se
1 ^a plural	nos	nos	nos
2 ^a plural	vos	vos	vos
3 ^a plural	os/as	lhes	se

(104) Formas reflexivas em Russo, Papago, Walbiri, Catalão *padrão*, Piemontês e Valenciano

	Russo	Papago	Walbiri	Catalão	Piemontês	?	Valenciano
1 sg	i	esp	esp	esp	esp	esp	esp
pl	i	esp	i	esp	i	esp	i
2 sg	i	i	i	esp	esp	esp	esp
pl	i	i	i	esp	esp	i	i
3 sg	i	i	i	i	i	i	i
pl	i	i	i	i	i	i	i

Ao compararmos (102), (103) e (104), podemos observar que dos paradigmas de clíticos reflexivos do PB, o PB é semelhante

²⁵ Estes quadros estão no capítulo 1 (em 1.4) e no capítulo 2 (em 2.4.3), respectivamente.

ao paradigma de reflexivos do Walbiri. O PB (sul), por sua vez, é mais próximo do Valenciano. O paradigma de clíticos reflexivos do PE padrão (descrito por (103)), no entanto, é tão complexo quanto o do Catalão padrão. Esta diferença substancial entre o PB, o PBsul e o PE padrão certamente tem relação com o processo de enfraquecimento da concordância verbal do PB, na medida em que é em função deste processo que a distinção entre a 2^a e a 3^a pessoas do singular desaparece do PB. Resta investigar se as línguas apresentadas no quadro em (104) também têm paradigmas verbais enfraquecidos ou ricos, para entender se a relação entre paradigma verbal e sistema de reflexivos é uma particularidade da história do português ou é um fenômeno geral das línguas do mundo.

3.6 Síntese do capítulo

Neste terceiro capítulo discutimos os dados do PB apresentados no primeiro capítulo à luz do quadro teórico esboçado no segundo capítulo. Nossas principais conclusões são:

- ✓ quando na cadeia [DP_i [Cl_i + V +I_i]], o DP, o Cl_[an] e a flexão estão sujeitos a uma exigência de homogeneidade,

que pode ser formulada de modo forte (os traços de [PESSOA] devem ter os mesmos valores) ou de modo fraco (um dos valores, o da flexão, pode ser [Ø] se o valor do clítico ou do DP é [-1]);

✓ não é possível simplesmente igualar o paradigma verbal ao paradigma de clíticos do PB, nem tentar derivar ambos os paradigmas de um único conjunto de traços (por exemplo [\pm pessoa], [\pm número]);

✓ os clíticos do PB não apresentam o traço de [plural];

✓ os clíticos do PB instanciam apenas três estruturas morfológicas, uma para cada pessoa (do singular). CL1 responde pelos acusativos, dativos, dativos de posse e dativos éticos de 1ª pessoa. CL2, pelos acusativos, dativos e dativos de posse de 2ª pessoa; e CL3 é responsável pela expressão dos reflexivos, inerentes, recíprocos, ergativos e nominativos;

✓ as formas fonológicas que correspondem a estas estruturas são: CL1 - /me/, CL2 - /te/ e /lhe/ e CL3 - /se/;

✓ as regras morfológicas de mapeamento do PB disponibilizam uma regra de mapeamento adicional para os reflexivos de 1ª pessoa; esta regra é sensível ao contexto [Cl + V + I_{1ª pessoa}] e apenas nele é acionada;

- ✓ nos contextos anafóricos em que o objeto morfológico não é [Cl + V + I 1ª pessoa] (por exemplo, em tempos compostos, em que o clítico se associa ao V no infinitivo ou no gerúndio), o mapeamento adicional não é acionado e a forma do reflexivo pode ser a forma *default se*;
- ✓ a segunda pessoa também dispõe de uma regra de mapeamento adicional que é acionada quando a flexão porta o traço [-1] ou, alternativamente, quando toda a cadeia anafórica é o contexto morfológico desencadeador da regra;
- ✓ a possibilidade que os clíticos anafóricos CL3 (reflexivos e inerentes) têm de expressar a 1ª, 2ª ou 3ª pessoa gramatical, e por isso funcionarem como um clítico *default* no PB contemporâneo, é depreendida em função da relação que estes clíticos matêm com os seus antecedentes;
- ✓ O PB contemporâneo conta, fundamentalmente, com dois paradigmas de clíticos reflexivos; em que o do PB é semelhante ao paradigma do walbiri e o PB (sul), ao paradigma do valenciano²⁶:

	PB	PB (sul)
1ª singular	me	me
2ª singular	se	te
3ª singular	se	se
1ª plural	se	se
2ª /3ª plural	se	se

²⁶ A partir da informação de Bonet (1991) sobre os paradigmas do walbiri e do valenciano.

Capítulo 4

Considerações finais

A organização atual do sistema de clíticos pronominais do PB resulta de um longo processo de mudança lingüística investigado, sob vários aspectos, pela pesquisa diacrônica do PB. Como vimos ao longo desta tese, o sistema de clíticos pronominais do PB contemporâneo conta com apenas quatro clíticos instanciados pela sua gramática nuclear: os clíticos *me*, *te*, *se* e *lhe*. Esta escassez de formas clíticas é um dos aspectos que mais distancia o paradigma de clíticos do PB dos paradigmas de clíticos de outras línguas românicas, principalmente do PE.

Hipotetizamos neste trabalho que estes quatro clíticos do PB são derivados de três estruturas morfológicas distintas, CL1, CL2 e CL3:

Cl 1	Cl 2	Cl 3
CL ARG PESSOA [+1]	CL ARG PESSOA [-1]	CL ARG PESSOA
1ª pessoa: acusativo, dativo, dativo de posse e dativo ético	2ª pessoa: acusativo, dativo e dativo de posse	3ª pessoa: reflexivo, inerente, recíproco, ergativo e nominativo

O aparato teórico da MD nos permitiu atestar que a derivação morfológica dos clíticos *me*, *te*, *se* e *lhe* (e também do *nos*) deve levar em consideração o fato de que os clíticos formam com os seus verbos hospedeiros um objeto morfológico [Cl+V+I] que precisa ter seus traços constitutivos, principalmente os de caso estrutural e [+prononinal]¹, valorados em um domínio verbal. Em função disso, percebemos por que o clítico anafórico *se* nunca poderá desempenhar as funções dativa e acusativa, como mostram os seguintes exemplos:

(01) *(Eu_i) *se*_k trouxe_i um presente.

¹ Sobre este aspecto discordamos de Bonet (1991: 18) quando ela afirma: “It does not matter whether in the syntax these clitics are anaphors or pronominals, accusative or dative, arguments or non-arguments (as ethicals, e.g.). These distinctions are relevant to the syntax, not to the Morphology.”

(02) *O João_i *se*_k convidou_i pra festinha dele.

A explicação para isso deve ser extraída da estrutura morfológica do clítico *se*, que não possui nenhum tipo de especificação, nem para pessoa, nem para gênero e nem para número; especificações, por hipótese, necessárias para a expressão de argumentos independentes do verbo.

Outra relação que nos permite compreender a agramaticalidade destes dados, advém da necessidade que os clíticos anafóricos têm de estar devidamente co-indexados aos seus referentes e ao verbo que os hospeda em uma cadeia do tipo [DP_i [Cl_i+V+I_i]]. Nesta cadeia, o morfema abstrato [PESSOA] exerce um papel crucial na derivação morfológica destes clíticos, como observamos com a análise das impossibilidades de combinações em (04), (05), (06), (09) e (10):

a. 1^a pessoa:

(03) Eu *me* molho.
 | | |
 [+1] [+1] [+1]

(04) *Eu *me* molhas.
 | | |
 [+1] [+1] [-1]

(05) *Eu *me* molha.
 | | |
 [+1] [+1] [Ø]

b. 2ª pessoa:

(06) *Tu *te* molho. (*Você *se*)
 | | |
 [-1] [-1] [+1]

(07) Tu *te* molhas. (*Você *se*)
 | | |
 [-1] [-1] [-1]

(08) Tu *te* molha. (Você *se*)
 | | |
 [-1] [-1] [Ø]

c. 3ª pessoa:

(09) *Ele *se* molho.
 | | |
 [Ø] [Ø] [+1]

(10) *Ele *se* molhas.
 | | |
 [Ø] [Ø] [-1]

(11) Ele *se* molha.
 | | |
 [Ø] [Ø] [Ø]

Nós vimos nos capítulos 1 e 2 que o clítico anafórico *se* (como reflexivo ou inerente) pode ser realizado em qualquer pessoa gramatical. Esta particularidade do PB decorre, fundamentalmente, da relação que este clítico mantém com os seus antecedentes: se o seu antecedente for de 1ª pessoa, ele será

interpretado na 1ª pessoa; se for de 2ª, ele será interpretado como um clítico reflexivo ou inerente da 2ª pessoa e se for de 3ª pessoa, assim ele será interpretado, como exemplificamos abaixo:

(12) Eu ando toda roxa porque eu tô *se* batendo toda...

[FC1FLP]

(13) ...porque depois de tomar umas gelada não adianta que

a gente não *se* controla. [FPLM45PRI:47:13]

(14) Você vai *se* arrepender de ter feito isso.

(15) Vocês vão para lá *se* virar. [NUER: São Roque, RS, 77,

S/ESC]

(16) ...o modo dela *se* vestir. [NURC/RJ:96]

(17) Eles vão *se* reunir depois do trabalho pra tomar umas

birita.

Muito embora este clítico anafórico possa ocorrer em qualquer pessoa gramatical, na 1ª pessoa do singular a sua realização é contextualmente condicionada: ele só será gramatical em cadeias do tipo [DP_i ... [ec_i Cl_i V]] e porque o verbo que o hospeda não tem nenhuma especificação de [PESSOA]. Em cadeias do tipo [DP_i [Cl_i+V+I_i]], salvo em um período inicial de aquisição pronominal, a realização do *se* é agramatical:

Contextos de legitimação do *se* na 1ª pessoa do singular

Cadeia [DP_i ... [ec_i Cl_i V]] ↵

(18) Eu ando toda roxa porque eu tô *se* batendo toda...
[FC1FLP]

(19) É mais ou menos 15 minutos **pra mim *se*** vestir e ***se***
maquiar. [FC2SP]

Cadeia [DP_i [Cl_i V+I_i]] ↵

(20) *Eu *se* visto rapidinho.

Vimos que esta entrada do *se* na 1ª pessoa do singular, decorre do fato de o Componente Morfológico que não mapear o traço adicional [+1] necessário na derivação morfológica dos clíticos do tipo CL3, quando reflexivos e inerentes, para que eles possam expressar a 1ª pessoa. Isto ocorre porque o contexto morfológico que é desencadeados da regra de mapeamento adicional não é satisfeito nos casos em (18) e (19).

Evidentemente, ainda resta uma questão sobre a homogeneidade dos traços do DP sujeito, do clítico e da flexão, que deve ser estudada em trabalhos futuros.

Em relação à variação no uso dos clíticos pronominais no PB contemporâneo, vimos que o clítico *te*, quando reflexivo ou inerente, é fruto da regra de mapeamento adicional do traço [-1], desencadeada pela presença de flexão de 2ª pessoa morfológica no verbo. Este processo ocorre nos dialetos do sul que preservam a distinção entre 2ª e 3ª pessoa verbal. Nos dialetos que não preservam a morfologia de 2ª pessoa no verbo, a regra de mapeamento adicional [-1] só é acionada se o contexto para isso for toda a cadeia reflexiva, o que inclui o DP sujeito. De qualquer modo, o fato de *se* poder ser usado como reflexivo na 2ª pessoa indica que tomar a cadeia como contexto não é obrigatório. Nos dialetos que parecem não terem sido afetados pelo processo de enfraquecimento da concordância verbal não ocorre a entrada do *se* em contextos como os que seguem:

(21)*Tu *se* vestes.

(22)*Tu *se* lembrás.

As particularidades que envolvem os clíticos pronominais do PB que foram vistas ao longo desta tese nos mostram que o traço morfológico [PESSOA] é um aspecto fundamental na derivação morfológica dos clíticos que subsistem no PB.

Alguns pontos específicos do processo de mudança pelo qual passou o PB estão diretamente relacionados à escassez de pronomes clíticos no PB contemporâneo. Do ponto de vista diacrônico, seria interessante (e certamente traria contribuições significativas para o desenvolvimento da teoria da MD) aproximar nossa análise da derivação morfológica dos clíticos aos pontos que listaremos abaixo:

- (i) o desaparecimento das formas específicas das 1^a e 2^a pessoas do plural, os clíticos *nos* e *vos*, que podiam desempenhar as funções dativa, acusativa e reflexiva;
- (ii) o desaparecimento da forma acusativa de 3^a pessoa, tanto no singular quanto no plural;
- (iii) o desaparecimento do dativo da 3^a pessoa do plural, a forma *lhes*;
- (iv) a migração do dativo *lhe* da 3^a pessoa do singular para a 2^a pessoa do singular, onde hoje pode desempenhar, inclusive, a função acusativa;

- (v) a migração do clítico *se*, que correspondia originalmente à forma invariável da 3ª pessoa, para as 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural;
- (vi) o surgimento das formas pronominais tônicas **você/vocês** na 2ª pessoa, que facilitou a migração do *se* da 3ª para a 2ª pessoa;
- (vii) o surgimento da forma pronominal **a gente**, que facilitou a migração do *se* também para a 1ª pessoa do plural.

Pode parecer estranho ao leitor que justamente no primeiro destes pontos afirmemos com tanta convicção que o *nos* desapareceu do PB e, no entanto, tenhamos incluído a derivação morfológica deste clítico pronominal em toda a construção desta tese. O que parece estranho, na verdade, é fundamental para que possamos compreender como se dá a derivação morfológica de itens que não são mais instanciados pela gramática nuclear do PB. Por que considerar, então, a derivação deste clítico e não do acusativo de 3ª pessoa? Simplesmente porque *nos* faz parte de um registro social do PB que pode ser acessado, inclusive, por crianças em fase inicial de aquisição de pronomes clíticos. Esta é uma maneira de mostrar que não é qualquer raiz especial que pode ser derivada da Lista 3. Isto não significa, em absoluto, que

os clíticos acusativos de 3ª pessoa não possam ser derivados desta Lista, por exemplo. Significa apenas que o aprendizado do paradigma de clíticos acusativos de 3ª pessoa está associado a um registro social muito mais restrito que o registro social do paradigma que contém *nos*, o PB1, de Galves (2001).

Vimos no capítulo 2 (em 2.2.1) que a MD tem três propriedades constitutivas: (i) inserção tardia, (ii) subespecificação e (iii) estrutura sintática *top-down*. Provavelmente é em função da propriedade (iii) que não é qualquer raiz especial (ou expressão idiomática) que pode ser morfológicamente derivada via Lista 3. Por exemplo, a mesóclise é derivada em registros formais do PE, mas nunca é derivada no PB. Mesmo que possa ser ouvida em algum registro altamente formal, a mesóclise é um ‘trava-língua’, justamente porque o mecanismo Componente Morfológico não tem como selecionar um item de vocabulário que corresponda, minimamente, ao contexto de inserção de um item clítico em uma estrutura sintática como a da mesóclise e também não conta com operações morfológicas que resultariam na derivação dessas construções.

Assumimos no capítulo anterior que o clítico pronominal *me*, como dativo ético, é derivado na Lista 3. Ao contrário do *nos*, o dativo ético não parece ser simplesmente uma raiz especial. É possível que toda a construção sintática que envolve

este tipo de clítico seja derivada através da Lista 3. Todos estes tópicos que levantamos, ao longo desta tese, sobre as derivações que podem ocorrer no PB via Lista 3 (inclusive de expressões idiomáticas como “bater as botas”, que vimos no capítulo 2) são pontos que merecem ser aprofundados em pesquisas futuras para que possamos compreender melhor o funcionamento da MD.

Ao menos do ponto de vista morfológico, o desaparecimento do traço [OBLÍQUO] do paradigma de clíticos do PB está diretamente relacionado aos pontos (ii) e (iii) que listamos acima. Sem este traço, o Componente Morfológico do PB não tem como derivar os clíticos dativos da 3ª pessoa. A derivação morfológica do clítico *lhe* é um outro aspecto que merece uma pesquisa mais detalhada justamente para que possamos compreender como ocorreu a transformação morfológica deste clítico, que passou de uma estrutura morfológica do tipo [CL[ARG[PESSOA[Agrt[fem,pl]]]]], correspondente ao dativo 3ª pessoa para uma estrutura [CL[ARG[PESSOA[-1]]]], de 2ª pessoa, tanto acusativa quanto dativa.

Todas estas transformações pelas quais passou o PB, associadas, ainda, ao fato de que os nossos pronomes clíticos, com exceção do dativo ético, podem ser substituídos por formas alternativas, talvez expliquem por que alguns dialetos do PB não apresentam mais pronomes clíticos. O que motivou (e motiva) o

desaparecimento dos clíticos do PB é, ainda, uma questão não totalmente esclarecida. Por que só a classe (mesmo que desfalcada) dos clíticos que projetam [PESSOA] ainda sobrevive no PB? Esta é uma questão, no mínimo, interessante para pesquisas futuras.

Ao escolhermos analisar, nesta tese, a derivação morfológica dos clíticos pronominais que subsistem no PB, procuramos tentar cobrir uma face do fenômeno maior da cliticização pronominal no PB não muito explorada pela pesquisa gerativista: a morfologia. Esperamos, com isso, ter contribuído para o aprofundamento dos estudos sobre a interface sintaxe-morfologia do PB.

Para fechar esta tese, faço minhas as palavras de Mário Quintana, com a convicção de que meu ponto final insiste em me apontar um novo início.

A Coisa

A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.

Referências bibliográficas

- ALCÂNTARA, C. C. (2003).** *As classes formais do Português e sua constituição: um estudo à luz da Morfologia Distribuída.* Tese de Doutorado, Porto Alegre:PPGL/PUCRS.
- BENVENISTE, E. (1966).** *Problèmes de linguistique générale.* Éditions Gallimard (Bibliothèque des Sciences Humaines).
- BISPO, K. F. (2004).** “A sintaxe do dativo no PB” em *Cadernos do CNLF*, número 14, volume VIII, Rio de Janeiro: VIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, pp 23-30.
- BRISOLARA, L. B. (2004).** *A prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil: uma análise variacionista com base na elevação da vogal átona /e/.* Dissertação de Mestrado, Pelotas: UCPEL.

- BONET, E. (1991).** *Morphology after syntax: Pronominal clitics in Romance*. Tese de Doutorado: Massachusetts: MIT.
- BURZIO, L. (1986).** *Italian Syntax*, Reidel: Dordrecht.
- CALABRESE, A. (1998).** “Some remarks on the Latin case system and its development in Romance” em Trevis & Lema (eds.) *Theoretical Analysis of Romance Languages*, Amsterdam: John Benjamins, 71-126.
- CINQUE, G. (1988).** *Types of A'-Dependencies*, Cambridge (MA): MIT Press.
- CASTRO, M. S. (2002).** *A sintaxe dos clíticos pronominais do dialeto gaúcho atual*, Dissertação de Mestrado: PPGL/PUCRS.
- CHOMSKY, N. (1970).** “Remarks on Nominalization” em *Readings in Transformational Grammar*, R. A. Jacobs and P. S. Rosenbaum (eds.), Ginn, Waltham, MA, 184-221.
- (1986 a). *Knowledge of Language, Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger Publishers.
- (1993). “A Minimalist Program for Linguistic Theory”, em *MIT Occasional Papers in Linguistics 1*, Cambridge, MA: MIT Dept. of Linguistics.

----- (1995). *The Minimalist Program*; Cambridge, MA: MIT Press.

----- (1998). “Minimalist Inquiries: the framework” em *MIT Occasional Papers in Linguistics 15*, Cambridge, MA: MIT Dept. Of Linguistics.

----- (1999). *O Programa Minimalista*. Tradução de Eduardo Paiva Raposo; Lisboa: Editorial Caminho.

----- (2001). “Beyond Explanatory Adequacy” em *MIT Occasional Papers in Linguistics 20*, Cambridge, MA: MIT Dept. Of Linguistics.

COSTA, J. & FIGUEIREDO SILVA (2002). “Notes on nominal and verbal agreement in Portuguese” em *Revista di Grammatica Generativa*, n. 27: Uni Press, pp.17-29.

CYRINO, S. M. L. (1993). “Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos” em Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, p. 163-184.

----- (1997). *O Objeto Nulo no Português do Brasil – um estudo sintático-diacrônico*, Londrina: Editora da UEL.

- DUARTE, I. (2001).** Tópicos de Sintaxe Comparada, relatório de pesquisa referente ao Decreto 301/72, Lisboa, Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa.
- EMBICK, D. (2000).** “Features, Syntax, and Categories in the Latin Perfect”. *Linguistic Inquiry* 31:2, 185-230.
- EMBICK, D. (2004).** Seminario de Doctorado em Morfologia Distribuída (handouts). Buenos Aires: Facultad de Filosofia y Letras, UBA.
- EMBICK, D. & HALLE, M. (2004).** Forthcoming: *Word Formation: Aspects of the Latin Conjugation in Distributed Morphology*. Amsterdam: Mouton de Gruyter.
- EMBICK, D. & NOYER, N. (2001).** “Movement Operations after Syntax” em *Linguistic Inquiry* 32:4, 555-595.
- EMBICK, D. & NOYER, N. (2004).** “Distributed Morphology and the Syntax-Morphology Interface” Forthcoming: RAMCHAND & REISS (eds.) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, Oxford: Oxford University Press.
- FÁVERO, L.; ANDRADE, M. & ARAÚJO, Z. (1996).** “Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado” em Castilho, A. & Basílio, M.

(orgs.) Gramática do Português Falado IV, Campinas: Editora da UNICAMP, pp.473-508.

GALVES, C. (1993). “O enfraquecimento da concordância no PB” em Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, p. 387-408.

----- **(1996).** “Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica” em Castilho, A. & Basílio, M. (orgs.) Gramática do Português Falado IV, Campinas: Editora da UNICAMP, pp.273-319.

----- **(2000).** “Agreement, Predication, and Pronouns in the History of Portuguese” em Costa, J. (org.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, Oxford: Oxford University Press, p. 143-168.

----- **(2001).** *Ensaio sobre as gramáticas do português*, Campinas: Editora da UNICAMP.

GROPPI, M. (1997). Pronomes pessoais no PB e no espanhol do Uruguai. Tese de Doutorado: FFLCH/USP, Departamento de Filologia e Língua Portuguesa.

HALLE, M. (1997). “Distributed morphology: Impoverishment and fission.” em [MITWPL](#) 30: Papers at the Interface, ed. Benjamin Bruening, Yoonjung Kang and Martha McGinnis. MITWPL, Cambridge, 425-449.

HALLE, M. & MARANTZ. A. (1993). “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection” em *The View from Building 20*, ed. Kenneth Hale and S. Jay Keyser. MIT Press, Cambridge, 111-176.

KENSTOWICZ, M. (1994). *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge: Blackwell, pp.195-249.

HALLE, M. & MARANTZ A. (1994). “Some key features of Distributed Morphology.” em [MITWPL](#) 21: Papers on phonology and morphology, ed. Andrew Carnie and Heidi Harley. MITWPL, Cambridge, 275-288.

HARRIS, J. (1994). “The syntax-phonology mapping in Catalan and Spanish clitics.” em [MITWPL](#) 21: Papers on phonology and morphology, ed. Andrew Carnie and Heidi Harley. MITWPL, Cambridge, 321-353.

HARRIS, J. (1997a). “Why *n'ho* is pronounced [li] in Barceloni Catalan.” em [MITWPL](#) 30: Papers at the Interface, ed.

Benjamin Bruening, Yoonjung Kang and Martha McGinnis.
MITWPL, Cambridge, 451-479.

HARRIS, J. (1997b). “There is no imperative paradigm in Spanish.” em *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, ed. Fernando Marti'nez-Gil and Alfonso Morales-Front. Georgetown University Press, Washington, 537-557.

HARLEY, H. & NOYER, R. (1999). “Distributed Morphology”.
Glott International .4:4, 3-9.

HEAP, D. & ROBERGE, Y. (2001). “ Cliticisation et théorie syntaxique, 1971-2001”, *Revue québécoise de linguistique*, Volume 30, numéro 1, 2001 : *1971-2001 : Trente ans de linguistique* . Montréal : Université du Québec.

ILARI, R.; FRANCHI, C. & NEVES, M. H. M. (1996). “Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise” em Castilho, A. & Basílio, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado IV*, Campinas: Editora da UNICAMP, pp.79-166.

JAKOBSON, R. (1956/1971). “Signe Zéro” em *Selected Writings*, vol. II, Mouton, The Hague, pp. 130-147.

- KANTHACK, G. S. (2002).** *Clíticos pronominais no PB*. Tese de Doutorado, Florianópolis:PPGL/UFSC.
- LUMSDEN, J. S. (1987).** *Syntactic Features: Parametric Variation in the History of English*. Tese de Doutorado, Cambridge (MA): MIT.
- MARANTZ, A. (1997a).** “No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own Lexicon.” Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium: Penn Working Papers in Linguistics 4: 2, ed. Alexis Dimitriadis et.al. 201-225.
- MATEUS et alii (2003).** *Gramática da Língua Portuguesa*, capítulo 20.5: Tipologia dos pronomes clíticos (de autoria de Ana Maria Brito), pp. 826-844. Lisboa: Editorial Caminho.
- NOYER, R. (1997).** *Features, Positions and Affixes in Autonomous Morphological Structure*. Garland Publishing, New York. Tese de Doutorado: Massachusetts: MIT.
- NOYER, R. (1998).** “Impoverishment theory and morphosyntactic markedness.” em *Morphology and its relation to phonology and syntax*, ed. Steve Lapointe, Diane K. Brentari, and Patrick Farrell. CSLI, Stanford, 264-285.

- KANTHACK, G. S. (2002).** *Clíticos pronominais no Português do Brasil*, Tese de Doutorado, Florianópolis:PPGL/UFSC.
- KAYNE, R. (1975).** *French Syntax – The Transformational Cycle*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- (1991). “Romance clitics, Verb Movement and PRO”; *Linguistic Inquiry* 22, p. 647 - 686.
- LOBO, T. (1992).** *A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia: Faculdade de Letras.
- LOREGIAN-PENKAL, L. (2005).** “Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista” em *Cadernos de Estudos Lingüísticos XXXIV*, Campinas: UNICAMP: IEL. pp. 362-367.
- LUIZE, T. B. (1997).** *Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: PPGL/UFSC.
- MARTINS, A. M. (1994).** *Clíticos na História do Português*, Tese de Doutorado, Lisboa: Faculdade de Letras.
- MONTEIRO, J. L. (1991).** *Os pronomes pessoais no Português do Brasil*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro:UFRJ.

NUER – Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações interétnicas, Florianópolis: CFH, Departamento de Antropologia, UFSC.

NUNES, J. (1990). *O famigerado se*; Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP.

----- (1993a). “Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro” **in** Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP.

----- (1995). “Ainda o famigerado *se*”, Revista DELTA, v. 11, n.º. 2; São Paulo: Editora da PUC, p.201-240.

PAGOTTO, E. G. (1992). *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*; Dissertação de Mestrado, Campinas:UNICAMP.

----- (1993). “Clíticos, mudança e seleção natural” **in** Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, p. 185-206.

- PARCERO, L. M. J. (1999).** *Fronteamentos de Constituintes no Português dos séculos XV, XVI e XVII*. Dissertação de Mestrado, Campinas: IEL/UNICAMP.
- PAREDES, V. L. (1988).** *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese (Doutorado). UFRJ, Rio de Janeiro.
- PEREIRA, M. G. D. (1981).** *A variação na colocação dos pronomes átonos no Português do Brasil*; Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC.
- PERLMUTTER, D. (1971).** *Deep and Surface structure Constraints in Syntax*. Holt, Rinehart and Winston, New York.
- PRETTI, D. (sem data).** *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. Volumes I, II, III e IV. São Paulo: FAPESP. Projeto NURC/SP.
- RISSE, M. (1996).** “O articulador discursivo *então*” em Castilho, A. & Basílio, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado IV*, Campinas: Editora da UNICAMP, pp.423-451.
- ROCHA, M. A. F. (1996).** “Adjuntos sem cabeça no português do Brasil” em Castilho, A. & Basílio, M. (orgs.) *Gramática*

do Português Falado IV, Campinas: Editora da UNICAMP, pp.341-378.

SCHEI, A. (2003a). *A colocação pronominal do Português Brasileiro – a língua literária contemporânea*, São Paulo:Humanitas (FFLCH/USP).

----- (2003b). “Algumas observações sobre a colocação dos pronomes clíticos no português brasileiro falado”. *Studia Neophilologica* 75: 58-70; Taylor & Francis Publishig Group.

SILVEIRA, G. (1997). *O comportamento sintático dos clíticos no Português do Brasil*; Dissertação de Mestrado, Florianópolis:UFSC.

SPORTICHE, D. (1998). *Partitions and Atoms of Clause Structure – Subjects, agreement, case and clitics*; Londres: Routledge.

TARALLO, F. (1983). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado, Universidade de Pensilvânia.

----- (1993). “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX”

em Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, p. 69-105.

TORRES MORAIS, M. A. C. R. (1993). “Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil” em Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, p. 263-306.

VIEIRA, S. R. (2002). *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

ZUBIZAREETA, M. L. (1998). *Prosody, focus, and word-order*. Cambridge (MA): MIT Press.

ZWICKY, A. (1977). *On clitics*; Bloomington: Indiana University Linguistics Club.

----- (1994). “Clitics” em Asher, R.E. (ed.) *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, Oxford: Pergamon Press, volume III, pp.571-576.

ZWICKY, A. & PULLUM, C. (1983). “Cliticization vs. inflection: English *n't*”; *Language* 59, 502-13.